



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Centro de Letras, Comunicação e Artes

Mestrado Profissional em Letras em Rede



TATIANA CANONICI NIRO

**LEITURA E ESCRITA LITERÁRIAS: PROMOVENDO O
LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE MINICONTOS**

MARINGÁ
2025

TATIANA CANONICI NIRO

**LEITURA E ESCRITA LITERÁRIAS: PROMOVENDO O
LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE MINICONTOS**

Projeto apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (Profletras) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre Profissional em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Mirian
Hisae Yaegashi Zappone

MARINGÁ
2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

N721L	Niro, Tatiana Canonici Leitura e escrita literárias : promovendo o letramento literário a partir de minicontos / Tatiana Canonici Niro. -- Maringá, PR, 2025. 121 f. : il. color. Acompanha produto educacional: Minicontos no ensino fundamental : da leitura para a escrita e da escrita para a leitura. [43] f. Orientadora: Profa. Dra. Mirian Hisae Yaegashi Zappone. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional, 2025. 1. Leitura literária. 2. Letramento literário. 3. Minicontos. 4. Leitura e escrita - Minicontos - Ensino Fundamental. I. Zappone, Mirian Hisae Yaegashi, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional. III. Título. CDD 23.ed. 418.4
-------	--

TATIANA CANONICI NIRO

**LEITURA E ESCRITA LITERÁRIAS: PROMOVENDO O
LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE MINICONTOS**

**BANCA EXAMINADORA
PARTICIPAÇÃO DE FORMA
VIRTUAL**



Documento assinado digitalmente
MIRIAN HISAEYAEGASHI ZAPPONE
Data: 30/05/2025 20:59:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a) Dr(a) Mirian Hisae Yaegashi Zappone (UEM)

ORIENTADOR(A)



Documento assinado digitalmente
MARIA DE FATIMA DO NASCIMENTO
Data: 05/06/2025 15:20:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a) Dr(a) Maria de Fátima do Nascimento (UFPA)



Documento assinado digitalmente
LOIDE NASCIMENTO DE SOUZA
Data: 31/05/2025 15:26:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a) Dr(a) Loide Nascimento de Souza (UEM)
AVALIADOR(A)

APROVADO(A) EM 08/05/2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar e fortalecer em cada passo desta jornada. Sua luz me acompanhou nos momentos de dúvida e me inspirou a seguir em frente.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha orientadora Profa. Dra. Mirian Hisae Yaegashi Zappone, cuja orientação e apoio foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sua sabedoria e dedicação me guiaram em cada etapa deste percurso.

Agradeço também ao professor Dr. Ricardo Augusto de Lima, por me proporcionar a honra de contar com sua contribuição em dois momentos importantes: no simpósio do programa PROFLETRAS e na qualificação. Sua visão e expertise enriqueceram minha pesquisa de maneira significativa.

Aos professores das disciplinas do mestrado, meu sincero agradecimento por compartilharem seu conhecimento e por estimularem meu crescimento acadêmico. Cada um de vocês deixou uma marca especial em minha jornada.

Aos meus colegas de turma, sou grata pelo companheirismo e pelas trocas valiosas que vivemos juntos. Vocês tornaram essa experiência ainda mais enriquecedora e memorável.

À minha família, agradeço pelo amor incondicional e pelo apoio constante. Sem vocês, nada disso seria possível.

À direção do colégio, agradeço a oportunidade de desenvolver meu trabalho em um ambiente tão acolhedor.

Por fim, aos meus alunos, que sempre me inspiram a buscar novos conhecimentos e a compartilhar a paixão pela leitura e pela escrita. Vocês são a razão pela qual continuo a aprender e a ensinar com entusiasmo.

E, não menos importante, agradeço a mim mesma por ser resiliente, dedicada e por nunca desistir dos meus sonhos. Acredito que cada desafio enfrentado me fortaleceu e me trouxe até aqui.

A todos, meu muito obrigada!

RESUMO

Este estudo investiga o impacto do ensino de leitura e escrita de minicontos na promoção do letramento literário para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa-ação foi realizada em uma escola pública do Paraná e fundamenta-se em teorias do letramento literário e nas propostas de leitura do texto literário de Candido (1999, 2000), Hansen (2005) e Aguiar (2000). Para a aplicação da intervenção didática, foram utilizados minicontos selecionados do livro “Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século”, organizado por Marcelino Freire, como base para a leitura, interpretação e produção de minicontos. Os exercícios aplicados seguiram uma sequência didática estruturada, contemplando atividades de leitura, análise interpretativa, retextualização e criação de minicontos. Os alunos foram estimulados a explorar elementos e a sequência dos textos narrativos. Além disso, a escrita dos textos foi compartilhada em redes sociais, incentivando a interação e ampliação do engajamento com a literatura. Os resultados indicam que a produção escrita contribuiu para o aprimoramento da competência leitora, permitindo que os estudantes desenvolvessem maior autonomia na interpretação de textos literários. Conclui-se que o miniconto, por sua brevidade e impacto expressivo, constitui uma ferramenta didática eficaz para estimular o interesse pela leitura e fortalecer práticas de letramento literário no ambiente escolar, ainda que tenha se mostrado um gênero um tanto complexo para a faixa etária na qual as atividades foram desenvolvidas.

Palavras-chave: letramento literário, miniconto, ensino fundamental.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES Superior	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EF	Ensino Fundamental
LP	Língua Portuguesa
LRCO	Livro de Registro de Classe Online
PAEE	Professor de Apoio Educacional Especializado
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
QPM	Quadro Próprio do Magistério
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEED	Secretaria Estadual de Educação
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. LETRAMENTO LITERÁRIO E LEITURA LITERÁRIA.....	17
3. MINICONTO E A LEITURA LITERÁRIA.....	29
4. PERCURSO METODOLÓGICO.....	46
4.1 Os participantes	47
4.2 A intervenção didática	48
4.3 O recurso educacional	53
5. A APLICAÇÃO DA INTERVENÇÃO DIDÁTICA.....	77
5.1 A avaliação diagnóstica.....	79
5.2 Oficina 1: Elementos da narrativa em foco	85
5.3 Oficina 2: Explorando o universo dos minicontos.....	92
5.4 Oficina 3: Retextualizando contos e minicontos	99
5.5 Oficina 4: Minicontos nas redes sociais	102
5.6 Avaliação final	110
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
7.REFERÊNCIAS.....	119

1. INTRODUÇÃO

Minha carreira na docência iniciou-se antes mesmo do ingresso na universidade. Cursava o ensino médio no turno matutino, e no vespertino dava aulas da disciplina de Língua Inglesa em uma escola de idiomas na cidade de Colorado - Paraná para arcar com os custos de um curso de Inglês avançado. Comecei como professora de reforço escolar e, um semestre depois, estava lecionando para minha primeira turma kids. Foi a partir dessa experiência que passei a pensar que poderia fazer da docência minha profissão.

Até que, no ano de 2002, iniciei o curso de licenciatura em Letras - Português e Inglês na Universidade Estadual de Maringá – UEM. Continuei trabalhando como professora de Língua Inglesa em escolas de idiomas para custear as despesas de morar longe de casa e de cursos preparatórios para obter certificação de proficiência na língua em que eu ministrava as aulas durante todo o período que cursei a universidade.

Em 2010, cursei a Especialização em Ensino de Língua Estrangeiras na Unespar, em Paranavaí, e voltei a residir na cidade de Colorado, trabalhando novamente como professora de Inglês em duas instituições, uma de idiomas e outra da rede privada.

Assim, por ter dedicado grande parte de minha formação profissional às questões relacionadas ao ensino de outro idioma, sempre me vi como professora de língua estrangeira e demorei a aceitar os convites para lecionar nossa língua.

Apenas em 2012, quando tive a oportunidade de assumir turmas na rede estadual de ensino, no Ensino Médio noturno, tive firmeza para começar minha jornada como professora de Língua Portuguesa. E, em 2017, assumi definitivamente meu cargo no Quadro Próprio do Magistério (QPM) no estado do Paraná com a disciplina de Português.

A trajetória que iniciei há 12 anos tem sido uma jornada transformadora. Ao longo desse tempo, pude vivenciar os desafios e as oportunidades presentes no contexto educacional. A sala de aula tornou-se não apenas um espaço de transmissão de conhecimento, mas também um ambiente de troca e construção coletiva de saberes. A experiência como educadora me proporcionou percepções valiosas sobre as necessidades e potencialidades dos estudantes.

Entretanto, com o passar dos anos, fui notando que os alunos tinham cada vez mais dificuldades em apropriar-se dos conteúdos que eram ensinados, talvez porque aquilo não era relevante em suas vidas frente às diversas situações cotidianas do uso da linguagem. Percebi que precisava mudar minha prática e que, para isso, precisava estudar mais.

Assim, em 2023, comecei a cursar o PROFLETRAS, Mestrado Profissional em Letras Profissional, cujo principal propósito é contribuir para aprimorar a qualidade do ensino básico público. Durante o curso, adquiri fundamentação teórica centrada numa visão de linguagem e língua como um processo de interação, e suas consequências na formação do indivíduo. Considerando que um dos requisitos do programa é aplicar a teoria aprendida numa proposta de intervenção didática destinada a uma instituição de ensino pública, utilizei essa oportunidade para repensar minha prática pedagógica.

Nesse sentido, esta pesquisa-ação teve como tema o ensino da leitura do gênero textual minicontos. Para tanto, selecionamos o livro “Os cem menores contos brasileiros do século”, organizado por Marcelino Freire e lançado em 2004 pela Ateliê Editorial, como ferramenta pedagógica para trabalharmos o desenvolvimento das habilidades de leitura e promovermos o letramento literário dos vinte e nove alunos do 9º A ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Cívico Militar Cecília Meireles de Colorado.

Elaboramos um recurso educacional que contempla uma sequência de didática ancorada no conceito de leitura literária segundo os preceitos da crítica literária, tal qual propõem Candido (1999, 2000) Hansen (2005) e Aguiar (2000), no qual abordaremos atividades de leitura, compreensão, interpretação e produção do gênero miniconto.

Intencionamos observar como as práticas de escrita literária podem ser formas de engajar os estudantes na leitura de textos literários, ou seja, de que maneira o trabalho com a produção escrita de minicontos pode influenciar positivamente a promoção da competência leitora dos alunos, levando-os a uma leitura literária mais apurada.

Com a experiência em sala de aula como professora de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental da rede pública do Estado do Paraná, pude observar que muitos dos nossos alunos, mesmo após completarem este estágio do ensino, apresentam dificuldades para interpretar, extrair significados, construir

conhecimento por meio da interação com o texto literário, e ainda mais, não conseguem desenvolver perspectivas críticas em relação ao conteúdo textual.

Dentro da sala de aula, encontramos limitações impostas por turmas numerosas e recursos escassos. O tempo de atenção dos estudantes está cada vez mais reduzido, eles distraem-se com as tecnologias e não conseguem mais realizar leituras de textos longos por falta de concentração. Os professores precisam cumprir metas de utilização de plataformas de leitura (Leia Paraná), que disponibilizam um número insuficiente de títulos de livros de literatura que podem interessar os estudantes, usando equipamentos que muitas vezes não funcionam adequadamente. Isso dificulta a individualização do ensino e o acompanhamento mais próximo das necessidades específicas de cada estudante, levando-os ao desinteresse.

As limitações na compreensão da leitura podem ser observadas também na dificuldade que alunos têm em acompanhar o ritmo da leitura em sala de aula, demonstrando falta de fluência e entendimento. Além disso, ao realizar atividades de interpretação de texto, alguns têm dúvidas em extrair informações essenciais, identificar ideias principais e fazer inferências a partir do texto. As respostas dos alunos em questionários e discussões em sala de aula também refletem essa barreira, mostrando lacunas na assimilação do conteúdo lido. Alguns alunos podem até expressar frustração ou desinteresse em relação à leitura, o que sinaliza uma barreira emocional associada à dificuldade.

Essa percepção pode ser confirmada com as avaliações externas, como o Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), que em seu último resultado, divulgado em 2023, avaliou que os estudantes brasileiros não tiveram avanços significativos entre 2018 e 2022 em matemática, leitura e ciências. O Brasil apresentou uma média de desempenho de 410 pontos na área de leitura. Essa pontuação revela-se estatisticamente inferior à média registrada no Chile (448) e Uruguai (430), porém superior à da Argentina (401). Em relação aos estudantes do nosso país, constata-se que 50% apresentaram baixo desempenho nessa disciplina (classificados abaixo do nível 2).

No final do 1º trimestre de 2024, a turma do 9º ano A realizou a 1ª edição da Prova Paraná Digital utilizando a plataforma Quizziz.com e a média de acertos das questões de Língua Portuguesa, de acordo com o resultado divulgado pela SEED por meio do aplicativo Power BI, foi de 55,24%, sendo que 15, dos 29 alunos,

acertaram menos que 54%. Esse resultado confirma os dados apontados anteriormente, que refletem a realidade da competência leitora de nossos alunos.

A prática da leitura literária ultrapassa a mera decodificação de palavras, trata-se de um meio de acesso ao saber e ao entendimento do mundo. Através da imersão na literatura, o aluno apropria-se da língua e encontra espaço para a construção de sua identidade, expandindo seu conhecimento e reorganizando seu universo simbólico. A familiaridade com diferentes obras literárias permite navegar por experiências diversas, refletir sobre a condição humana e despertar a imaginação, elementos essenciais para o avanço intelectual e emocional do indivíduo, como afirma Petit (2009). De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para que a prática da literatura possa desenvolver sua natureza humanizadora, transformadora e mobilizadora, é necessário assegurar a capacitação de um leitor apto a se envolver ativamente na interpretação dos textos, de descobrir as diversas camadas de significado, de responder às suas exigências e de estabelecer pactos de leitura (Brasil, 2017).

Nessa direção, optamos pelo trabalho com o gênero textual miniconto como ponto central de nossa abordagem pedagógica para explorarmos a concisão narrativa e a capacidade de síntese dos educandos, desafiando os alunos, a compreenderem as nuances literárias em espaços textuais reduzidos. Existem numerosos estudos acadêmicos que exploram o potencial pedagógico do miniconto. Em busca realizada em março de 2024 no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES utilizando o modalizador “escrita de minicontos”, encontramos 20 resultados, entre os quais destacamos a dissertação intitulada *“Leitura e produção de minicontos em aulas de Língua Portuguesa”* de Analidia Tafuri – Universidade de Taubaté, publicada em 2019, que aborda a leitura de obras literárias clássicas, a criação e compartilhamento de minicontos em redes sociais. O trabalho constata que o miniconto é um gênero pouco contemplado nos livros didáticos e que, por meio dele, é possível estimular e aprimorar as capacidades discursivas de leitura e escrita dos alunos participantes, além de fornecer insights úteis para outros educadores interessados em incorporar ferramentas digitais e a perspectiva dos multiletramentos em suas práticas pedagógicas.

Também contribui para a discussão do tema de nosso trabalho a dissertação *“Mínimas palavras, máxima expressão: o miniconto como prática de leitura e escrita”*, de Luis Claudio de Lima Oliveira – Profletras Universidade Estadual de

Feira de Santana, publicada em 2018, que propõe uma intervenção pedagógica para o ensino de Língua Portuguesa, utilizando uma sequência didática composta por oficinas que abrangem atividades de leitura, discussão, pesquisa, produção escrita e reflexão sobre a escrita, focadas no gênero miniconto. O objetivo é promover o desenvolvimento da competência discursiva em alunos do 9º ano do Ensino Fundamental com dificuldades nas práticas de leitura e escrita. Oliveira aponta que o gênero miniconto promove um ensino interativo da língua e contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Outra dissertação que subsidia nossa temática é *“O miniconto nas tessituras do letramento literário: práticas de ensino de leitura e escrita com mininarrativas no 6º ano”* de Elaine Cristina Araujo de Maria – Profletras UNEB, publicada em 2021. O estudo apresentou uma Sequência Didática que empregou o miniconto com o intuito de fomentar o letramento literário e elaborar estratégias de leitura e escrita de obras literárias na sala de aula, direcionadas aos estudantes do 6º ano. O objetivo foi investigar como os princípios do letramento literário poderiam ser aplicados por meio de minicontos para aprimorar as habilidades de leitura e escrita desses alunos. Foi observada a falta do gênero nos materiais didáticos e a carência de atividades educativas relacionadas aos minicontos.

Na mesma plataforma, utilizados os modalizadores “leituras literária miniconto”, encontramos um total de 11 resultados, entre as quais destacamos a dissertação *“Minicontos em blogs, a literatura por meio digital: um caminho para os desafios do letramento literário no 7º ano do Ensino Fundamental”*, de Laiane Leila de Moura Silva – Profletras Universidade de Pernambuco, publicada em 2020. A pesquisa consistiu em uma intervenção pedagógica empregando o gênero miniconto por meio de blogs e investigou de que forma a vivência literária digital com minicontos em blogs afeta o desenvolvimento das habilidades de leitura e a formação de leitores. Analisou a produção de minicontos pelos estudantes e descreveu como o letramento literário se manifesta na criação e compartilhamento dos minicontos em blog.

Por fim, evidenciamos a tese *“Minicontos na internet e a formação de leitores”*, de Simone de Souza Burguês – UEM, publicada em 2019, que aborda a crescente presença de minicontos na internet e seu papel na formação de leitores, analisa a produção e circulação desse gênero literário, bem como sua influência na

evolução dos suportes e práticas de leitura. Os resultados indicam que o miniconto online atende às expectativas de um leitor dinâmico e interativo.

Os estudos mencionados apontam que embora o gênero miniconto esteja em ascensão, principalmente nas redes sociais, e vá ao encontro de um novo perfil de leitor que busca textos mais rápidos, os livros didáticos praticamente não o contemplam. Pensando no contexto paranaense, esse gênero literário ainda não é abordado nas aulas direcionadas aos nonos anos, conforme consta no Livro Registro de Classe Online (LRCO), instituído pela Resolução n.º 3550/2022 GS/SEED como documento eletrônico para o registro *on-line* de frequências, conteúdos/planejamentos e avaliações dos estudantes estabelecido pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná.

A ausência do miniconto nesse contexto educacional específico sugere uma lacuna no desenvolvimento literário dos alunos, privando-os de uma experiência textual rica e desafiadora. Assim, precisamos pensar em materiais que possam auxiliar os professores na utilização de tais textos em sala de aula para estimular o interesse dos alunos e criar oportunidades para o desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita.

A definição dos minicontos como ferramenta pedagógica destaca-se por sua brevidade, uma vez que essa característica proporciona uma abordagem acessível para os estudantes, possibilitando a leitura rápida e a compreensão em um curto período. Essa característica é especialmente valiosa para alunos que podem sentir-se desafiados por textos mais extensos. Além disso, a concisão dos minicontos estimula a reflexão profunda sobre a linguagem, a estrutura narrativa e os elementos simbólicos, promovendo a habilidade de análise literária.

A diversidade temática presente também amplia as experiências de leitura dos alunos, permitindo a exploração de diferentes estilos e perspectivas. Ao incorporar minicontos, a prática de leitura torna-se dinâmica, cativante e propícia ao desenvolvimento das habilidades literárias, incentivando-os a se tornarem leitores mais críticos, criativos e envolvidos com o universo literário. De acordo com Paulino, o gênero pode ser definido como “um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo sobre o leitor” (2001, p. 137).

Nossa proposta de ensino aborda a Competência 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, apresentada pela BNCC, que afirma que o professor

deve envolver os estudantes em atividades de leitura literária que viabilizem o aprimoramento do senso estético para fruição, destacando a literatura e outras expressões artístico-culturais como meios para explorar as “dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.” (Brasil, 2017, p. 87).

Segundo esse documento norteador (BNCC, 2017), para proporcionar uma formação literária aos alunos é necessário desenvolver habilidades que:

(...) envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos (Brasil, 2017, p.138.)

Para que isso aconteça, o documento orienta que as instituições organizem seus currículos a fim de oportunizar o contato dos estudantes com uma ampla variação de expressões culturais contemporâneas (como slams, vídeos diversos, playlists comentadas, raps, entre outros gêneros musicais), minicontos, nanocontos, best-sellers, literaturas juvenis nacionais e estrangeiras, que possam estabelecer uma conexão dos jovens com as diversas culturas que contribuem para a formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil (Brasil,2017).

Assim, nosso objetivo é investigar a relação entre a produção da escrita literária como atividade propulsora da leitura compreensiva de textos literários, ou seja, investigar se a produção escrita de um texto literário tendo como base a leitura dele pode levar os alunos a uma compreensão mais ampla e profunda do texto lido. Para tanto, serão utilizados minicontos como ferramenta pedagógica para aprimorar as habilidades de leitura, interpretação e produção criativa por estudantes do ensino fundamental, visando compreender o impacto dessa abordagem no desenvolvimento das competências de leitura e escrita literárias, incentivando a prática da leitura como uma ação destinada a formar estudantes que possam compreender a essência do texto literário, ou seja, seu significado profundo.

Isto posto, nosso intuito durante a realização da proposta é desenvolver atividades de leitura e interpretação de minicontos como forma de promover o letramento literário; desenvolver atividades de escrita de minicontos como atividade correlata à leitura literária; e investigar como os alunos, ao se colocarem no papel de autores, desenvolvem habilidades de compreensão e interpretação do texto literário.

Desse modo, esse trabalho foi estruturado em cinco sessões. A sessão intitulada "Letramento literário e Leitura literária" investiga os conceitos de letramento literário e leitura literária, destacando sua importância para o desenvolvimento crítico e criativo dos alunos.

A segunda sessão, "Miniconto e leitura literária", aprofunda-se na análise do gênero miniconto como uma forma breve e impactante de expressão literária, explorando suas características e potenciais para estimular a imaginação e a reflexão dos leitores.

Na terceira sessão, "Desenvolvendo práticas de leitura literária a partir de minicontos", são apresentadas estratégias e atividades práticas para incorporar minicontos no ensino da leitura literária, promovendo a interação ativa dos alunos com textos literários.

A quarta sessão, "A leitura e a escrita de minicontos na escola", discute a importância de não apenas ler, mas também produzir minicontos como parte do processo de formação leitora dos estudantes.

Por fim, a última sessão sintetiza as principais conclusões da dissertação, destacando a relevância do letramento literário e da prática de leitura literária, especialmente quando aliados ao uso da produção criativa e do miniconto, para a formação integral dos alunos e para a revitalização do papel da literatura no ambiente escolar.

2. LETRAMENTO LITERÁRIO E LEITURA LITERÁRIA

Em seu texto "O direito à literatura", o professor Antonio Candido afirma que a literatura é um direito humano que colabora para a formação de cidadãos mais humanizados no sentido de invocar nos homens a identificação, a empatia, o acesso à alteridade, ampliando, assim, a mundividência dos seres humanos.

No entanto, nem todos têm acesso aos textos literários, seja devido à segregação ou à carência de instrução, e, por conseguinte, é preciso que a instituição educacional reestruture sua metodologia no ensino de literatura para assegurar seu compromisso de promover a formação de leitores e de leitores de textos literários.

Candido (2004) sustenta que é impossível viver sem ter algum contato com narrativas imaginárias ou com textos ficcionais. Dessa maneira, a literatura seria um recurso insubstituível, fortalecendo a humanidade do ser humano, já que este necessita dela como um espaço de imaginação e expressão poética que ele adentra diariamente.

O autor salienta a importância da literatura como uma ferramenta essencial para o enriquecimento intelectual e emocional dos indivíduos, promovendo uma compreensão mais profunda do mundo ao nosso redor, sendo um recurso poderoso na educação, capaz de estimular o pensamento crítico e a compreensão dos problemas enfrentados pela humanidade. Segundo Candido (2004), a literatura é uma ferramenta valiosa para a educação e é compreendida como um instrumento intelectual, pois ela valida e contradiz, sugere e declara, defende e contesta, possibilitando uma vivência dialética dos problemas.

Sua relevância na formação humana é mencionada por diversos autores. Entre eles, Zappone (2008) argumenta que a literatura tem o potencial de gerar impactos significativos na vida de um indivíduo e até mesmo alterar a maneira como ele se comporta na sociedade.

Assim, é fundamental a reflexão sobre o caráter social da leitura. Zilberman (1988) afirma que cabe à instituição educacional ir além da simples transmissão de conhecimentos como uma herança cultural. É essencial que a escola promova a transformação do indivíduo em um leitor, utilizando o texto como uma ponte entre o sujeito e o mundo, e a prática da leitura como uma experiência enriquecedora da realidade. No entanto, o processo de ensinar a ler e a escrever implica

internalização de valores sociais estabelecidos pela sociedade burguesa, o que demanda uma reflexão sobre o aspecto social do ato de ler, visto que contém conflitos internos, os quais são os principais responsáveis pelas dificuldades na implementação de uma política consistente com o objetivo de possibilitar sua disseminação e democratização.

A BNCC (Brasil, 2017) enfatiza o papel primordial da educação literária na formação dos estudantes, destacando que seu objetivo não é apenas o ensino da literatura em si, mas a promoção do contato com textos literários para desenvolver a capacidade de apreciação e compreensão por parte dos leitores. Segundo o documento, é através do ensino da literatura que

O leitor descobre, assim, a literatura como possibilidade de fruição estética, alternativa de leitura prazerosa. Além disso, se a leitura literária possibilita a vivência de mundos ficcionais, possibilita também ampliação da visão de mundo, pela experiência vicária com outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos. (Brasil, 2017, p.65)

Ainda de acordo com as competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental estabelecidas pela BNCC, é necessário “Valorizar a literatura e outras manifestações culturais como formas de compreensão do mundo e de si mesmo.” (Brasil, 2017, p.65)

Inúmeros pesquisadores levantam uma reflexão sobre a atual situação do ensino de literatura nas escolas, destacando que muitas vezes ela é reduzida a um mero instrumento para ensinar habilidades básicas de leitura e escrita. Zilberman (2008) destaca que a presença da literatura nas instituições de ensino remonta aos sumérios, aos quais se atribui a invenção da escrita, e que estes já praticavam a transmissão de textos canônicos através de instituições administradas por sacerdotes. No entanto, o modelo de escola que prevalece atualmente é uma herança dos gregos dos séculos V e IV a.C., que atribuíam à poesia e à prosa a função de transmitir um padrão linguístico e cultural aos jovens, sob a tutela dos professores.

A autora (Zilberman, 2008) ressalta que, embora, no passado, o ensino da literatura estivesse mais voltado para a transmissão de um patrimônio cultural já estabelecido, hoje em dia sua função principal é formar leitores. Essa mudança de paradigma implica em conceber a leitura não como uma habilidade de decodificação

de textos escritos, mas como uma experiência única e enriquecedora com o texto literário. Dessa forma, a literatura está intrinsecamente ligada à leitura, e é essa relação que confere valor à sua presença no currículo escolar contemporâneo.

Essa abordagem utilitarista da literatura, que pode resultar na redução da sua diversidade também é mencionada por Lopes, Godeiro & Torres (2015), que afirmam que

(...) hoje a literatura resume-se, quase sempre, ao exercício de ensinar a ler e a escrever e de tornar culto o indivíduo. Na escola, geralmente, os textos literários são introduzidos na sala de aula para tornar as aulas menos cansativas e monótonas, porém precisam ser curtos, contemporâneos e “divertidos” e, acima de tudo, atender as expectativas do sistema escolar em primeiro lugar, as do professor em seguida e só depois as do aluno. (Lopes, Godeiro & Torres, p.6, 2015)

Consequentemente, Zilberman (2008) declara que o ensino de literatura enfrenta uma crise que é entendida como resultado da perda de sua eficácia pedagógica originalmente idealizada pela classe burguesa, o qual concebia a escola como um mero instrumento para a formação de mão de obra para os novos postos de trabalho demandados pelo processo de industrialização. Nesse paradigma, a educação literária se torna uma espécie de “preparação apressada”, centrada na assimilação de conceitos educacionais básicos. Como consequência, observa-se a falta de leitura entre os estudantes e seu desconhecimento da literatura nacional. Esse cenário converte-se em uma desvalorização do propósito das aulas de literatura, com alunos e professores questionando sua relevância e utilidade no contexto educacional.

Estamos frente a um cenário no qual se nota uma alteração nos padrões de leitura, especialmente entre os jovens, atraídos pela diversidade de linguagens e modalidades de expressão proporcionadas pelo universo tecnológico. Segundo Zilberman (2010),

(...) atendendo a novos segmentos sociais, o ensino de literatura vê se romperem os canais de comunicação entre o patrimônio literário e o público estudantil, cuja rejeição traduz-se na não leitura e na preferência por outros meios de expressão. (ZILBERMAN, 2010, p. 136)

Diante deste contexto, é imprescindível planejar e implementar ações que estimulem o ensino literário para desenvolver nos estudantes o gosto pela leitura. Por isso, para Zilberman (2008), a promoção da leitura do texto literário assume grande importância como um meio de aproximação à literatura e instrumento para a escola se reinventar e se manter relevante diante das transformações sociais e tecnológicas.

Assim, é necessário ressaltar que há diferenças entre a leitura literária proposta no ambiente escolar e as abordagens de letramento informais. A primeira é tratada como uma atividade que envolve investigação, coleta de dados e interpretação. O leitor crítico, nesse contexto, analisa a obra de forma detalhada, levando em conta suas características estéticas e a autoria, além de compará-la com outras obras que já leu anteriormente.

Nesse sentido, Hansen (2005) argumenta que os leitores de ficção podem estar mais interessados no mundo imaginário apresentado na obra do que nas convenções simbólicas e estéticas que a acompanham e que conferem literalidade a ela. No entanto, destaca que a leitura literária permite uma certa liberdade, mas não uma liberdade total. Para o autor, a leitura literária possui determinados protocolos que impedem que o leitor possa ver nela aquilo que quer, pois, “Para fazê-la [leitura literária], o leitor deve refazer [...] as convenções simbólicas do texto, entendendo-as como procedimentos técnicos de um ato de fingir” (Hansen, 2005, p. 26), ou seja, na medida em que o leitor lê, precisa interpretar as convenções simbólicas do texto como parte do ato de criação.

Ainda segundo Hansen (2005), quando o imaginário daquele que lê entra em contato com o mundo imaginado pelo autor e expresso no texto, a liberdade da imaginação está condicionada às convenções estabelecidas pelo texto. Em outras palavras, para que a leitura seja verdadeiramente literária, ele precisa seguir as convenções e regras impostas pelo texto, caso contrário, não estará lendo de forma literária. Isso implica que a verdadeira liberdade neste tipo de leitura não está na capacidade de imaginar sem restrições, mas sim na habilidade de interagir de forma criativa e respeitosa com o texto, dentro dos limites estabelecidos por ele.

Candido (2000) defende que

Quando nos colocamos ante uma obra, ou uma sucessão de obras, temos vários níveis possíveis de compreensão, segundo o ângulo

em que nos situamos. Em primeiro lugar, os fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir na designação de *sociais*; em segundo lugar o fator individual, isto é, o autor, o homem que a intentou e realizou, e está presente no resultado; finalmente, este resultado, o *texto*, contendo os elementos anteriores e outros, específicos, que os transcendem e não se deixam reduzir a eles. (Candido, 2000, p. 33).

Ou seja, para realizarmos a leitura de uma obra é preciso a compreensão de três níveis:

- Os fatores sociais, uma vez que a obra está vinculada ao tempo em que foi produzida e também as influências e contextos sociais da época em que foi criada;
- Os fatores individuais, o autor, pois ele traz consigo suas próprias experiências, perspectivas, motivações e intenções, que podem ser refletidas na obra de alguma forma;
- E o resultado, o texto que deve ser entendido como o produto final da criação artística. Isso sugere que uma obra de arte é mais do que a soma de suas partes, e pode ter camadas de significado e interpretação que vão além dos dois fatores citados anteriormente.

Desta maneira, podemos afirmar que leitura literária não é apenas uma atividade individual, mas também uma experiência que pode enriquecer e ampliar a compreensão do leitor sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor, pois a interpretação de textos literários muitas vezes exige a compreensão de diferentes perspectivas, contextos culturais e históricos, e a capacidade de se relacionar com personagens e situações complexas.

Outra competência fundamental na prática da leitura literária para Hansen (2005) é a capacidade do leitor de entender e se colocar no lugar do leitor visualizado pelo autor da obra. Isso demanda a compreensão do público-alvo imaginado pelo autor ao escrevê-la, e entender esse público pode ajudar a interpretar melhor suas escolhas e intenções. Isto significa que

Para que uma leitura se especifique como leitura literária é consensual que o leitor deva ser capaz de ocupar a posição semiótica de destinatário do texto, refazendo os processos autorais de invenção que produzem o efeito de fingimento, o leitor deve coincidir com o destinatário do texto para receber a informação de modo adequado. (Hansen, 2005, p. 19-20).

Assim, para que a obra seja compreendida de maneira integral e estabelecer uma visão crítica sobre o texto literário, Aguiar (2000) propõe quatro operações fundamentais, a saber:

- Paráfrase: esta operação envolve sintetizar e recontar o conteúdo da obra através da memória do leitor, utilizando suas próprias palavras;
- Análise: nesta etapa, o leitor examina as características específicas de cada gênero literário, por meio da avaliação de seus elementos e das conexões que estabelecem entre si;
- Interpretação: quem lê conecta as conclusões derivadas da análise da etapa anterior com outros campos da arte e do saber. Isso implica em tentar compreender a obra de maneira mais profunda, suas possíveis mensagens, simbolismos e relações com temas mais amplos da sociedade, cultura ou história;
- Comentário: envolve elementos externos, como dados sobre a vida do autor, questões políticas, sociais, hábitos e tradições, e o contexto de publicação que podem ajudar a contextualizar a obra em seu tempo e fornecer informações adicionais sobre seu significado.

Nesta perspectiva, Hansen (2005) sugere que para uma interpretação adequada de uma obra literária, o leitor precisa entender e seguir os procedimentos técnicos envolvidos no ato de imaginar. Isto significa ter conhecimento das regras específicas que regem o texto, bem como compreender como funciona a estrutura e o estilo da literatura. Ele argumenta que para uma leitura ser considerada literária, o leitor deve ser capaz de se colocar na posição do destinatário do texto, reconstruindo os processos criativos do autor.

As propostas dos autores abordados anteriormente não são apresentadas aqui como metodologias para o ensino da leitura de textos literários. Sinalizam, antes, um modo de compreender a leitura da literatura na qual se torna fundamental observar os elementos formais dos textos, ou seja, compreender que a literatura abarca, evidentemente, um alto grau de subjetividade, de polissemia. No entanto, ao lê-la, é preciso observar como aspectos constitutivos do discurso literário tais como o gênero literário do texto, seu contexto de criação, o mundo no qual ele foi criado, as escolhas formais e linguísticas utilizadas pelos autores, relacionadas diretamente aos estilos estéticos de cada período se manifestam no texto a fim de criar para ele um sentido. Ou seja, na leitura do texto literário não é possível pensar que apenas o

leitor empírico terá a palavra final sobre o texto, já que o texto, por si só impõe determinados sentidos. É por esta razão que Hansen (2005) menciona que o leitor de textos literários possui uma liberdade condicional ao ler.

Portanto, podemos afirmar que a interpretação de uma obra literária é influenciada pelos modelos de gêneros e estilos, que atuam como normas sociais para a recepção da obra literária e que sua interpretação é uma atividade complexa, pois esses modelos, juntamente com as diferenças entre destinatário e leitor, podem influenciar a forma como uma obra é recebida e compreendida.

Além de considerar a importância dos elementos textuais e contextuais na leitura dos textos literários, também pensamos que a leitura literária não se esgota quando esses aspectos são observados. Ela deve ir além do desvendamento das formas e dos sentidos dessas formas no texto. Cremos, a partir das indicações dadas por Candido, que a apreciação desses elementos todos (contexto, textualidade, estilo etc.) servem a um propósito maior, qual seja, o de desvendar, na obra, a visão de homem e de mundo que ela propõe. Só quando se atinge esta camada de leitura, pode-se dizer que o leitor, realmente, leu literariamente, tal como afirma Candido:

(...) embora concentrando o trabalho na leitura do texto e utilizando tudo o mais como auxílio de interpretação, não penso que esta se limite a indicar a ordenação das partes, o ritmo da composição, as constantes do estilo, as imagens, fontes, influências. Consiste nisso e mais em analisar a visão que a obra exprime do homem, a posição em face dos temas, através dos quais se manifestam o espírito ou a sociedade (CANDIDO, 2000, p.35).

Pensando na leitura de textos literários na perspectiva aqui proposta, Paulino (2001) questiona se a leitura literária estaria sendo realizada no ambiente escolar. A autora (Paulino, 2001) afirma que, os livros didáticos hoje trazem uma quantidade menor de textos literários quando os comparamos com os mais antigos, pois houve uma abertura de espaço para os diversos gêneros textuais que circulam nas esferas jornalística, publicitária, jurídica, entre outras. Mas, somente a presença de tais textos, sem o devido trabalho, não colabora para a formação de leitores.

Um outro ponto relevante a ser abordado quando discutimos o ensino de literatura é a noção de letramento literário. Em conformidade com Ângela Kleiman “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam

a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos para objetivos específicos”. (KLEIMAN, 1995, p. 19)

Assim, o letramento não está estritamente ligado à educação formal, pois um indivíduo pode adquirir habilidades de leitura e escrita através de suas interações com o mundo ao seu redor. Essas habilidades podem se manifestar em atividades cotidianas, como usar o transporte público, fazer compras, seguir as regras de trânsito e contar histórias. Destaca-se, portanto, que ele está relacionado à interpretação e produção de significados, indo além da mera capacidade de ler e escrever.

Por outro lado, o letramento literário não pode ser entendido apenas como a análise das atividades sociais relacionadas à leitura de obras literárias, como frequentemente é mencionado. Ele exige um processo pedagógico próprio que a simples leitura de textos literários não é capaz, por si só, de concretizar. De acordo com Paulino (2001), letramento literário designa

(...) parte do letramento como um todo, fato social caracterizado por Magda Soares como inserção do sujeito no universo da escrita, através de práticas de recepção/produção dos diversos tipos de textos escritos que circulam em sociedades letradas como a nossa. Sendo um desses tipos de textos o literário, relacionado ao trabalho estético da língua, à proposta de pacto ficcional e à recepção não-pragmática, um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler. (Paulino, 2001, p. 177-178)

Consequentemente, uma pessoa literariamente letrada é aquela que incorpora a leitura de textos literários em sua vida, valorizando seu caráter estético e cultural, ao invés de focar em objetivos imediatos e utilitários.

Segundo Zappone (2007), para conceituarmos o letramento literário, precisamos primeiro compreender o que é literatura. E esta pode ser entendida

A partir de um traço fundamental: o seu caráter de ficcionalidade, já que antes de outras especificidades apontadas pela crítica ao longo da história, o literário está presente num texto quando é possível lê-lo como sendo o resultado de um ato de fingir. (Zappone, 2007, p. 52).

A partir deste entendimento, a autora define o letramento literário como o “conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade” (Zappone, 2007, p.53). Ressalta que o letramento implica em usos sociais da escrita, indo além do âmbito individual e relacionando-se a várias esferas da vida. Zappone destaca ainda que o público se envolve com uma variedade de gêneros discursivos de forma gratuita, todos eles marcados pela ficcionalidade. A combinação desses conceitos interdisciplinares resulta na definição de letramento literário como o conjunto de práticas sociais que fazem uso da escrita literária, caracterizada principalmente pela sua natureza ficcional. Assim, reconhecemos que o letramento literário não se limita ao ambiente escolar, mas se estende para além dele.

Para a autora,

A apropriação do conceito de letramento ao campo dos estudos literários pode ser pertinente, se operarmos uma modulação fundamental: trabalhar com a escrita mencionada no conceito, mas compreendida dentro de algumas especificidades concernentes aos textos literários. Assim, podemos acatar o conceito de letramento nos estudos literários, propondo a noção de letramento literário enquanto o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária. (Zappone, p.29, 2008)

Ainda segundo Zappone (2008), se considerarmos o letramento literário como a prática que envolve o uso da escrita literária, que é ficcional, podemos perceber que ele ocorre em muitos lugares além da escola. Isso inclui assistir novelas, séries, filmes na TV ou no cinema, e até mesmo navegar na internet. Também fazem parte dele atividades como ouvir histórias populares, contar piadas e outras formas de narrativa. Em resumo, é uma maneira de se envolver com textos literários, mesmo que não seja necessariamente na sala de aula.

Os diferentes contextos de uso da literatura, como a escola, as mídias sociais, os clubes de leitura, entre outros, podem influenciar e gerar diferentes formas de interação com os textos literários. Por exemplo, na escola, os textos literários podem ser utilizados para ensinar habilidades de leitura, análise e interpretação. Nas mídias sociais, os textos literários podem ser compartilhados, discutidos e reinterpretados de maneiras diversas, influenciadas pela interação com outros usuários e pela cultura digital. Nos clubes de leitura, os textos literários são

explorados em um ambiente de discussão e troca de ideias entre os membros do grupo.

No entanto, é importante reconhecer que nem todos os leitores interpretam os textos literários da mesma forma. Cada pessoa traz consigo sua própria bagagem de experiências, valores, conhecimentos e perspectivas, o que influencia a forma como eles compreendem e se relacionam com a literatura. Os autores aqui citados também alegam a existência de possibilidades plurais de interpretação, entretanto, quando pensamos em leitura crítica, há interpretações mais adequadas, pois melhor “refazem os procedimentos técnicos do ato de fingir” (Hansen, 2005, p. 18).

É por isso que é necessário falar em letramento literário, que se refere à capacidade de compreender, interpretar e utilizar textos literários de maneira crítica e reflexiva. Como o letramento implica usos sociais da escrita, os diferentes usos de textos ficcionais implicam diferentes apropriações por parte dos leitores, ressaltando a importância de considerar o contexto ou espaços sociais onde podem ser observadas essas práticas. Barbosa (2011) sustenta que

(...) podemos, então, pensar o Letramento Literário como a condição daquele que não apenas é capaz de ler e compreender gêneros literários, mas aprendeu a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético. (Barbosa, 2011, p.148)

Para que o desenvolvimento de tais habilidades aconteça, é preciso uma interação constante e apropriada com obras literárias, exploradas de maneira aprofundada e complexa, em um nível que vai além do ensino formal. A educação escolar nem sempre consegue oferecer essa experiência abrangente, que envolve uma compreensão ampla e profunda da literatura. Neste sentido, Paulino (2010) afirma que o “letramento literário exige o contato frequente e adequado com obras, abordadas literariamente, num nível muitas vezes sofisticado, no sentido amplo e complexo, de letramento, que nem sempre a escolarização dá conta.” (Paulino, 2010, p.408).

De acordo com Zappone (2008), a formação do leitor literário pode ocorrer em diferentes contextos e formas de expressão, como adaptações de obras literárias para outros meios de comunicação; leituras que não seguem necessariamente os padrões estabelecidos pela crítica literária ou pela academia; leituras de obras não

canônicas, como romances populares, best-sellers e a utilização de textos que originalmente não foram criados como obras de ficção. Contudo,

No caso da literatura, é evidente que as práticas de letramento literário realizadas no espaço escolar são as mais visíveis e valorizadas. [...] Conhecer as práticas de letramento literário presentes na escola bem como as práticas de letramento literário presentes em diferentes lugares sociais podem contribuir para que se possa pensar nas relações entre essas duas esferas, escola e vida social, fazendo-as convergir para a formação de indivíduos com graus de letramento e de letramento literário cada vez maiores (Zappone, 2008, p. 32)

Consequentemente, compreendemos a importância da leitura e da compreensão de textos literários visando a enriquecer a formação dos alunos como leitores críticos e reflexivos. Uma vez que ler é uma atividade cultural que auxilia na formação da identidade e ampliação do conhecimento, é um meio de empoderamento e emancipação. Segundo Antonio Candido,

A literatura expressa uma necessidade universal e um direito dos indivíduos em qualquer sociedade. Ela é fundamental ao processo de humanização que confirme no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (Candido, 2004, p. 180)

Para isso, é essencial que o professor assuma o papel de facilitador e promotor dessa prática, escolhendo cuidadosamente os materiais de leitura e oferecendo espaços para a interpretação e discussão dos textos.

Diante do histórico de exclusão literária no Brasil, em que o acesso à literatura foi tradicionalmente reservado às elites e a pequenos grupos urbanos letrados, é fundamental reconhecer o papel pioneiro do professor da educação básica na promoção do letramento literário. Em um contexto marcado por uma cultura de não leitura — inclusive entre famílias com boas condições socioeconômicas —, é ele quem assume a responsabilidade de aproximar os estudantes da literatura como experiência estética, crítica e formativa. Sua atuação vai além da simples mediação de textos, pois implica enfrentar resistências culturais, despertar o gosto pela leitura e construir, com os alunos, uma relação mais significativa com a linguagem literária.

Essa prática docente, muitas vezes silenciosa e pouco reconhecida institucionalmente, é essencial para democratizar o acesso à literatura e formar leitores mais sensíveis, críticos e autônomos.

Logo, sabendo que existem pessoas que têm acesso a textos ficcionais clássicos apenas enquanto frequentam o ambiente escolar, é responsabilidade deles contribuir para que os estudantes se tornem adultos proficientes na leitura e na apreciação da literatura. Em concordância com Barbosa (2011), as instituições de ensino são fundamentais para promover a leitura de literatura porque é onde os alunos têm a chance de conhecer e explorar livros, especialmente em um país onde o acesso a eles e à cultura pode ser limitado.

No entanto, há um longo período em que a educação básica brasileira enfrenta desafios significativos no ensino da leitura, sendo consensual o reconhecimento da importância da formação leitora dos estudantes na perspectiva crítica do uso da linguagem.

Em consonância com este entendimento, a BNCC (2017) elenca como competências a serem desenvolvidas nos alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

EF89LP33 - Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (Brasil, 2017, p. 187)

Neste sentido, a BNCC (2017) destaca ainda que o trabalho com os textos do campo artístico-literário deve almejar desenvolver a empatia e a comunicação, considerando o poder da arte e da literatura como meios que facilitam o contato com uma ampla diversidade de valores, comportamentos, crenças e conflitos.

Assim sendo, a escola deve oferecer aos alunos experiências enriquecedoras de leitura e escrita que os conduzam a uma jornada de compreensão e apreciação da literatura como uma forma de expressão carregada de significado.

3. MINICONTO E LEITURA LITERÁRIA

Definir o gênero miniconto e precisar quando ele teria surgido não é uma tarefa simples. Uma das possibilidades é que o miniconto é uma forma de contar histórias que pode ser considerada como uma variante do conto tradicional. No entanto, sua identidade é caracterizada por estar à margem do conto convencional, pois ele se aproxima de novas formas de expressão literária que envolvem o uso de linguagens multimídia e hipertextual.

Em língua portuguesa, Vieira (2012) explica que há vários termos para se referir a textos muito curtos, como minificção, microficção, microconto, micronarrativa e miniconto. Esses termos variam conforme o uso de prefixos como "micro" e "mini", mas todos se referem a textos breves, narrativos e ficcionais. Enquanto "micro" sugere algo extremamente pequeno, "mini" abarca produções que vão desde uma frase curta até textos com maior desenvolvimento narrativo. Hoje temos ainda os nanocontos.

A diferença entre eles está principalmente no tamanho e na brevidade, mas ainda não há um consenso definitivo sobre suas definições, já que são gêneros literários relativamente novos. Oliveira e Silva (2020), sugerem que minicontos têm até 300 palavras e nanocontos até 50 letras, outros defendem que o nanoconto é uma única frase. Como esses gêneros ainda estão em construção, as definições podem variar. O importante é que todos são formas de narrativa breve, mas com impacto significativo.

Portanto, em nosso trabalho, optamos pelo termo miniconto por ser mais abrangente e flexível, já que ainda não há um consenso definitivo sobre as definições de textos curtos. O prefixo "mini-" cobre a ideia de brevidade, podendo incluir desde histórias de uma única frase até narrativas um pouco mais extensas, que não ultrapassem uma página. Essa escolha permite abarcar diferentes formatos e tamanhos, sem se limitar a uma definição rígida, enquanto a discussão sobre esses gêneros ainda está em construção.

De acordo com Capaverde (2004), o miniconto está situado na fronteira entre o conto tradicional e as novas manifestações literárias da era contemporânea, onde há uma tendência de reduzir todas as formas de comunicação. Através da sua condensação, ele combina elementos visuais e textuais, bem como aspectos

instantâneos e narrativos, explorando o tempo e o espaço de forma diferente dentro de uma mesma obra de arte.

Assim, o gênero mantém uma conexão com as raízes do conto, ao mesmo tempo em que se aventura em territórios literários inexplorados, desafiando as fronteiras convencionais e abraçando a interseção entre a escrita tradicional e as novas mídias.

O conto, por sua vez, é uma forma literária de grande importância, que tem sido objeto de numerosos estudos e análises ao longo de sua evolução. Reconhecido como uma das formas literárias mais antigas, o conto é visto como uma expressão presente em diversas culturas, seja por meio da linguagem oral ou escrita. Para Kaufman (1995), o gênero

(...) é um relato em prosa de fatos fictícios. Consta de três momentos perfeitamente diferenciados: começa apresentando um estado inicial de equilíbrio; segue com a intervenção de uma força, com a aparição de um conflito, que dá lugar a uma série de episódios; encerra com a resolução desse conflito que permite, no estágio final, a recuperação do equilíbrio perdido. (Kaufman, 1995, p.21)

Mas, foi durante o século XIX que esse estilo de narrativa deixou de ser visto como uma forma secundária de expressão e começou a ser valorizado como uma expressão notável e digna entre outras produções em prosa. Para Soares (2007), ele se apresenta como uma amostra, um vislumbre ou momento instantâneo, se comparado ao romance, pois mesmo que possua os mesmos componentes, “o conto elimina as análises minuciosas, complicações no enredo e delimita fortemente o tempo e o espaço.” (Soares, 2007, p.54)

Na literatura nacional, destacam-se Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Afonso Arinos e Simões Lopes Neto como importantes escritores, cada um com sua contribuição significativa. Para Teixeira (2010), a atividade de Machado de Assis nos jornais de sua época pode ter influenciado a forma e a qualidade de seus escritos, levando-o à narrativa curta, ou seja, ao conto, que, de acordo com o autor, deveria ser curto e atrativo para competir com outras matérias na folha do jornal. Assim, Teixeira (2010) o define como uma narrativa curta que apresenta um único episódio com um conflito claro, seguindo uma estrutura lógica de início, meio e fim, conforme definido pela doutrina aristotélica.

No século XX, o gênero continua a ter relevância, com uma grande quantidade de produções de qualidade. Monteiro Lobato se destaca como um grande contista do Pré-modernismo, buscando popularizar a obra literária através de uma linguagem acessível e abordando temas populares em seus textos. Segundo Antonio Candido (1989),

(...) o conto representa o melhor da ficção brasileira mais recente, e de fato alguns contistas se destacam pela penetração veemente no real graças a técnicas renovadoras, devidas, quer à invenção, quer à transformação das antigas. (Candido, 1989, p. 210)

Estas narrativas continuam sofrendo modificações com o passar do tempo e, de acordo com Ferreira (2019), após a Semana de Arte Moderna, elas assumem um novo enfoque, abandonando os temas regionalistas. Tais mudanças provavelmente ocorreram pela imersão dos escritores na cidade de São Paulo, ou seja, em um ambiente urbano, permeado por novidades, que passa a ser o centro cultural brasileiro, influenciando a moda literária em outras regiões do país. Essa dinâmica da vida moderna na cidade paulista se reflete na trama e no uso de uma linguagem inovadora.

Isto posto, podemos reconhecer o diálogo entre diferentes movimentos literários e gerações de autores, evidenciando como as ideias e técnicas podem atravessar o tempo e continuar a moldar a produção literária. A hipótese levantada revela uma perspectiva interessante sobre o miniconto contemporâneo brasileiro, sugerindo uma conexão direta com os avanços modernistas na linguagem. Embora os autores modernistas não tenham necessariamente escrito minicontos no sentido convencional do termo, Vieira (2015) afirma que há uma comunicação aberta com as conquistas do modernismo, especialmente no que diz respeito à liberação da linguagem cotidiana e à densidade poética encontrada no trivial. Esta interpretação convida à reflexão sobre como os elementos formais e estilísticos do modernismo reverberam no cenário literário contemporâneo, enriquecendo ainda mais a compreensão e apreciação da narrativa breve brasileira. Segundo o autor,

(...) é necessário notar que falar de miniconto no contexto da literatura brasileira é, em certa medida, acompanhar o desenvolvimento de gêneros como conto, crônica e poema, ou seja, o modo como surgiram, formaram uma tradição, indicar seus pontos culminantes, mestres dos gêneros, rupturas significativas e

meandros que possam caracterizar histórias desses mesmos gêneros em nosso país. (Vieria, 2015, p.76)

A emergência do miniconto reflete o aumento da velocidade da vida moderna, impulsionada pela sociedade extremamente conectada e avançada tecnologicamente que demanda ações cada vez mais rápidas. Assim, surgiram novos hábitos na leitura e na mentalidade tanto dos escritores quanto dos leitores, ganhando destaque não apenas em formatos impressos, mas especialmente na internet, um meio comum às novas gerações.

A literatura condensada oferece uma alternativa acessível para aqueles que têm pouco tempo para dedicar à leitura mais extensa. No entanto, mesmo em formas mais curtas, a literatura mantém seu potencial emancipador e é capaz de enriquecer intelectualmente o leitor.

O gênero miniconto é um estilo de narrativa que busca uma economia extrema de recursos para alcançar uma expressão máxima e sua disseminação possivelmente tenha sido motivada pelo advento da internet e a propagação dos meios digitais, que trouxeram uma dinâmica à comunicação e deram origem a histórias ainda mais curtas do que os contos tradicionais, atendendo à rapidez e diversidade das formas de comunicação na sociedade contemporânea, que foi transformada porque a conexão em rede e os novos dispositivos tecnológicos modificaram nossas interações sociais, nossas práticas de leitura e produção de textos e originaram novas formas de comunicação.

Assim, as novas tecnologias ampliam as possibilidades de produção e leitura deste tipo de narrativa e viabilizam a construção de textos multimodais e interativos. Segundo Paulino (2001), o ritmo de narração de um miniconto é “quase alucinante” e isso o converte em uma metáfora da rapidez com que se movimentam os seres, as comunicações, os itens e os textos nas sociedades atuais.

Observamos, portanto, que o miniconto é um texto literário que reflete as experiências pessoais e intensas das sociedades modernas, integrando seus valores e abordando temas atuais, e se torna muito popular devido à internet. Diferentes estudos concordam que gênero miniconto ganhou nova vida, sendo amplamente publicado em blogs, redes sociais e outras plataformas online. Rodrigues (2011, p. 249), considera que “o microconto marca a ascensão do mundo digital, eletrônico, computacional, internético, que sepulta – sem ultrapassar – o universo das máquinas mecânicas”. Bueno (2021), por sua vez, afirma que

As inúmeras possibilidades de navegação propiciadas pelas TDIC e pela internet fazem com que o gênero torne-se dinâmico e interativo. Além disso, quando o gênero adentra os aparelhos eletrônicos, a convergência de mídias viabilizada pelos processos de digitalização permite que as microficcões verbais tornem-se microficcões multissemióticas, ou seja, permite que as microficcões conectem-se a outras semioses como fotos, animações, áudios etc. (Bueno, 2021, p. 54)

Em suma, devido às novas tecnologias digitais que oferecem interatividade e múltiplas formas de expressão (texto, imagem, som), os minicontos contemporâneos evoluíram para se tornarem minicontos digitais. E é o uso desses diversos formatos de expressão que fazem dos minicontos digitais um gênero ímpar e diferente dos minicontos tradicionais impressos, que são exclusivamente verbais.

A literatura condensada oferece uma alternativa acessível para aqueles que têm pouco tempo para dedicar à leitura mais extensa. No entanto, mesmo em formas mais curtas, a literatura é capaz de enriquecer intelectualmente o leitor.

O miniconto prioriza a sugestão que pode levar o leitor a refletir sobre determinados temas e aprofundar sua compreensão sobre o mundo ao seu redor. Por isso, outro aspecto a ser considerado é a seleção do vocabulário para elaborar o miniconto. Os escritores precisam utilizar técnicas que possibilitam rapidez na leitura e, simultaneamente, clareza na elaboração do enunciado, com um número limitado de palavras. De acordo com Santos (2017), “neles, é comum ocorrer o uso de polissemia (diferentes sentidos para o uso da mesma palavra) e a omissão de conjunções.”

No miniconto "FUMAÇA", de Ronaldo Correia de Brito, algumas destas características podem ser identificadas.

FUMAÇA

Olhou a casa, o ipê florido. Tudo para ela. Suspendeu a mala e foi. (Brito. In: Freire, 2004, p. 87)

O texto não revela explicitamente o que está acontecendo ou por que a personagem principal decidiu partir. A omissão de detalhes convida o leitor a preencher as lacunas com sua própria interpretação, promovendo uma reflexão sobre temas como despedida, mudança ou desapego. O texto, portanto, não se

revela de modo explícito ou completo. Ao contrário, apresenta palavras e frases indiciais a partir das quais o leitor precisa construir um cenário no qual seja haja uma história (fábula) pertinente, ou seja, uma fábula que respeite os limites semânticos ofertados pelos elementos indiciais ofertados pelo texto. Assim, a busca pela construção de uma fábula (história) que seja pertinente deve ser construída pelo leitor a partir da criação de hipóteses que vão sendo lapidadas e testadas no confronto de vários elementos dados pelo texto. Portanto, o leitor do miniconto, precisa trabalhar, cognitivamente, no campo da polissemia.

No caso deste texto, a polissemia é percebida no emprego do título "FUMAÇA", que pode sugerir a ideia de algo efêmero, que se dissipa no ar, ou pode ter uma conotação de destruição, como após um incêndio. O leitor pode associar esse título à ideia de algo que acabou, se desfez ou se perdeu, sem que isso seja explicitamente declarado no texto. Outros trechos do miniconto que permitem a construção de uma fábula são as descrições de um espaço harmonioso (Casa, ipê florido) que permitem a elaboração de uma narrativa na qual figura, provavelmente, um casal que poderia viver feliz, já que o texto também menciona uma casa que, por sua vez, remete à ideia de lar, de relação amorosa na qual haveria, em tese, harmonia e contentamento. O conflito desta narrativa se apresenta em dois elementos textuais: na palavra "fumaça", que remete à ideia de destruição ou mesmo de algo efêmero, do título e na frase "Suspendeu a mala e foi" que remete à ideia de abandono de algo, de partida. Assim, a história ou fábula presente no texto parece remeter à vida de um casal que parecia harmoniosa. Esta vida harmoniosa, na casa com ipês floridos, nesta relação em que um dos cônjuges se desdobrava para agradar o outro (Tudo para ela) se desfaz por um motivo desconhecido e a mulher, então, decide se desconectar da relação amorosa. Eis uma provável história presente na construção lacunar do miniconto de Brito.

O miniconto também evita o uso de conjunções, criando uma sequência de frases curtas e concisas que permitem uma leitura rápida e fluida. Essa omissão não compromete a clareza; pelo contrário, intensifica o ritmo da narrativa, destacando a ação de forma direta e objetiva

Ainda no que diz respeito à elaboração desse gênero textual, é importante destacar que "temos todos os elementos do conto, tensão, intensidade, efeito, narratividade, tudo em espaço extremamente exíguo" (SPALDING, 2014, p. 70).

No miniconto "FUMAÇA" (Brito In Freire, 2004, p. 87), constatamos todos os elementos do conto tradicional citadas por Spalding (2014):

- Tensão: O miniconto cria uma tensão implícita desde o início. A personagem está diante de um cenário que pode sugerir beleza e tranquilidade. No entanto, a decisão de suspender a mala e partir, sem mais explicações, leva à ideia da existência de um conflito interno vivido pela personagem feminina, já que o texto menciona um "ela" – Tudo para ela. Essa tensão é o que move a narrativa, mesmo que de maneira sutil.
- Intensidade: Cada palavra do texto contribui para um efeito intenso e direto. Não há espaço para descrições detalhadas ou desenvolvimento longo de personagens; cada elemento introduzido na narrativa serve para intensificar o impacto emocional, como a referência ao ipê florido, que pode simbolizar vida, renovação, ou um apego que precisa ser deixado para trás.
- Efeito: O miniconto deixa o leitor com uma sensação de mistério e uma necessidade de preencher as lacunas deixadas pela narrativa. A omissão de detalhes e a sugestão de significados ampliam o impacto do texto
- Narratividade: Apesar da concisão, o texto conta uma história completa. Há uma situação inicial (a personagem olhando para a casa e o ipê), uma ação decisiva (suspender a mala), e um desfecho (a partida). Tudo isso é contado em poucas palavras, mas de forma que o leitor possa imaginar a trama completa e suas implicações.

Quanto aos elementos estruturais que compõem esse gênero, Cristina Álvares (2012) elenca quatro componentes essenciais: brevidade, narratividade, a intertextualidade e a transficcionalidade, pois eles conferem concisão ao gênero e o legitimam como uma forma literária tão valiosa quanto o conto tradicional.

A brevidade é vista como a qualidade que influencia outras características, como concisão, economia de recursos e intensidade. Ela deve proporcionar uma narrativa que permita a abertura para interpretações diversas. Da mesma forma, estamos refletindo sobre a influência da modernidade em nossas vidas cotidianas, marcadas pela falta de tempo e espaço, e nossa crescente imersão no meio digital. De acordo com Álvares (2012), a brevidade na micronarrativa é muito mais do que a contagem de páginas ou palavras; é a arte de condensar uma história em poucos elementos. Ela é alcançada pela intensificação da condensação, intensidade e economia de meios, resultando em um impacto único no leitor. "Tendemos a pensar

a brevidade da micronarrativa como a qualidade que determina as outras: concisão, depuração, economia de meios, intensidade.” (Álvares, 2012, p. 257)

A narratividade constitui o enredo da história, a sequência de ações que indica que há uma trama em desenvolvimento. Segundo Álvares (2012) a narratividade refere-se à capacidade de contar uma história, mesmo em textos muito curtos. Na micronarrativa, o tempo é comprimido e as ações são reduzidas a uma única vez, mantendo-se a tensão narrativa. É a capacidade de sugerir uma história em um espaço mínimo, mesmo que a trama narrativa seja apenas implícita.

O miniconto a seguir exemplifica com clareza os elementos elencados por Álvares (2012):

A DÍVIDA

Mata o pai, arromba o cofre, só uma caixa vazia. (Castello In Freire, 2004, p.45)

O texto é extremamente breve, com apenas uma frase composta por três ações. A ausência de detalhes ou descrições força o leitor a preencher as lacunas, o que gera uma abertura para múltiplas interpretações e reflexões sobre quem seria o personagem (um filho, uma filha???), as motivações deste personagem e o significado da "dívida". Na busca pela construção de uma fábula, ou seja, de uma história que possua pertinência e obedeça aos padrões mínimos de causalidade, coerência e temporalidade, o leitor precisa construir hipóteses que contrariem as informações textuais. Assim, pode haver mais de uma possibilidade de histórias.

No caso deste miniconto, o título “A dívida” permite a construção de mais de uma possibilidade: a dívida pode se referir a uma dívida que o filho fez com outrem e que precisa pagar mediante algum tipo de ameaça. Para pagá-la, o filho, sem vislumbrar outra forma de encontrar o dinheiro para pagá-la, mata o pai para roubar o dinheiro do cofre. O desfecho é trágico, pois o sacrifício da vida do pai não resolve o problema, pois não havia dinheiro. Outra possibilidade é a de que o título “A dívida” se refira a uma dívida do pai para com o filho. Esta dívida pode ser a falta de atenção do pai ao filho, a falta de envolvimento emocional, ou seja, pode tratar-se de uma dívida emocional do genitor para com seu filho. Esta dívida, de ordem psicológica, transforma-se, na mente do filho, em algo que ele precisa “cobrar” de modo concreto. Aí, surge a ideia de matar o pai e roubar-lhe o dinheiro como forma de compensação pelos anos de ausência emocional do pai na vida do filho.

Como se pode ver, o miniconto se revela uma construção breve que produz certas lacunas textuais que são sua marca mais contundente. Tais lacunas permitem que os sentidos de suas frases e palavras e, mesmo sua sequência temporal, seja interpretada pelo leitor de maneiras diversas, como vimos no caso do título "A dívida". No entanto, o texto não é inteiramente aberto: na busca pela construção de uma história plausível, coerente, o leitor precisa organizar o quebra-cabeça de modo que todos os elementos se relacionem de modo a formar uma história coerente.

Assim, apesar de sua extrema concisão, o texto possui uma clara narratividade. Ele apresenta uma sequência de ações: o personagem "mata o pai", "arromba o cofre" e encontra "só uma caixa vazia". Cada uma delas sugere uma progressão na trama e implica uma história maior que está sendo contada nas entrelinhas. O uso de verbos fortes e a ausência de conjunções cria uma tensão narrativa que se desenvolve rapidamente, levando a um desfecho inesperado e impactante.

Enquanto a intertextualidade envolve a mobilização do conhecimento prévio do leitor, ou seja, ele utiliza suas informações para atribuir significado à narrativa presente nos minicontos. Conforme menciona Álvares (2012) a intertextualidade refere-se à relação entre textos, em que um texto se refere, cita ou de alguma forma dialoga com outro. Na micronarrativa, essa intertextualidade pode se manifestar de várias maneiras, como na reescrita de textos clássicos ou na paródia de gêneros literários. Essa relação com outros textos pode oferecer diferentes perspectivas sobre a tradição literária e enriquecer o significado do texto.

A intertextualidade pode ser observada no miniconto a seguir com a presença da figura bíblica de Jó, conhecido por sua paciência e por ter sido submetido a muitas provações:

"PACIÊNCIA"

Após 3 atropelados, surge 1 passarela. Jó ainda tem 5 filhos." (Mucinho In Freire, 2004, p. 46)

Com a presença da personagem de Jó, conhecido por sua paciência e por ter sido submetido a muitas provações, o texto faz uma comparação irônica entre a paciência da figura religiosa e a situação absurda de se construir uma passarela só

depois de várias tragédias, destacando a indiferença ou a lentidão em aprender com os erros, um tema também presente na narrativa bíblica.

A transficcionalidade refere-se à prática de reutilizar, reinventar ou expandir elementos de uma obra ficcional (como personagens, cenários ou enredos) em outras obras, mídias ou contextos. Em outras palavras, é quando uma história ou universo narrativo é retomado e transformado em novas criações, muitas vezes com abordagens diferentes, como paródias, releituras ou expansões do original. Por exemplo, os contos de fadas, como "Chapeuzinho Vermelho" ou "Cinderela", são frequentemente reutilizados em microcontos, filmes, séries ou outras formas de arte, ganhando novos significados e interpretações. A transficcionalidade permite que narrativas conhecidas sejam constantemente recriadas, mantendo-se relevantes e adaptadas a diferentes públicos e contextos culturais. Segundo a autora (Álvares, 2012) esse conceito foca na relação entre microconto e conto, não pela forma narrativa, mas pelo conteúdo ficcional que ambos compartilham. Ele propõe um "espaço transficcional" onde diferentes textos se conectam ao mesmo universo ficcional, mesmo com variações. Essa abordagem deixa de lado a ideia tradicional de "gênero literário" e destaca elementos como personagens e enredos que atravessam essas obras. Nos microcontos que dialogam com contos, essa conexão reforça a narrativa, situando o leitor em um mundo de ficção, apesar da brevidade do texto.

Podemos observar que a transficcionalidade está presente no miniconto a seguir:

MAS O RIO CONTINUA LINDO
Pensa o desempregado
ao pular do Corcovado. (Torres, Antônio in Freire, p.10,2004)

O título "Mas o rio continua lindo" retoma da célebre frase "o Rio de Janeiro continua lindo", proveniente da canção "Aquele abraço", de Gilberto Gil, agora inserida em um contexto dramático, no qual um personagem desempregado, diante do desespero, decide pular do Corcovado. A referência musical, antes carregada de exaltação e lirismo, é ressignificada de modo irônico, produzindo um forte contraste entre a idealização da cidade e sua realidade social excludente. Ao deslocar essa expressão para um novo enredo e uma nova perspectiva, o miniconto estabelece uma ponte com o universo ficcional da canção e o expande criticamente, operando,

assim, no espaço transficcional que Álvares (2012) descreve, onde os limites entre os textos se diluem e se tornam produtivos para a construção de novos sentidos.

Os textos, especialmente os que contam histórias, estão presentes na nossa vida desde que somos bem pequenos, mesmo antes de aprendermos a ler. Eles têm uma finalidade principal: divertir quem os lê ou ouve, fazendo com que sintam emoções como surpresa, curiosidade, medo ou satisfação. Segundo Culler (1995), desde muito cedo internalizamos a estrutura das narrativas, pois

“há um impulso humano básico de ouvir e narrar histórias. Muito cedo, as crianças desenvolvem o que se poderia chamar de uma competência narrativa básica: exigindo histórias, elas sabem quando você está tentando enganar, parando antes de chegar ao final”.
(Culler, 1999, p. 85)

De acordo com Culler (1999), a teoria narrativa examina como as pessoas narram e compreendem histórias. Ela afirma que existe uma estrutura básica, chamada enredo, que pode ser mantida mesmo quando a fábula é traduzida para diferentes idiomas ou mídias. Isso significa que, apesar das mudanças no formato ou na linguagem, o enredo central da história permanece o mesmo.

Com base nos estudos de Spalding (2008), os minicontos são como pequenas bombas narrativas, com uma explosão que ocorre no leitor. Eles são mais do que simples fragmentos, pois mesmo sendo breves, possuem um núcleo narrativo forte.

A fim de realizar análise da narratividade, Spalding (2014), propôs um conjunto de elementos essenciais para um texto narrativo, um conjunto que permite distinguir entre narração, descrição e discurso. Tais elementos são ação, personagens, sucessão, integração e totalidade de significação. Em conformidade com Aristóteles (in Spalding, 2014), “sem ação não poderia haver tragédia”, logo a ação é elemento obrigatório para caracterizar a narração.

Spalding (2014) também retoma os estudos de Barthes (1973), que reafirma a importância da ação dentro dos textos narrativos e ainda acrescenta que todas as narrativas possuem personagens; e os de Bremond (1973), que incorpora o conceito de sucessão e integração como fundamentais para a narratividade. Para Bremond (in Spalding, 2014), uma narrativa é um discurso que une uma sequência de eventos

dentro de uma única ação; se não houver essa sequência, não é narrativa. E se os eventos não estiverem conectados como parte de uma ação principal, não é narrativa, mas apenas uma lista de fatos sem ligação entre si.

Aos elementos citados acima, Spalding (2014) inclui ainda, como indispensável para a narrativa, a totalidade de significação observada por Greimas (1973), que afirma que tal conceito é alcançado através de uma estrutura organizada que permite a compreensão completa e coerente da história. Ele sugere que essa estrutura deve ser organizada de maneira a evitar contradições, assegurando que todos os elementos se integrem de forma coesa e lógica dentro da narrativa.

Nos minicontos, apenas os elementos essenciais que articulam o texto são mantidos, formando uma narrativa altamente condensada que se concentra nos núcleos essenciais da história. Ainda em conformidade com os estudos de Spalding (2013) alguns princípios importantes para o miniconto são “concisão, narratividade, efeito, abertura e exatidão”.

O autor (Spalding, 2013) diferencia "ser breve" de "ser conciso". Ser breve simplesmente significa ser curto em termos de números de linhas ou caracteres, enquanto ser conciso implica transmitir uma mensagem de forma clara e precisa, sem desperdício de palavras. O miniconto precisa ser conciso, por isso cada palavra deve ser cuidadosamente escolhida para contar a história de maneira eficiente e completa. Ele enfatiza que a narrativa deve ser ajustada perfeitamente ao seu formato curto, ou seja, é necessário contar uma história que só pode ser contada de forma eficaz nesse formato específico, por isso, apenas certos temas e enfoques são adequados para o formato do miniconto. Verificamos tal característica no miniconto de Adriana Falcão:

"Ali, deitada, divagou: se fosse eu, teria escolhido lírios." (Falcão In Freire, 2004, p.01)

Com poucas palavras, o texto permite uma reflexão íntima e poderosa, sugerindo um cenário e um estado emocional complexo. A frase é curta, mas carrega um significado denso, em que cada palavra foi escolhida cuidadosamente para maximizar o impacto sem desperdício de linguagem.

Como já mencionamos, a narratividade é o que verdadeiramente distingue o miniconto de outros gêneros que também são concisos, como o haicai ou o poema em prosa. Isto é, o texto precisa narrar um evento que envolve a passagem de uma

personagem de um estado a outro, o que pode ser feito implicitamente, quando a mudança de estado da personagem é sugerida nas entrelinhas, ou explicitamente. Sem essa narratividade, o autor adverte que há o risco de o texto se tornar apenas uma simples descrição de cena, em vez de uma narrativa completa.

Tomando como exemplo o texto de Falcão (2004) citado acima, constatamos que o miniconto contém uma narratividade implícita. Há apenas uma personagem explícita: "ela", está deitada e divaga sobre as flores. No entanto, há uma presença implícita: aquele (ou aquela) que fez a escolha das flores. Esse jogo de presenças e ausências enriquece a personagem principal, que, com uma única frase, revela personalidade, julgamento, subjetividade e afeto. Ela é uma personagem silenciosa, mas profundamente ativa em seu pensamento.

Mesmo sendo um texto extremamente breve, há uma clara sequência narrativa:

1. Ela está ali, deitada;
2. Ela divaga;
3. Ela expressa um pensamento em forma de julgamento: "teria escolhido lírios"

Essa ordem cria uma temporalidade interna, onde o presente ("ali, deitada") leva ao passado e ao "e se" — marca da sucessão psicológica, típica da narrativa breve e subjetiva.

Embora o verbo "divagar" indique uma ação mental, interiorizada, ela tem um peso narrativo profundo. A personagem está parada fisicamente, talvez de cansaço ou mesmo luto, mas há movimento no pensamento. O futuro do pretérito ("teria escolhido") revela que algo já aconteceu e que ela não teve controle sobre ele, mas o questiona silenciosamente. A ação não é externa, mas afetiva e reflexiva: uma crítica contida, uma inconformidade íntima diante de uma escolha que representa o outro. Isso nos remete à ideia de que, no miniconto, a ação não precisa ser explícita ou física: a potência da narrativa se dá na densidade emocional e no não-dito. Assim, a narrativa atinge uma totalidade significativa que vai além de sua extensão.

Em um miniconto a história é contada de forma sucinta e deixada aberta em vários aspectos essenciais. Ao deixar essas lacunas na narrativa, o autor incentiva o leitor a preencher esses espaços com base em seus próprios conhecimentos, valores e experiências. Isso faz com que cada leitor interprete a história de maneira única e pessoal. Essa abertura interpretativa é uma das qualidades marcantes do miniconto, pois permite que a história ressoe de maneiras diferentes para diferentes

leitores, potencializando assim seu impacto emocional e reflexivo. Essa capacidade de sugerir e provocar reflexões profundas em um espaço limitado é uma das razões pelas quais os minicontos são valorizados na literatura contemporânea.

Ainda sobre o texto de Falcão (2004), percebemos que deixa muitas lacunas para o leitor preencher. Quem é a pessoa deitada? Por que está refletindo sobre lírios? Quem fez a escolha das flores, e em que contexto? Essas questões não são respondidas explicitamente, o que permite ao leitor interpretar o texto de várias maneiras, dependendo de suas próprias experiências e emoções.

Quanto à exatidão, Spalding (2014), reconhece que a abertura para que o leitor preencha as lacunas é essencial para a riqueza e o impacto do texto. No entanto, ele também enfatiza que o autor deve ser claro o suficiente na escolha das palavras para alcançar o efeito desejado, evitando interpretações incompatíveis ao propósito original da narrativa. Portanto, no miniconto de Falcão (2004), a menção específica aos "lírios" não é acidental; a escolha retrata imagens e simbolismos específicos, como pureza, morte, ou renovação, que contribuem para o efeito geral do texto.

Desta maneira, a seleção de cada palavra e sua posição é muito importante, pois isso determina o sucesso do miniconto. O autor (Spalding, 2014), compara esse cuidado com a escrita de poesia, na qual cada palavra tem um peso significativo na construção do significado e da estética do texto.

Assim, observamos que a história em um miniconto não é contada diretamente, mas o leitor a completa, preenchendo lacunas como espaço e tempo com base em suas próprias experiências, tornando-a única para cada leitor.

Através dele, é possível explorar diferentes rumos do enredo, criando narrativas que se desenvolvem com base nas sugestões breves presentes nesse estilo que apresenta a mesma organização encontrada em narrativas mais elaboradas.

Isto posto, notamos a importância do conhecimento prévio do leitor na compreensão dos textos deste gênero, pois quem o faz é desafiado a utilizar suas experiências e conhecimentos anteriores para preencher lacunas que o texto possa apresentar. Essa prática de inferência, na qual a pessoa que lê deduz informações não explicitamente fornecidas pelo texto, é crucial para uma compreensão mais profunda e para a construção de significados, entretanto, conforme os estudos de leitura literária propostos por Cândido (1999, 2000) Hansen (2005) e Aguiar (2000), essas

deduções não devem ultrapassar os limites do contexto fornecido no texto, a fim de evitar interpretações conflitantes.

Ler um miniconto exige participação ativa, completando as entrelinhas com sua própria vivência. Esse processo colaborativo faz com que cada pessoa interprete o miniconto de forma única e subjetiva, resultando em entendimentos e impressões variadas do texto.

Consequentemente, o conhecimento do leitor que lê é essencial, pois, por seu espaço ser tão diminuto, se quem o lê não possuir bagagem pessoal suficiente a fim de fazer as inferências necessárias para a sua interpretação, o texto pode não ser compreendido por ausência de estruturas que possibilitem ao leitor realizá-la. Nesse sentido, Kleiman (1995) destaca que:

Quando obscuridades e inconsistências aparecem, o leitor deverá tentar resolvê-las, apelando ao seu conhecimento prévio de mundo, linguístico, textual, devido a essa convicção de que deve fazer parte da atividade de leitura que o conjunto de palavras discretas forma um texto coerente, isto é, tem uma unidade que faz com que as partes se encaixem umas nas outras para fazer um todo. Isso implica atender às pistas textuais, ao invés de ignorá-las, porque não correspondem a nossas pré-concepções. (Kleiman, 1995, p. 66)

Contudo, a autora (Kleiman, 1995) vai ao encontro com o que afirma Spalding (2014) e traz à mente que o autor precisa deixar dicas suficientes para que seja possível reconstruir o trajeto percorrido na construção do sentido do texto.

Outro elemento que necessita ser destacado é o título. Com base em Silva (2013), nos minicontos, eles exercem uma função importante porque podem incluir informações narrativas que não puderam ser inseridas nos textos breves e, se forem retirados, o texto perde seu significado, pois são precisamente os títulos que ajudam a construir este. Como acontece no miniconto “Mas o Rio continua lindo” de Antônio Torres, já citado anteriormente. Nele, o autor retrata a reflexão de uma pessoa desempregada que, em um momento de desespero e tristeza, contempla a beleza da cidade do Rio de Janeiro antes de cometer suicídio pulando do Corcovado. Se excluirmos o título, que destaca o contraste entre a beleza da cidade e a situação desesperadora do indivíduo, a narrativa perderá seu sentido, pois é ele que expressa o pensamento do personagem do texto e passa a ser assim, parte integrante do texto, pois ele contextualiza, ironiza e expande o sentido do texto.

Embora muitos exemplos deste gênero textual não o apresentem, Bueno (2021) declara “que, quando existem, os títulos dos minicontos constituem-se como peças-chave, oferecendo-nos preciosas dicas sobre as histórias ocultas e sobre os rumos das narrativas”. (Bueno, 2021, p. 51)

Assim, a escolha do miniconto corrobora com a necessidade de aprimorar a competência leitora dos aprendizes, uma vez que é caracterizado por ser conciso e breve, mantendo os elementos fundamentais do conto tradicional como narrador, tempo, espaço, personagens e trama; e que exige que o leitor preencha os espaços deixados pelo autor, o que ele certamente fará a partir de suas experiências. Portanto, ao explorar este gênero em sala de aula, visamos que os alunos tenham a oportunidade de se posicionar criticamente diante do texto ficcional e investiguem suas amplas possibilidades de interpretação.

4. DESENVOLVENDO A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE MINICONTOS

Este trabalho foi realizado utilizando a metodologia de pesquisa-ação e pesquisa exploratória, guiada pelo Conselho de Ética sob o Parecer número 7.066.323, fundamentada no diagnóstico dos panoramas de ensino e aprendizagem, bem como na observação e análise subjetiva dos dados teóricos coletados, visando abordar os desafios identificados, como a promoção dos diversos níveis de leitura. A fundamentação teórica provém da área de Literatura, no contexto do ensino e aprendizagem, com foco na competência leitora e abordagem interpretativa de caráter qualitativo educacional.

Nos estudos realizados durante as aulas do Profletras, ficou evidente que todas as atividades em sala de aula são alicerçadas em uma teoria e em uma concepção. Este estudo incentiva uma abordagem mais científica em relação aos estudantes, mais consciente e menos intuitiva, já que busca promover a reflexão da pesquisadora sobre sua prática pedagógica.

É crucial considerar a metodologia que fundamenta uma pesquisa científica e todas as suas características. Bortoni-Ricardo (2008) diz que a pesquisa educacional é feita nas escolas, especialmente nas salas de aula, que são ótimos locais para pesquisas qualitativas. Essas pesquisas se baseiam na interpretação e compreensão do pesquisador, que é um observador ativo, não apenas um relator passivo. Consequentemente, o conceito "professor-pesquisador" refere-se a um educador que integra a pesquisa ao seu trabalho diário. Isto posto, este estudo é uma pesquisa qualitativa-interpretativa, fundamentada na pesquisa-ação, que envolve a prática e a reflexão para melhorar o ensino.

A pesquisa-ação é um estudo de caráter propositivo que tem a prática pedagógica como ponto de partida para identificar o diagnóstico inicial e o problema de pesquisa. Tripp (2005) afirma que “[...] é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar seus estudos para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”. Trata-se, também, de uma pesquisa qualitativa, visando uma melhor compreensão da realidade dos alunos para possibilitar sua resignificação. Segundo Bogdan e Biklen (1994), um dos propósitos deste tipo de pesquisa é aprofundar a compreensão de um determinado fenômeno, examinando hipóteses, e eventualmente, comprovando ou refutando-as.

A fim de guiar a organização de nosso trabalho, seguimos as fases propostas por Tripp (2005): “planeja uma melhora da prática; agir para implantar e melhora planejada; monitorar e descrever os efeitos da ação; e avaliar os resultados da ação”. Estas etapas permitem que o professor analise, reflita e ressignifique a sua prática.

Assim, para o desenvolvimento da proposta, elaboramos um recurso educacional, ancorado no conceito de Leitura Literária segundo os preceitos da crítica literária, tal qual propõem Candido (1999, 2000) Hansen (2005) e Aguiar (2000). Para conduzir o trabalho são abordadas atividades de leitura, compreensão, interpretação e produção do gênero miniconto.

4.1 Os participantes

A pesquisa foi realizada junto a adolescentes entre 14 e 16 anos, alunos do 9º ano A do período matutino do Colégio Estadual Cívico Militar Cecília Meireles de Colorado, que está localizado na área central da cidade de Colorado, mas que também atende alguns bairros da periferia devido à sua característica de cidade pequena. Entre os vinte e nove alunos da turma, há três autistas, sendo que dois deles são acompanhados por uma professora de Atendimento Educacional Especializado (PAEE). Além disso, dois alunos frequentam a sala de recurso multifuncional em contraturno por apresentarem dificuldades de aprendizagem.

Estes alunos foram acompanhados pela pesquisadora durante o 6º e 7º ano do EF como professora de Português, períodos em que o 6º ano foi realizado apenas com atividades online em decorrência da pandemia de COVID-19, e o 7º ano de forma híbrida. A turma é composta por alunos de classes sociais e realidades familiares bastante heterogêneas, refletindo a diversidade socioeconômica da região.

A referida escola dispõe de uma biblioteca que é pouco utilizada pelos alunos, pois as leituras são propostas pelo professor de Leitura e Redação e devem ser realizadas por meio da plataforma Leia Paraná. A instituição de ensino também possui uma sala equipada com 20 desktops e 15 netbooks que são utilizados pelos estudantes durante as aulas de Matemática, Pensamento Computacional, Inglês e Leitura e Redação e seguem um cronograma elaborado pela direção. Há ainda 28 tablets reservados para o uso durante as aulas de Inglês e Leitura e Redação a fim

de que os alunos acessem as plataformas semanalmente.

Logo, o modelo educacional desenvolvido e conduzido pela pesquisadora integra materiais literários escolhidos pela própria professora e utiliza os recursos tecnológicos disponíveis na escola, como notebooks, televisão e internet.

4.2 A intervenção didática

Para iniciar nossa pesquisa-ação selecionamos o livro “Os cem menores contos brasileiros do século”, organizado por Marcelino Freire e lançado em 2004 pela Ateliê Editorial, que reúne minicontos de diversos autores, narrativas extremamente breves, mas impactantes e provocativas, como ferramenta pedagógica para trabalharmos o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita e promovermos o letramento literário dos alunos.

A concisão do gênero é especialmente relevante em um mundo onde a atenção das pessoas é frequentemente dividida por múltiplas demandas e distrações. Para educadores e professores, essa coletânea pode ser uma ferramenta valiosa em sala de aula, incentivando os alunos a explorar a criatividade na escrita, além de desenvolver habilidades de leitura crítica e interpretação.

A fim de aprimorar a eficácia do processo de ensino e aprendizagem, torna-se imprescindível a aplicação de uma atividade diagnóstica que avalie o conhecimento prévio dos alunos sobre os elementos da narrativa, as características distintivas do miniconto e sua competência leitora. Esta atividade permitirá identificar em que estágio cada estudante se encontra, proporcionando subsídios para a posterior análise da efetividade das atividades e estratégias pedagógicas que serão desenvolvidas no decorrer da pesquisa e se houve avanço na capacidade interpretativa dos educandos.

Assim, selecionamos o miniconto de Antônio Torres “Mas o Rio continua lindo Pensa o desempregado ao pular do Corcovado.”

A frase “Mas o Rio continua lindo” é o título do texto e parte integrante dele, pode ser interpretada como uma ironia frente à situação desesperadora do personagem ou como uma triste aceitação da beleza natural da cidade que contrasta com sua realidade pessoal. É um exemplo da concisão, condensando uma história completa e uma carga emocional intensa em apenas duas linhas. Cada palavra é escolhida cuidadosamente para maximizar o impacto e a significação. Não

há elementos supérfluos; tudo contribui para a construção da cena e a revelação do estado psicológico do personagem.

Sua estrutura cria uma tensão crescente que culmina na ação desesperada do desempregado. A primeira linha, aparentemente tranquila e até otimista, prepara o leitor para uma reviravolta chocante na segunda linha, cria um efeito de surpresa e reflexão sobre as disparidades sociais e a condição humana.

O miniconto faz uma referência direta ao Rio de Janeiro e ao Corcovado, locais icônicos e reconhecíveis, que acrescentam uma camada de intertextualidade e significado cultural. A expressão "Mas o Rio continua lindo" é uma alusão à famosa canção "Aquele Abraço" de Gilberto Gil, trazendo à tona questões sobre a realidade socioeconômica do Brasil e a visão romantizada da cidade maravilhosa.

A oficina 1, intitulada "Elementos da narrativa em foco", composta por três aulas, teve como objetivo avaliar a capacidade dos alunos em compreender, interpretar e reconhecer nos minicontos os elementos da narrativa, além de transformar um conto em um miniconto.

A segunda oficina, composta por três aulas, focou atividades com minicontos para os alunos do 9º ano e recebeu o nome de "Explorando o universo dos minicontos", com o objetivo de desenvolver habilidades de compreensão e interpretação de textos literários, estimular a criatividade, promover a cooperação e praticar a análise de elementos literários.

Em seguida, aconteceu a oficina 3, que foi chamada de "Retextualizando contos e minicontos", pois foi composta por atividades que visavam desenvolver habilidades de síntese e interpretação, explorar diferentes formas de narrativa e incentivar a criatividade na adaptação de histórias.

A última oficina, identificada como "Minicontos nas redes sociais", foi composta por três aulas, visou desenvolver a habilidade de síntese e criatividade na produção de minicontos, explorar o potencial das redes sociais como plataforma para a publicação e divulgação de textos literários, e promover o pensamento crítico sobre o uso das redes sociais para fins educativos e culturais.

Após o desenvolvimento das atividades das etapas citadas acima, foi essencial realizar uma avaliação diagnóstica para verificar o impacto dessas atividades na competência leitora dos alunos. Colocar-se no papel de autor, criar e publicar minicontos são experiências que podem enriquecer a leitura e a interpretação dos textos literários. A última avaliação teve como objetivo entender se

essas práticas efetivamente contribuíram para o desenvolvimento dessas habilidades. Ela foi composta por três partes principais: i) análise de minicontos produzidos pelos alunos, ii) questionário de compreensão e interpretação, e iii) reflexão escrita sobre a experiência de se colocar no papel de autor.

Antes de começar as atividades, foi importante informar aos alunos que suas produções não receberiam notas. Isso permitiu considerar as habilidades de cada aluno e identificar suas defasagens, orientando o desenvolvimento individual. Essa abordagem foi a base da avaliação formativa, que incentivou o aprendizado contínuo dos estudantes.

Com essa intenção, o recurso educacional, ancorada no conceito de leitura literária foi estruturado, seguindo as proposições expostas anteriormente de Candido (199, 2000) Hansen (2005) e Aguiar (2000), e envolveu atividades de leitura, compreensão, interpretação e produção do gênero miniconto, conforme se ilustra no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Resumo dos módulos do recurso educacional

OFICINAS	AULAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
ATIVIDADE DIAGNÓSTICA	1 aula	Leitura de um miniconto	Diagnosticar o conhecimento dos alunos sobre o gênero miniconto, sua capacidade de compreender e interpretá-lo.
OFICINA 1: “Elementos da narrativa em foco”	1ª aula	Leitura do conto “A Luva” de Tatiana Belinky; Atividades de Compreensão e Interpretação;	Diagnosticar o conhecimento dos alunos sobre os elementos do gênero conto, sua capacidade de compreender e interpretá-lo.
	2ª aula	Correção e Discussão das Respostas.	Diagnosticar o conhecimento dos alunos sobre os elementos do gênero conto, sua capacidade de compreender e interpretá-lo.

	3ª aula	Atividade de Retextualização do conto em miniconto; Compartilhamento e Discussão dos Minicontos.	Diagnosticar a capacidade de síntese dos alunos; Identificar elementos da narrativa que são essenciais em um gênero narrativo conciso.
OFICINA 2: Explorando o universo dos minicontos	4ª aula	Leitura compartilhada de dois minicontos e análise dos textos; Apresentação breve sobre o conceito de miniconto, destacando suas características principais (brevidade, impacto, entrelinhas	Apresentar o gênero miniconto aos alunos; Diagnosticar a capacidade de compreensão e interpretação dos alunos.
	5ª aula	Leitura e Discussão em Duplas; Compartilhamento e Debate;	Compreender a estrutura do gênero; Identificar como os elementos da narrativa são utilizados. Compreender que o miniconto, mesmo sendo breve, precisa narrar uma história.
	6ª aula	Retextualizando: do miniconto ao conto	Desenvolver atividades de expansão de minicontos, expandindo-os para narrativas maiores.
	7ª aula	Apresentação das Histórias	Discutir em grupos sobre a experiência de trabalhar com minicontos; Identificar a estrutura e as características do gênero narrativo dentro de sua própria produção.
OFICINA 3: Retextualizando contos e minicontos	8ª aula	Leitura e Discussão de contos; Identificação dos Elementos Principais; Síntese da História	Identificar a estrutura e os elementos da narrativa dentro do gênero conto; Identificar os elementos essenciais da narrativa; Estimular a capacidade de síntese.

	9ª aula	Retextualizando: do Miniconto ao conto	Desenvolver habilidades de síntese e interpretação; Incentivar a criatividade na adaptação de histórias.
	10ª aula	Apresentação do miniconto	Desenvolver habilidades de síntese e interpretação; Incentivar a criatividade na adaptação de histórias.
OFICINA 4: Minicontos nas redes sociais	11ª aula	Apresentação sobre como as redes sociais podem ser usadas para compartilhar literatura; Leitura de minicontos publicados em redes sociais; Discussão sobre Minicontos nas Redes Sociais e impressas	Explorar o potencial das redes sociais como plataforma para a publicação e divulgação de textos literários; Promover o pensamento crítico sobre o uso das redes sociais para fins educativos e culturais; Explorar quais são as características dos textos publicados na internet.
	12ª aula	Elaboração de minicontos para publicação Edição e design das publicações	Produzir minicontos autorais, com temas variados, que levem em conta os elementos e características do gênero; Produzir a publicação das produções em materialidades adequadas para a forma de publicação (digital e impressa).
	13ª aula	Apresentação das publicações Criação de um projeto coletivo	Discutir com a sua turma quais as interpretações possíveis para os minicontos produzidos pelos colegas.
AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA FINAL	1 aula	Leitura, compreensão e interpretação de um miniconto	Avaliar a compreensão, interpretação e conhecimento dos elementos narrativos do miniconto e como as atividades realizadas auxiliaram no desenvolvimento da competência leitora.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

4.3 RECURSO EDUCACIONAL PARA LEITURA LITERÁRIA DE MINICONTO

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

Tempo estimado: 1 hora/aula

Material necessário: Google forms; computadores, tablets ou celulares com acesso à internet.

Objetivos: Diagnosticar o conhecimento dos alunos sobre o gênero miniconto, sua capacidade de compreender e interpretá-lo.

Miniconto selecionado: "Mas o Rio continua lindo
Pensa o desempregado ao pular do Corcovado."
(Torres, Antônio in Freire, p.10,2004)

Questões de Compreensão e Interpretação

1. Você gosta de ler? Qual foi o último livro que você leu?
() SIM () NÃO
LIVRO: _____
2. Você já ouviu falar sobre ou já leu um miniconto?
() SIM () NÃO
3. Segundo Spalding (2004), o miniconto é um texto narrativo extremamente breve que permite que o leitor tenha contato com uma história condensada. Assim, leia o miniconto a seguir e responda:
**"Mas o Rio continua lindo
Pensa o desempregado ao pular do Corcovado."**
(Torres, Antônio in Freire, p.10,2004)
4. Você considera esse texto fácil de ser compreendido?
() SIM () NÃO

A) Conte, com suas palavras, o que você entendeu do texto que leu.

B) Você acha que esse texto pode conter uma história? Qual seria ela?

5. Você gostou do texto "Mas o Rio continua lindo"? Por quê
() SIM () NÃO

Justifique: _____

A atividade diagnóstica apresentada tem como finalidade verificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero miniconto, bem como sua

capacidade de leitura, compreensão e interpretação de textos extremamente breves, porém densos em significado. Por meio de um formulário digital, os estudantes são convidados a refletir sobre seus hábitos de leitura, sua familiaridade com o gênero e, especialmente, a interpretar o miniconto. Essa atividade inicial é fundamental para identificar os repertórios socioculturais dos alunos, suas habilidades de inferência, leitura implícita e percepção do papel do título na construção de sentidos, permitindo ao professor planejar intervenções pedagógicas mais precisas e significativas ao longo do recurso educacional.

Sequência das aulas e estratégias utilizadas

OFICINA 1: “Elementos da narrativa em foco”

Tempo estimado: 3 horas/aula

Material necessário: cópias impressas dos textos selecionados e das atividades.

Objetivo: Avaliar a capacidade de compreensão, interpretação e conhecimento dos elementos da narrativa, além de transformar um conto em miniconto.

1. Leitura do conto: Leia em voz alta o conto "A luva", de Tatiana Belinky. Solicite aos alunos que acompanhem a leitura no material impresso. Depois da leitura oral pelo professor e de uma segunda leitura, em voz silenciosa pelos alunos, o professor deverá trabalhar o vocabulário do texto, uma vez que há palavras que remetem ao passado tais como desdenhar, função etc.)

2. Discussão inicial: Faça perguntas rápidas para verificar a compreensão inicial do texto.

- Quem são os personagens principais? Como o cavalheiro se sentia em relação à dama?
 - Onde a história acontece?
 - Como a história se inicia?
 - Qual foi o problema que aconteceu?
 - Como esse problema é solucionado? O que significou a fala do cavalheiro: “Dispensar a vossa gratidão, Senhora”?
 - O que o gesto do cavalheiro, ao final do conto, revela sobre sua relação com a bela donzela Cunegundes? Ele ainda a amava? O que mudou e por que mudou?
-

3. Atividade de compreensão e interpretação: Divida os alunos em duplas ou pequenos grupos e entregue as questões de compreensão e interpretação preparadas.

4. Correção e discussão das respostas: Peça aos grupos para compartilharem suas respostas com a turma e discuta as respostas corretas e os pontos importantes, incentivando os alunos a justificarem suas respostas.

5. Transformação do conto em miniconto: Para a atividade de retextualização peça aos alunos que, individualmente, transformem o conto lido em um miniconto de até 50 palavras. Dê tempo para que escrevam suas versões.

6. Compartilhamento e discussão dos minicontos: Solicite para que alguns alunos leiam seus minicontos para a turma, discuta as diferentes abordagens e como cada aluno conseguiu manter a essência da história.

ATIVIDADE OFICINA 1: "Elementos da narrativa em foco"

LEIA O TEXTO A SEGUIR:

"A luva"

(Tatiana Belinky)

Foi nos tempos distantes do amor cortês. No reino medieval do rei Franz era dia de festa, e o ponto alto das festividades era a exibição de feras selvagens, trazidas de terras distantes, na arena do grande castelo. Em volta da arena erguiam-se as arquibancadas, encimadas por altos balcões onde brilhavam os nobres da corte, ao lado das belas damas faiscantes de joias. Entre elas se destacava a donzela Cunegundes, tão rica e formosa quanto orgulhosa, e de pé ao seu lado estava o seu apaixonado adorador, o jovem cavaleiro Delorges, cujo amor ela desdenhava, distante e fria.

Chegou a hora do início da função. A um sinal do rei, abriu-se a porta da primeira jaula, da qual saiu, majestoso, um feroz leão africano e, sacudindo a juba dourada, deitou-se na areia, preguiçoso. Abriu-se a segunda jaula, liberando um terrível tigre-de-bengala, que encarou o leão com olhos ameaçadores e deitou-se também, tenso, como quem prepara um bote mortal. Em seguida, abriu-se a terceira jaula, da qual saltaram, quais enormes gatos negros, duas panteras de dentes arreganhados, deitando-se agachadas e aumentando a tensão do ambiente.

Fez-se um silêncio no público: todos aguardavam ansiosos um pavoroso embate mortal entre os quatro monstros felinos... E neste momento, como que sem querer, a donzela Cunegundes deixou cair, do alto do balcão, sua branca luva, bem no centro da arena, entre as quatro feras assustadoras. E, dirigindo-se com um sorriso irônico ao seu cavaleiro adorador, falou, afetada:

“Cavaleiro Delorges, se de fato me amais como viveis repetindo, provai-o, indo buscar e me devolvendo a minha luva.”

O cavaleiro Delorges não respondeu nada e, sem titubear, desceu rápido do balcão e com passos decididos pisou na arena, entre as fauces hiantes e as presas arreganhadas das quatro feras. Calmo e firme ele apanhou a luva e, sem olhar para trás e sem apressar o passo, voltou para o balcão, sob os sussurros de espanto e admiração de todo o público presente.

A donzela Cunegundes estendeu a mão num gesto faceiro para receber a luva e, com um sorriso cheio de promessas, falou:

“Ganhaste a minha gratidão, cavaleiro Delorges.”

Mas em vez de entregar-lhe a luva, o cavaleiro Delorges atirou-a no belo rosto da dama cruel e orgulhosa:

“Dispenso a vossa gratidão, senhora!”, disse ele.

E, voltando-lhe as costas, o cavaleiro Delorges foi embora para sempre.

(BELINKY, Tatiana. *A Luva. Nova Escola*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3332/a-luva>. Acesso em: 11 ago. 2024.)

ATIVIDADES - OS ELEMENTOS DA NARRATIVA

Relacione os elementos da narrativa às suas definições:

- a) personagem
- b) narrador
- c) cenário
- d) tempo
- e) enredo

- () É o conjunto de acontecimentos da narração. Dá sequência a uma história, porque em torno dele se desenvolve tudo o que acontece nela.
- () É aquele que conta uma história, representa a voz do texto.
- () É aquele ser que pratica as ações narradas.
- () É o período em que a história se passa, considerando a época, a duração, a ordem da narração.
- () É o local onde a narrativa se desenvolve.

Os cinco elementos da narrativa citados na atividade anterior são essenciais para fazer uma narração, sem eles não conseguimos contar uma história. Assim, de acordo com o texto lido responda:

1. A protagonista do conto é a donzela Cunegundes. Como ela é apresentada na história? O que isso revela sobre os valores da sociedade em que ela vive?

-
2. O texto é contado por um narrador que participa da história ou de um narrador que não participa? Comprove com um trecho do texto.

 3. Qual é o cenário onde a história acontece? Descreva-o brevemente.

 4. Em que período histórico se passa a história? O que você sabe sobre esse período? Tente descrever aspectos culturais e sociais daquela época. Como era a vida das mulheres e dos homens?

 5. Explique, com suas próprias palavras, o enredo do conto "A Luva" de Tatiana Belinky. Inclua os principais acontecimentos e como eles se desenvolvem ao longo da história.

SEQUÊNCIA DO TEXTO NARRATIVO

O enredo de uma narrativa fictícia, como são os contos, é composto por uma **situação inicial, um ponto de mudança na narrativa e a resolução do conflito da história**. Retome o texto e responda:

1. Qual a situação descrita no início do conto?

- A) Uma senhora está andando pela rua em um dia frio e percebe que perdeu uma de suas luvas.
- B) No reino medieval do rei Franz, durante uma festa, feras selvagens são exibidas na arena do grande castelo.
- C) Um menino está jogando futebol com seus amigos quando percebe que perdeu uma de suas luvas.
- D) Uma garota está em uma loja de roupas escolhendo um par de luvas novas para o inverno.

2. O conflito é um fato que interrompe o fluxo da situação inicial da narrativa, criando um problema que deverá ser resolvido. No texto lido, ele surge a partir de um desafio que a donzela Cunegundes impôs ao cavaleiro Delorges. Qual foi o desafio? O que isso revela sobre a relação entre homens e mulheres na época? O que isso revela sobre a personalidade de Cunegundes?

3. Quais são as ações realizadas por um dos personagens para resolver o problema?

4. O desfecho da história, isto é, o que encerra o enredo com a solução

dos conflitos que aconteceram ao longo da narrativa é a maneira como o cavaleiro Delorges responde ao desafio. Qual foi sua atitude e que ela revela sobre os valores que ele representa?

Retextualizando: do Conto ao Miniconto

Agora tenho um desafio para você, estudante! Transforme o conto "A luva", de Tatiana Belinky, em um miniconto, mantendo a essência da história. Escreva sua versão abaixo em no máximo 50 palavras.

A sequência de atividades apresentada parte de uma abordagem metodológica que valoriza a exploração dos elementos constitutivos da narrativa (personagens, enredo, narrador, tempo e espaço) como eixo estruturante para a leitura literária. Ao trabalhar inicialmente com definições e reconhecimento desses elementos, cria-se uma base conceitual que auxilia o aluno a compreender como as histórias são construídas e articuladas.

A escolha do conto "A Luva", de Tatiana Belinky, como texto de referência, permite a aplicação concreta dos conceitos, por meio de questões interpretativas que relacionam o conteúdo narrativo aos aspectos sociais, históricos e simbólicos da obra. A metodologia adotada favorece o desenvolvimento de uma leitura ativa e investigativa, na qual o estudante é instigado a refletir sobre os valores sociais retratados, a função do narrador, a ambientação histórica e a estrutura do enredo, promovendo uma experiência de leitura mais profunda e crítica.

Além disso, a proposta culmina em uma atividade de retextualização — a transformação do conto em miniconto — que representa uma estratégia metodológica significativa para o ensino de literatura. Esse exercício estimula o aluno a compreender a essência da narrativa e a reorganizá-la em uma estrutura extremamente concisa, exigindo domínio dos elementos narrativos e capacidade de síntese. Essa etapa final é especialmente relevante por integrar leitura, interpretação e produção textual, consolidando a aprendizagem de forma criativa.

Assim, as atividades propostas contribuem efetivamente para a formação de leitores críticos e produtores conscientes de narrativas, fortalecendo o trabalho com a literatura no ensino fundamental.

OFICINA 2: “Explorando o universo dos minicontos”

Tempo estimado: 3 horas/aula

Material necessário: Tv Educatron, slides, cópias impressas dos textos selecionados e das atividades, lápis e borracha.

Objetivos: Desenvolver a habilidade de compreensão e interpretação de textos literários; estimular a criatividade na criação de novas histórias a partir de minicontos; promover a cooperação e trabalho em equipe e praticar a análise de elementos literários (personagens, enredo, desfecho, etc.).

Atividade 1: Conhecendo minicontos

1. **Introdução ao Miniconto:** Leitura compartilhada de dois minicontos e análise dos textos; Apresentação breve sobre o conceito de miniconto, destacando suas características principais (brevidade, impacto, entrelinhas, etc.).

O GÊNERO MINICONTO

Texto 1:

"FUMAÇA

Olhou a casa, o ipê florido. Tudo para ela. Suspendeu a mala e foi."

(Brito. In: Freire, 2004, p. 87)

Questões para discussão com os alunos:

1. Quem você supõe que seja o sujeito que olha a casa e o ipê florido?
2. O que o sujeito que olha faz depois de olhar a casa e o ipê florido?
3. Qual tipo de relação você pressupõe haver entre o eu que olha e a personagem mencionada como "ela" no texto?
4. Que tipo de conflito pode ter acontecido com esses dois personagens?
5. Como você interpreta o sentimento do sujeito ao suspender a mala e partir?
6. O que o título "FUMAÇA" pode significar a partir das relações que você criou entre os personagens?

RETEXTUALIZAR O MINICONTO

Agora vamos juntos dar vida aos detalhes que estão apenas sugeridos no miniconto transformando-o em um conto breve. Acompanhe atentamente como seu professor constrói o novo texto:

Eduardo olhou a casa, seu olhar estava perdido entre as lembranças e o ipê florido que dominava o quintal. A árvore parecia mais viva do que nunca, contrastando com o vazio que ele sentia por dentro. Tudo aquilo que um dia fora o lar de tantos momentos agora parecia distante, desbotado. O balanço preso no galho mais baixo ainda balançava, empurrado pelo vento leve, como se insistisse em lembrar os tempos que se foram.

Ele suspirou, tentando afastar a dor que crescia no peito. "Tudo para ela", pensou, mais uma vez repetindo aquelas palavras. Toda a casa, cada canto, cada lembrança, cada sonho... havia sido construído por e para ela. Mas agora, ela já não estava mais ali.

Suspendeu a mala com esforço, não só pelo peso, mas pelo que ela representava. Era o fim de uma era, o começo de outra, incerta e solitária. Fechou o portão sem olhar para trás, temendo que qualquer outro vislumbre o fizesse hesitar.

E foi, deixando para trás não só uma casa, mas um pedaço de si.

Eduardo olhou a casa, seu olhar estava pesado, carregado de ressentimento e desespero. O ipê florido no quintal continuava a exibir sua beleza indiferente, como se nada tivesse mudado, como se o tempo não tivesse corroído cada pedaço daquilo que eles haviam construído juntos.

A casa, antes um lar, agora parecia uma prisão de memórias sufocantes. Cada cômodo guardava fragmentos do que foi, mas nada do que poderia ser. Tudo para ela, pensou com amargura, mas ela não ficou. Não lutou.

Ele apertou o isqueiro entre os dedos, o metal frio contrastando com o calor crescente que tomava seu peito. Respirou fundo, sentindo o cheiro de madeira velha e tinta desbotada. Abriu a porta da sala pela última vez e, com um movimento rápido, jogou o líquido inflamável sobre o chão de tábuas que tanto tinham pisado juntos.

As chamas nasceram tímidas, mas logo devoraram o que encontravam pela frente. O crepitar do fogo ecoava em seus ouvidos como uma canção de despedida. O ipê ainda florescia do lado de fora, mas a casa... a casa se dissolvia em fumaça e cinzas.

Suspendeu a mala com calma, sem pressa, enquanto o fogo rugia atrás de si. O calor nas suas costas era quase reconfortante. Fechou o portão, e dessa vez olhou para trás, vendo as chamas engolirem o que restava do passado.

E foi, deixando o fogo consumir o que ele não podia mais carregar.

Texto 2:
MAS O RIO CONTINUA LINDO
Pensa o desempregado
ao pular do Corcovado.

(Torres, Antônio in Freire, p.10,2004)

Questões para discussão com os alunos:

1. Quem narra o miniconto também participa dele? Justifique.
2. Quem é o sujeito que decide pular do Corcovado? Que conflitos ele pode estar vivenciando que o levaram a tomar essa decisão extrema?
3. No texto, o personagem decide pular do Corcovado. Você sabe onde fica e como é esse lugar? Se não conhece, pesquise sobre ele.
4. Qual é o significado do cenário do Rio de Janeiro na frase "Mas o Rio continua lindo"? Como a cidade do Rio de Janeiro é mundialmente conhecida? Como esse contexto contribui para o contraste com a situação do desempregado?
5. De que forma o miniconto pode ser interpretado como uma crítica à situação econômica e social vivida por pessoas no Rio de Janeiro?
6. O miniconto usa uma frase positiva ("Mas o Rio continua lindo") para introduzir uma situação trágica. Como esse contraste afeta a interpretação do texto? O que ele sugere sobre o estado emocional do personagem e sua relação com o lugar?

RETEXTUALIZAR O MINICONTO

Agora é a sua vez de dar vida aos detalhes que estão apenas sugeridos no miniconto transformando-o em um conto breve. Trabalhe com seus colegas e com professor para construir o novo texto:

A cidade do Rio de Janeiro se estendia a seus pés, um mar de luzes e cores que brilhavam sob o sol da tarde. Do alto do Corcovado, o Cristo Redentor observava tudo com seus braços abertos, como um guardião silencioso da cidade. Mas, para Lucas, aquela vista deslumbrante já não trazia mais alegria.

Ele havia chegado ao Rio há alguns anos, cheio de sonhos e esperanças. A energia vibrante da cidade o fascinava. Lucas queria ser um artista, alguém que pudesse capturar a beleza e a vivacidade do lugar em suas telas. Mas, com o tempo, os sonhos foram se dissipando como névoa sob o sol quente. O desemprego havia se tornado sua sombra constante, e a busca por uma oportunidade se transformou em um fardo pesado.

Lucas olhava para a cidade abaixo, pensando nas cartas de demissão, nas promessas não cumpridas, nos currículos enviados para empresas que nunca responderam. Ele havia tentado de tudo: desde trabalhar como garçom até vender artesanato nas praias. Mas as contas continuavam a acumular, e a frustração começou a corroer seu espírito.

"Mas o Rio continua lindo", pensou, sentindo uma pontada de amargura. A beleza

da cidade parecia zombar de sua dor, como se todos à sua volta vivessem em um mundo à parte, um mundo onde a vida corria livre, enquanto ele estava preso em um ciclo de desesperança.

Ele olhou para o horizonte, onde o mar se encontrava com o céu, uma linha infinita de azul. Era ali que tudo começara, onde seus sonhos haviam tomado forma. Lembrou-se de quando chegara, os olhos brilhando de entusiasmo, as promessas de um futuro radiante. Mas agora, o que restava? Apenas um eco do que poderia ter sido.

O vento soprava forte, carregando consigo a brisa salgada do mar. Lucas respirou fundo, tentando encontrar coragem em meio à tempestade de emoções. Olhou mais uma vez para a cidade que o recebera de braços abertos, mas que agora parecia um labirinto sem saída. Ele se sentiu um intruso, um espectador da vida alheia, enquanto sua própria existência se tornava cada vez mais insustentável.

“E se eu não aguentar mais?” A dúvida sussurrou em sua mente, cada palavra mais pesada que a anterior. Os rostos dos amigos, da família, de pessoas que se preocupavam com ele, passaram pela sua cabeça, mas a sensação de isolamento era esmagadora.

Naquele momento, Lucas tomou uma decisão. Ele queria se libertar daquela dor, daquela sensação de estar preso. Com um último olhar para a cidade, para o Cristo que o observava, ele deu um passo para frente. Mas não para o abismo. Ele se virou e correu de volta, descendo a trilha que levava ao Corcovado.

Sentiu as lágrimas escorrendo pelo rosto, não de desespero, mas de alívio. Decidiu que, apesar de tudo, ainda havia esperança. Ele poderia lutar mais um pouco, procurar outras formas de se reinventar. O Rio continuaria lindo, mas ele precisava aprender a ver sua própria beleza, a força que ainda existia dentro dele.

E assim, Lucas voltou para a cidade, determinado a reescrever sua história, um passo de cada vez, enquanto a vista do Corcovado se tornava uma lembrança de que, mesmo em tempos difíceis, havia sempre um novo começo à espera.

Professor, com o objetivo consolidar o conhecimento dos alunos sobre o gênero miniconto, situando-o dentro do campo dos textos narrativos, após a leitura e discussão dos minicontos selecionados, é fundamental conduzir um momento de sistematização, no qual o professor apresente de forma clara as principais características desse gênero: a concisão, a tensão, a narratividade, a sugestão de elementos narrativos nas entrelinhas e o impacto interpretativo.

Atividade 2: Explorando minicontos

1. **Leitura de minicontos:** dividir os alunos em duplas e entregar um miniconto para cada dupla; se possível, entregar os mesmos minicontos para mais de uma dupla para que depois eles possam comparar suas interpretações. Cada dupla lê seu miniconto e discute internamente:

Quem são os personagens?
 Qual é a situação descrita?
 Há um conflito na história?
 Qual é o possível desfecho?
 Qual a mensagem ou reflexão que o miniconto provoca?

2. **Compartilhamento e Debate:** Cada dupla apresenta seus minicontos para a turma e compartilha suas interpretações. Após cada apresentação, abrir para perguntas e debate sobre as diferentes interpretações e impressões.
3. **Retextualizando: do miniconto ao conto:** A dupla deve expandir seu miniconto em uma história completa, com início, meio e fim, mantendo a essência do texto original. A história deve ter pelo menos uma página.
4. **Revisão:** As duplas revisam e editam suas histórias completas, focando na coesão e coerência do texto.
5. **Apresentação das Histórias:** Cada dupla lê sua história expandida para a turma. A turma pode fazer comentários e sugestões.
6. **Reflexão Final:** Discussão em grupo sobre a experiência de trabalhar com minicontos:

O que aprenderam? Qual foi o maior desafio? Qual miniconto gostaram mais e por quê?

Minicontos selecionados:

Caiu da escada e foi para o andar de cima. MYRTES, Adrienne. Sem título. In.: FREIRE, Marcelino (Org.). <i>Os cem menores contos brasileiros do século</i>. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 02.
OUTRA VIAGEM A mala é bem grande, mas não sei se cabem as pernas. NESTROVSKI, Arthur. <i>Outra viagem</i>. In.: FREIRE, Marcelino (Org.). <i>Os cem menores contos brasileiros do século</i>. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 11
Uma vida inteira pela frente. O tiro veio por trás. MOSCOVICH, Cíntia. Sem título. In.: FREIRE, Marcelino (Org.). <i>Os cem menores contos brasileiros do século</i>. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 16
Lá no caixão...Sim, paizinho. ...não deixe essa aí me beijar. TREVISAN, Dalton. In.: FREIRE, Marcelino (Org.). <i>Os cem menores contos brasileiros do século</i>. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 20
PACIÊNCIA Após 3 atropelados, surge 1 passarela. Jó ainda tem 5 filhos.

MUCINHO, José. *Paciência*. In.: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 46

A DÍVIDA

Mata o pai, arromba o cofre, só uma caixa vazia.

CASTELO, José. *A dívida*. In.: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 45

BALA PERDIDA

Acorda, levanta, vai ganhar a vida... (*Disparos*) ...passou tão rápida.

FREIRE, Wilson. *Bala perdida*. In.: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p.99

TERRORES NOTURNOS

Abriu os olhos, pulou da cama, correu até a porta: trancada.

VIDAL, Paloma. *Terroreres noturnos*. In.: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 75

ATIVIDADES PROPOSTAS:

ATIVIDADE - OFICINA 2: Explorando o universo dos minicontos

1. LEIA O MINICONTO E RESPONDA:

A. Quem são os personagens?

B. Há alguém que fala no seu texto (narrador)? Ele participa da história ou apenas conta algo que aconteceu com outra(s) pessoa (s)?

C. Essa história acontece num momento contemporâneo, do passado ou do futuro? Explique.

D. É possível saber onde os fatos aconteceram? Explique

E. Qual é a situação apresentada, ou seja, qual é a história pressuposta?

F. Há um conflito na história?

G. Qual é o possível desfecho?

2. Cada dupla deve expandir seu miniconto em uma história completa, com início, meio e fim, mantendo a relações entre as personagens e a pertinência do conflito em relação ao texto original. A história deve ter pelo menos uma página.

As atividades propostas privilegiam a leitura interpretativa, a autoria e o letramento literário. A proposta de explorar o gênero miniconto a partir da leitura, análise e posterior retextualização permite aos alunos reconhecerem a estrutura narrativa mesmo em textos extremamente concisos, desenvolvendo assim a habilidade de inferência. Ao propor questões que instigam os alunos a interpretar os sentidos sugeridos nos textos e a refletir sobre os sentimentos dos personagens e os contextos sociais implícitos, a metodologia adotada valoriza o protagonismo discente e estimula o pensamento crítico, aspectos essenciais da leitura.

A atividade de retextualização, por sua vez, apresenta-se como um exercício criativo que estimula a imaginação e a produção textual, além de consolidar a compreensão do gênero estudado. Nesse sentido, a proposta de retextualização a partir dos minicontos encontra respaldo teórico em Hansen (2005), que afirma que, para uma leitura ser considerada literária, é necessário que o leitor compreenda os procedimentos técnicos e criativos que fundamentam o texto. Ao pedir que os alunos reconstruam os enredos sugeridos nos minicontos em forma de contos breves, a atividade estimula a compreensão das regras específicas da linguagem literária — como concisão, subentendidos, estilo e construção de tensão — e convida os estudantes a se colocarem no lugar do autor, imaginando os caminhos possíveis para a narrativa. Assim, o ato de escrever torna-se também um ato de leitura aprofundada, em que o aluno precisa interpretar com sensibilidade e criatividade os elementos sugeridos no texto, exercitando simultaneamente a empatia, a crítica e a imaginação.

A discussão coletiva sobre as interpretações, somada ao compartilhamento das produções, fortalece o diálogo e o respeito à diversidade de leituras, contribuindo para a formação de leitores autônomos e críticos. Essa prática, portanto, não apenas desenvolve a competência leitora, mas também promove a valorização da literatura como forma de expressão humana e de compreensão do mundo.

OFICINA 3: Retextualizando contos e minicontos

Tempo previsto: 2 horas/aula

Material necessário: cópias dos textos selecionados e das atividades, lápis e borracha.

Objetivos: Desenvolver habilidades de síntese e interpretação; explorar diferentes formas de narrativa e incentivar a criatividade na adaptação de histórias.

Atividades:

1. **Leitura e Discussão:** As duplas leem um conto breve escolhido pelo professor e discutem os principais elementos da história: personagens, enredo, conflito e desfecho.
2. **Identificação dos Elementos Principais:** Cada dupla identifica os elementos mais importantes da história que devem ser mantidos na versão do miniconto.
3. **Síntese da História:** As duplas escrevem uma versão reduzida do conto, mantendo a essência e o impacto do original em apenas algumas linhas.
4. **Criação do Miniconto:** Com base na síntese, cada dupla cria um miniconto, ajustando o texto para que seja breve, mas ainda assim claro e significativo, causando impacto no leitor.
5. **Apresentação:** As duplas apresentam seus minicontos para a turma. O restante da turma pode dar feedback sobre a clareza, o impacto e a fidelidade ao conto original.

RETEXTUALIZANDO CONTOS E MINICONTOS

A disciplina do amor – Conto de Lygia Fagundes Telles

Foi na França, durante a Segunda Grande guerra: um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e na maior alegria acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta à casa. A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava até a correr todo animado atrás dos mais íntimos. Para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe.

Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi convocado. Pensa que o cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina, fixo o

olhar naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse indicar a presença do dono bem-amado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava sua vida normal de cachorro, até chegar o dia seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à pata, voltava ao posto de espera. O jovem morreu num bombardeio mas no pequeno coração do cachorro não morreu a esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia chegando aquela hora ele disparava para o compromisso assumido, todos os dias.

Todos os dias, com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos para outros amigos. Só o cachorro já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu) continuou a esperá-lo na sua esquina.

As pessoas estranhavam, mas quem esse cachorro está esperando... Uma tarde (era inverno) ele lá ficou, o focinho voltado para aquela direção.

FAGUNDES TELLES, Lygia. A disciplina do amor. In: SALTO (SP). *Apostila de Língua Portuguesa – 7ª Série – EJA*. Salto: Secretaria da Educação, 2020. Disponível em: <https://salto.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/7%C2%AA-S%C3%89RIE-EJA-L%C3%8DNGUA-PORTUGUESA.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Para auxiliar os alunos eles podem usar as questões do quadro a seguir:

ATIVIDADE - OFICINA 3: Retextualizando contos e minicontos

1. Identifique os elementos da narrativa que compõe seu texto:

personagens: _____
 espaço: _____
 tempo: _____
 narrador: _____
 enredo: _____

2. Identifique a sequência narrativa de seu texto:

a) situação inicial:

b) conflito:

c) desenvolvimento:

d) clímax:

e) desfecho:
3. Discuta com seu colega quais são os elementos mais importantes para a compreensão do texto e que devem ser mantidos na versão do miniconto.
4. Escreva aqui a sua versão do conto em até 50 palavras, mantendo a essência e o impacto do original em apenas algumas linhas.

A Oficina 3 propõe uma experiência de leitura e produção textual que favorece o desenvolvimento de competências interpretativas, criativas e técnicas relacionadas à narrativa literária. A sequência de atividades — leitura, análise, síntese e reescrita — oferece aos alunos uma oportunidade concreta de vivenciar os mecanismos do fazer literário, aproximando-os dos processos de criação do autor e das regras internas que regem a construção de um conto ou miniconto.

A proposta de retextualização, ao exigir que a nova versão seja construída, desafia os estudantes a explorar a síntese com profundidade, mantendo a expressividade e o impacto emocional da história original. Isso os obriga a compreender os efeitos de sentido produzidos por cada elemento do conto. A escolha do conto “A disciplina do amor”, de Lygia Fagundes Telles, reforça esse propósito, pois trata-se de uma narrativa com forte carga simbólica e emocional, que exige do leitor (e, posteriormente, do reescritor) uma leitura sensível e técnica ao mesmo tempo.

Ao final, o momento de socialização com a turma e o feedback coletivo ampliam ainda mais essa perspectiva, pois promovem a escuta crítica e o olhar atento sobre os efeitos produzidos pelos minicontos reescritos. A oficina, portanto, envolve imaginação, técnica e empatia — elementos fundamentais para a formação de leitores e produtores competentes de textos literários.

OFICINA 4: Minicontos nas redes sociais

Tempo previsto: 3 horas/aula

Materiais necessários: Tv Educatron; slides; papel e caneta; computadores, tablets ou celulares com acesso à internet e ferramentas de design (Canva).

Objetivos: Desenvolver a habilidade de síntese e criatividade na produção de minicontos; explorar o potencial das redes sociais como plataforma para a publicação e divulgação de textos literários e promover o pensamento crítico sobre o uso das redes sociais para fins educativos e culturais.

Atividades:

1. **Introdução ao uso de redes sociais para literatura:** Apresentação sobre como as redes sociais podem ser usadas para compartilhar literatura, com exemplos de perfis e hashtags literárias populares. Utilizados os slides, falar sobre como o gênero miniconto encontrou na internet um ambiente propício para sua disseminação. Em seguida, realizar a leitura de alguns minicontos em redes sociais como TikTok e Instagram para explorar quais são as características dos textos publicados na internet.

SLIDE 1:

Os minicontos em ambientes virtuais

Os minicontos encontraram na internet um ambiente fértil para circulação e criação. Devido ao seu formato breve, eles se adaptam bem às redes sociais, blogs e outras plataformas online, tornando-se populares no Instagram, Twitter e Facebook. Essa brevidade permite que o leitor tenha uma experiência literária completa em apenas alguns segundos, o que é ideal para a dinâmica rápida da internet.

Além disso, a internet possibilita que os autores de minicontos explorem temas variados e usem linguagem acessível, inovadora e interativa, muitas vezes combinando texto com imagens e vídeos para intensificar o impacto. As hashtags e os desafios de escrita incentivam a produção criativa em massa, e a audiência responde diretamente, o que aumenta a interação entre autores e leitores. Isso contribui para a democratização do gênero, fazendo com que mais pessoas, independentemente de formação ou origem, possam tanto escrever quanto consumir minicontos, ampliando o alcance da literatura.

SLIDE 2:

<https://drive.google.com/file/d/1MJkIZO7RnaBeOKUZbP3qHYAZkYuhFi1O/view?usp=sharing>



<https://drive.google.com/file/d/1MJkIZO7RnaBeOKUZbP3qHYAZkYuhFi1O/view?usp=sharing>

SLIDE 3

<https://drive.google.com/file/d/1BD09um65Y58ohDUYa2sGfUjUCU54joVr/view?usp=sharing>

https://drive.google.com/file/d/1sn8_i4W-lbaJPZjwOsENeoXoz5QRJ8eF/view?usp=sharing

SLIDE 4:



AVE

Na gaiola, cantava e encantava sua mestra. Fugiu e encantou o mundo.

SLIDE 5:



Nunca Fui Eu

Berto decidiu ser médico, profissão de seu pai. Berto decidiu casar com Ana, para agradar sua mãe. Berto era capaz de qualquer coisa, menos ser Berto

(Le Petit)

→ Para realizar uma discussão sobre o assunto com os alunos, utilize as questões sugeridas abaixo:

Questionamentos para Discussão sobre Minicontos nas Redes Sociais versus Impressos

1. Quais são os elementos que são utilizados nos textos online que podem ser utilizados para enriquecer a experiência de leitura?
2. Qual formato você acredita ser mais duradouro, postagens em redes sociais ou livros impressos? Por quê?
3. Como a apresentação visual dos minicontos nas redes sociais impactam a experiência de leitura em comparação com os textos impressos?
4. Qual formato você prefere para ler minicontos e por quê?

2. Elaboração de minicontos para publicação: Cada dupla agora deve elaborar um novo miniconto, pensado para ser publicado nas redes sociais. Devem ser curtos, impactantes e acompanhados de hashtags apropriadas.

3. Edição e design das publicações: As duplas utilizam ferramentas de design gráfico (como Canva) para criar postagens visuais para seus minicontos. Incluem texto, imagens ou ilustrações, e hashtags.

4. Apresentação das publicações: Os estudantes apresentam suas publicações para a turma, explicando suas escolhas de design, hashtags e o impacto que desejam causar.

5. Criação de um projeto coletivo: A turma cria um perfil literário coletivo onde todos os minicontos serão publicados, criando um acervo de trabalhos colaborativos. Decidem a identidade visual e a frequência de postagens.

6. Análise de feedback: Após um período de interação, os alunos analisam o feedback recebido (curtidas, comentários, compartilhamentos) e discutem o impacto de suas postagens.

ATIVIDADE - OFICINA 4: Minicontos nas redes sociais

Tema da atividade: "Minicontos na Era Digital"

Vivemos em uma era digital onde as redes sociais são uma plataforma poderosa para compartilhar ideias, histórias e emoções. Os minicontos, com sua brevidade e impacto, se encaixam perfeitamente nesse meio. Nesta atividade, vocês serão desafiados a criar e compartilhar seus próprios minicontos nas redes sociais, explorando como a tecnologia pode transformar a literatura.

Passos para a atividade:

1º passo: Escolha do tema do miniconto:

Cada aluno ou dupla deve escolher um tema que lhes interesse. Podem ser temas como amor, mistério, cotidiano, humor, entre outros.

2º passo: Planejamento e rascunho:

Pensem na história que desejam contar. Lembrem-se de que deve ser breve, mas impactante.

Escrevam um rascunho inicial e revisem, garantindo que cada palavra tenha um propósito

3º passo: Criação do miniconto:

Escrevam seu miniconto final. Certifiquem-se de que ele seja breve o suficiente para ser lido rapidamente no Tiktok.

4º passo: Design e visual:

Useм ferramentas como Canva ou qualquer editor de imagens para criar uma postagem visual atrativa para o seu miniconto.

Incluam o texto, uma imagem ou ilustração relevante, e hashtags apropriadas.

5º passo: Publicação nas redes sociais:

Publiquem o miniconto na conta fictícia criada para a atividade.

Useм hashtags como #miniconto, #microconto, #literaturanarede, e outras relacionadas ao tema do seu miniconto.

Incentivem seus colegas a curtir, comentar e compartilhar suas postagens.

6º passo: Interação e feedback:

Acompanhem os comentários e interajam com o público, respondendo às perguntas e agradecendo o feedback.

Analiseм o engajamento (curtidas, compartilhamentos, comentários) e reflitam sobre o impacto do seu miniconto.

Avaliação: Será realizada por meio da observação da participação dos alunos nas atividades e discussões; a qualidade e criatividade na criação dos minicontos e das publicações; engajamento e interação nas redes sociais e por meio da reflexão crítica sobre o uso das redes sociais para fins literários.

A proposta da oficina “Minicontos nas Redes Sociais”, fundamenta-se em práticas que aliam a leitura literária ao uso de tecnologias digitais, favorecendo o desenvolvimento da competência leitora de forma significativa e contextualizada. Ao explorar as redes sociais como suporte para a produção e divulgação de minicontos, a atividade reconhece os espaços digitais como ambientes legítimos de circulação da literatura, especialmente entre os jovens. A utilização de ferramentas como slides, Canva e redes sociais permite uma abordagem multimodal, desenvolvendo não apenas a leitura crítica e a interpretação textual, mas também habilidades de

síntese, criatividade e análise discursiva, ao considerar elementos como linguagem verbal, visual e os efeitos de sentido que essas linguagens provocam no leitor.

A relevância das atividades está em proporcionar aos alunos uma experiência leitora na qual além de consumir, eles também produzem e compartilham literatura. O contato com minicontos nas redes sociais, seguido de reflexões e discussões sobre os formatos digitais e impressos, estimula o pensamento crítico e amplia o repertório literário dos estudantes. Ao final, o projeto coletivo de criação de um perfil literário e a análise do engajamento das postagens desenvolvem a consciência dos alunos sobre os impactos da escrita no ambiente digital.

4.4 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA FINAL

Tempo previsto: 1 hora/aula

Material necessário: Formulário Google, dispositivos eletrônicos com acesso à internet.

Objetivo da Atividade: Avaliar a compreensão, interpretação e conhecimento dos elementos narrativos do miniconto e avaliar se a atividade de se colocar no lugar do autor melhorou a leitura literária dos alunos.

Miniconto selecionado:

"ASSIM: Ele jurou amor eterno. E me encheu de filhos. E sumiu por aí."

(RUFFATO, Luiz. Assim: In: FREIRE, Marcelino (Org.). Os cem menores contos brasileiros do século. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 117)

Questões:

1. Depois de ler vários minicontos em sala de aula. Você gostou de ler esse gênero textual?

() SIM () NÃO

JUSTIFIQUE: _____

2. Você prefere os minicontos impressos ou online? Por quê?

() impressos () online

JUSTIFIQUE: _____

3. Você gostou de produzir minicontos e depois ver seu texto publicado?
☐ SIM ☐ NÃO

JUSTIFIQUE: _____

4. Você acredita que agora será mais fácil compreender os textos do mesmo gênero textual?
☐ SIM ☐ NÃO

JUSTIFIQUE: _____

LEIA O TEXTO A SEGUIR E RESPONDA:

"ASSIM: Ele jurou amor eterno. E me encheu de filhos. E sumiu por aí."

(RUFFATO, Luiz. Assim: In: FREIRE, Marcelino (Org.). Os cem menores contos brasileiros do século. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 117)

5. Explique com suas palavras qual é a história que está sendo contada no miniconto que você acabou de ler.

A Avaliação Diagnóstica Final proposta no recurso educacional convida os alunos a refletirem sobre o processo de aprendizagem vivenciado ao longo das oficinas com minicontos. Através de perguntas objetivas e discursivas a avaliação permite verificar o domínio dos elementos estruturais do gênero e compreender as preferências e percepções dos alunos sobre a experiência de leitura e escrita literária. Ao trazer um miniconto de Luiz Ruffato como base para análise, a atividade estimula a interpretação crítica e a capacidade de síntese, respeitando o formato breve, mas significativo, que caracteriza o gênero.

A atividade se mostra essencial para avaliar de forma formativa e reflexiva os efeitos das práticas pedagógicas desenvolvidas durante a sequência, possibilitando ao professor observar avanços na competência leitora, especialmente no que diz respeito à inferência e compreensão da narrativa condensada. Além disso, ao perguntar sobre a experiência de publicar minicontos, a avaliação aponta para a construção de um sujeito leitor mais autônomo e consciente de seu papel na produção e circulação de textos literários na contemporaneidade.

5. A APLICAÇÃO DA INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Este último capítulo apresenta uma análise geral dos resultados obtidos sobre o processo de construção da aprendizagem e o impacto das atividades no desenvolvimento das competências de leitura e escrita literárias dos alunos. De acordo com Paiva (2006), a concepção de leitura literária está associada:

à reflexão e à imaginação, quando estimula nossa percepção a romper com o automatismo da rotina cotidiana. Essa característica faz parte da função social da literatura. Ao entrar em contato com novas “realidades”, o leitor adquire novas experiências, podendo refletir sobre sua vida, perceber sua própria realidade de outra maneira. (Paiva, p.25, 2006.)

Assim, nosso foco será avaliar se as estratégias empregadas contribuíram, efetivamente, para o desenvolvimento das competências leitoras dos estudantes e se há relação entre a produção de escrita literária e o desenvolvimento da leitura compreensiva de textos literários, de outros minicontos e gêneros textuais, incentivando a prática da leitura como um ato formativo, capaz de desenvolver leitores capazes de compreender o gênero estudado e de compreender a visão de mundo ou de homem presentes nos textos lidos, ou seja, leitores críticos e sensíveis à essência e ao significado profundo do texto literário.

Como pensado no início de nosso projeto, a intervenção foi realizada com 29 alunos do 9º ano A, com idades entre 14 e 16 anos, do Colégio Estadual Cívico-Militar Cecília Meireles, situado na região central de Colorado, uma cidade de pequeno porte. A turma apresenta diversidade socioeconômica e inclui estudantes com necessidades especiais, como três alunos autistas e dois que frequentam a sala de recursos multifuncionais devido a dificuldades de aprendizagem.

O recurso educacional foi aplicado ao final do ano letivo, durante treze aulas, com duração de 50 minutos cada, que aconteceram entre os dias trinta e um de outubro e vinte e oito de novembro de 2024, em um momento em que a maioria dos alunos já havia alcançado a aprovação. A intervenção antecedeu as atividades do programa “SE LIGA!”, iniciativa do governo estadual do Paraná que visa retomar os conteúdos nos quais os estudantes apresentaram maior dificuldade ao longo do ano, além de oferecer uma oportunidade para aqueles que ainda não haviam obtido aprovação recuperarem suas notas. Contudo, o período escolhido impactou

negativamente o engajamento dos estudantes, pois muitos deles, já aprovados, deixaram de frequentar as aulas ou demonstraram desinteresse nas atividades. Acredita-se que o comprometimento dos alunos teria sido maior caso a aplicação da intervenção tivesse ocorrido no início do ano letivo.

Para avaliar se a intervenção alcançou os objetivos propostos, os dados foram coletados por meio de diferentes estratégias: relatos dos alunos, observações diretas realizadas durante as oficinas, produções textuais, uma avaliação diagnóstica inicial e uma avaliação diagnóstica final. Um diário de aula foi utilizado como ferramenta principal para registrar as observações, permitindo que a investigação e a reflexão se mantivessem integradas à prática pedagógica. Esse diário possibilitou uma análise detalhada das impressões percebidas e registradas durante as atividades realizadas pelos alunos, além de comentários sobre os resultados obtidos. Essas anotações refletem um olhar atento sobre o processo de leitura e letramento literário.

Entre os instrumentos avaliativos, destacam-se as atividades de interpretação dos textos selecionados, a produção de minicontos em um contexto digital e as avaliações diagnóstica e final, visando compreender o impacto da intervenção no desenvolvimento das competências de leitura e escrita literárias dos estudantes.

Para apresentar as análises e os dados coletados, considera-se importante relatar os eventos ocorridos durante a interação com os estudantes ao longo da aplicação da proposta em cada etapa, a fim de observar os avanços e desafios evidenciados pela participação dos alunos. Os dados obtidos a partir das respostas dos alunos em questões dissertativas e objetivas do recurso educacional foram organizados nas seguintes categorias:

1. **Respostas pertinentes:** atendem ao tema proposto e à estratégia solicitada, evidenciando a compreensão do texto pelo aluno.
2. **Respostas não pertinentes:** fogem ao direcionamento esperado ou apresentam conteúdo incompleto, dificultando o entendimento do que foi escrito.
3. **Respostas parcialmente pertinentes:** envolvem mais de uma alternativa marcada ou justificativas que não atendem ao tema do enunciado. Em questões abertas, os argumentos apresentados não correspondem totalmente à proposta.

4. **Respostas curtas:** são concisas, limitadas a uma linha, mas demonstram entendimento ou proximidade com a questão ou estratégia proposta.
5. **Respostas corretas:** indicam, pela escolha da alternativa, compreensão tanto da questão quanto da estratégia de leitura em questões objetivas.
6. **Respostas incorretas:** revelam, pela alternativa selecionada, falta de entendimento da questão e da estratégia de leitura proposta.

5.1 A avaliação diagnóstica

A BNCC (Brasil, 2018) valoriza a literatura principalmente como uma ferramenta para formar leitores que apreciem e se envolvam com os textos literários. No entanto, ela não apresenta uma metodologia específica para ensinar literatura de forma mais organizada e estruturada nas escolas e trata a leitura literária de maneira similar à leitura de textos de outros campos de atuação.

Consequentemente, tratar a leitura de textos literários de maneira similar à leitura de outros textos, tem gerado impactos significativos na forma como materiais didáticos e professores lidam com as obras literárias em sala de aula. No estado do Paraná, os educadores de todos os componentes curriculares são orientados pela Secretaria Estadual de Educação a utilizarem os slides disponibilizados no LRCO, como instrumento pedagógico e norteador das habilidades a serem desenvolvidas por meio do conteúdo selecionado. Neles, há um trabalho exaustivo com os descritores de língua portuguesa da prova SAEB, que foram elaborados

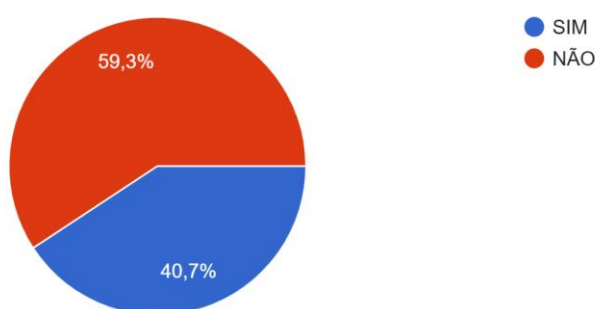
com base no que pode ser possível aferir por meio do tipo de instrumento de medida utilizado no Saeb e que, ao mesmo tempo, seja representativo do que está contemplado nos currículos vigentes no Brasil. Assim compreendidas, as Matrizes de Referência não podem ser confundidas com procedimentos, estratégias de ensino ou orientações metodológicas. (SAEB, 2001, p.15)

Isso pode limitar a capacidade dos alunos de apreciar e compreender a riqueza e a profundidade da literatura, fazendo com que eles, em vez de se envolverem com os textos, apenas busquem respostas objetivas ou superficiais. Como resultado, muitos não conseguem percebê-la como uma experiência enriquecedora, perdendo a oportunidade de explorar seu potencial formador e expressivo.

Esse distanciamento fica evidente na avaliação diagnóstica realizada por meio de um Formulário Google e disponibilizada no Classroom da disciplina de Língua Portuguesa, antes do início da intervenção. O formulário foi respondido em uma aula de Redação e Leitura, com a autorização da professora do componente curricular para que os alunos pudessem usar os tablets que ficam disponíveis no colégio. As questões foram respondidas por 26 dos 29 alunos da turma e 59,3% afirmaram que não gostam de ler. Essa informação reflete a dificuldade de conexão com textos literários, evidenciando que, ao invés de vivenciar a literatura como uma forma de expressão rica e formadora, muitos encaram a leitura de obras literárias de maneira desinteressada, deixando de explorar todo o potencial que elas podem oferecer, tal como se nota no gráfico a seguir.

Resposta dos alunos.

Você gosta de ler?
27 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

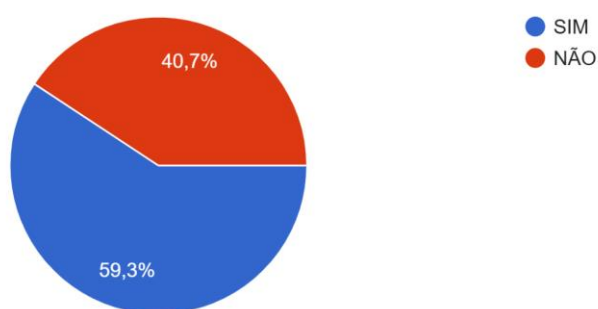
Quando questionados sobre o último livro que haviam lido, oito alunos responderam "De volta aos quinze", de Bruna Vieira, quatro deles mencionaram "Diário de um Banana", de Jeff Kinney, e um citou "O Pequeno Príncipe", de Saint-Exupéry. Esses títulos foram acessados por meio da plataforma Leia Paraná durante as aulas de Redação e Leitura, sendo que grande parte desses estudantes apenas "folheia" as páginas, sem realmente realizar a leitura. Outros sete alunos mencionaram livros que leram fora da plataforma. Os números indicam que o acesso às obras literárias ocorre para mais da metade deles apenas dentro do ambiente escolar e por meio de uma plataforma que possui um número restrito de títulos.

Eles também foram questionados sobre o conhecimento do gênero miniconto; de acordo com os dados do gráfico seguinte, 40,7% responderam que não conheciam. Esse resultado reforça uma das justificativas para a escolha do gênero de nosso recurso educacional, que é abordado de forma extremamente breve no material utilizado em 2025, *Linguagens*, de William Cereja, mas não é contemplado no planejamento disponível no LRCO. Esse dado indica que, apesar da menção do miniconto, a falta de um aprofundamento significativo sobre o gênero no currículo pode resultar no desconhecimento dos alunos a respeito desse formato literário, limitando seu contato com ele.

Respostas dos alunos.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE OU JÁ LEU UM MINICONTO?

27 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

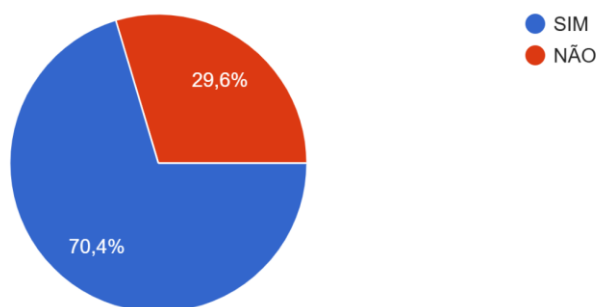
Segundo Spalding (2004), o miniconto é um texto narrativo extremamente breve que permite que o leitor tenha contato com uma história condensada que não é contada de forma completa, e o leitor precisa preencher lacunas, como espaço e tempo, com base em suas próprias experiências. Assim, o conhecimento prévio daquele que lê é fundamental, pois ele é desafiado a usar sua vivência para entender o que não está explicitamente no texto. Durante a elaboração das atividades, acreditei que nossos alunos, habituados a questionamentos que geralmente se limitam ao que está explícito na obra, teriam dificuldades em compreender o gênero e preencher as lacunas deixadas nos minicontos. Por isso, na avaliação diagnóstica indaguei se eles consideravam o texto “Mas o Rio continua lindo”, de Antônio Torres, fácil de ser compreendido. 70,4% dos estudantes

responderam que o considerava um texto de fácil entendimento, e 29,6% responderam que não o consideravam fácil. Como vemos no gráfico a seguir:

Respostas dos alunos.

Segundo Spalding (2004), o miniconto é um texto narrativo extremamente breve que permite que o leitor tenha contato com uma história condensada....ê considera esse texto fácil de ser compreendido?

27 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Ler um miniconto exige uma participação ativa, tornando a leitura subjetiva e aberta a diferentes interpretações. Porém, como afirmam estudiosos como Cândido (1999, 2000), Hansen (2005) e Aguiar (2000), essas inferências não devem ir além do que o texto permite, para evitar interpretações não pertinentes

Dessa forma, embora dezenove alunos tenham avaliado o miniconto como um texto fácil de ser compreendido, apenas três deram respostas pertinentes quando solicitados para relatar com suas próprias palavras o que haviam entendido do texto. Como vemos, as respostas, ainda que simples e diretas, evidenciam a compreensão do texto.

Quadro 2 – Respostas dos alunos para a avaliação diagnóstica.

Pergunta	Resposta de um dos alunos
Conte, com suas palavras, o que você entendeu do texto que leu.	o homem que estava desempregado observando o rio queria tirar a sua vida por estar desempregado Que o desempregado acha o rio bonito e pula do corcovado para se matar

	Que a pessoa se matou por conta do desemprego
--	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Dezoito alunos apresentaram respostas não pertinentes, como nos exemplos a seguir:

Quadro 3 – Respostas dos alunos para a avaliação diagnóstica.

Pergunta	Respostas dos alunos
Conte, com suas palavras, o que você entendeu do texto que leu.	Que o miniconto é um texto narrativo..
	Que o desempregado pula no lugar do rio

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Somente cinco alunos demonstraram uma dificuldade tão significativa em interpretar e em realizar inferências que chegaram a afirmar não ter compreendido nada do texto apresentado. Esse cenário evidencia a necessidade de desenvolver estratégias pedagógicas mais direcionadas, que auxiliem no aprimoramento dessas habilidades essenciais para a construção de sentido e a compreensão textual.

Quadro 4 – Respostas dos alunos para a avaliação diagnóstica.

Pergunta	Respostas dos alunos
Conte, com suas palavras, o que você entendeu do texto que leu.	Não entendi
	Sei não
	Não entendi nada, pois não sei oq é corcovario
	Não entendi

	Não entendi nada
--	------------------

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Porém, a dificuldade deles se mostra ainda maior quando são questionados se o texto conta uma história e se conseguem identificá-la. Dos participantes, sete responderam que não ou que não sabiam afirmar se havia uma história no texto; três disseram que sim, mas não souberam explicar qual era ela; e apenas quatro alunos deram respostas pertinentes, ainda que de forma breve.

Quadro 5– Respostas dos alunos para a avaliação diagnóstica.

Pergunta	Respostas não pertinentes	Respostas curtas	Respostas pertinentes
Você acha que esse texto pode conter uma história? Qual seria ela?	Acho que não Acho que não Não Não Não Não sei Não sei	Sim Sim Sim, mas não sei qual	Sim, ele acha o rio bonito mais se mata pulando do corcovado Sim, ele perdeu o emprego e se matou Sim, historia de um suicídio sim, o homem queria arrumar um emprego e provavelmente não conseguiu depois de muitas tentativas queria tirar sua vida pois não tinha dinheiro

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Os demais participantes, embora tenham afirmado que o texto contava uma história, ao serem questionados sobre qual seria essa história, apresentaram interpretações que não se sustentavam nas pistas fornecidas pelo texto. Apresentando respostas como as do quadro a seguir:

Quadro 6 – Respostas dos alunos para a avaliação diagnóstica.

Pergunta	Respostas dos alunos
Você acha que esse texto pode	Que o Rio continuará lindo

conter uma história? Qual seria ela?	Sim, de pessoas querendo trabalhar
	Sim, pois ele foi demitido e parou pra olhar o rio
	Sim, Que o desempregado acha o rio bonito e pula nele

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Por mais que a dificuldade na compreensão do texto tenha ficado explícita, apenas sete dos vinte e sete alunos afirmaram que não gostaram do miniconto. Essas informações mostram a importância de o professor trabalhar com textos que demandem maior elaboração inferencial, pois isso contribui para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos, além de levar a um maior desenvolvimento cognitivo. Além disso, os resultados reforçam a lacuna na aprendizagem já mencionada na justificativa para a escolha do gênero miniconto como foco deste trabalho.

5.2 Oficina 1: “Elementos da narrativa em foco”

O miniconto é um texto narrativo que conta uma história de forma direta e impactante, usando o mínimo de palavras possível. Ele ganhou popularidade com a internet e os meios digitais, que favorecem a comunicação rápida. Assim, ele se torna uma alternativa ao conto tradicional, adaptando-se às dinâmicas na sociedade atual. Segundo Capaverde (2004), o gênero está na linha entre o conto tradicional e as novas formas de expressão literária que surgem hoje em dia.

Porém, o conto literário não tem compromisso com o evento real, não é um documento. Isso pode ser observado na própria história do conto, que mostra a transformação que o critério da invenção sofre dentro do gênero ao longo do tempo (...). (Capaverde, p.5, 2004)

A fim de que os estudantes pudessem perceber que o miniconto também é um texto narrativo que apresenta uma história (fábula) e que, por isso, os elementos da narrativa estão presentes nele, iniciamos nossa intervenção com atividades de compreensão e interpretação do conto "A luva", de Tatiana Belinky, no dia 31 de outubro e levamos 3 aulas para concluir a Oficina 1 e 20 alunos participaram.

Durante a leitura em voz alta, percebi que os alunos acompanharam atentamente, demonstrando curiosidade, especialmente quando o desfecho começou a se desenrolar. As perguntas sobre a compreensão inicial do texto foram muito bem recebidas. Os alunos conseguiram identificar os personagens principais (Delorges e Cunegundes), o cenário (a arena no castelo do rei Franz) e o conflito principal (o desafio imposto por Cunegundes ao cavaleiro). Um destaque foi a análise coletiva sobre a fala de Delorges no final do texto: muitos alunos interpretaram sua atitude como um símbolo de rejeição à manipulação da dama.

Ao trabalhar as questões sobre os elementos narrativos, como enredo, personagens, narrador, tempo e cenário, eles demonstraram boa capacidade de análise. Divididos em grupos, discutiram as respostas antes de compartilharem com a turma. 87,5% dos estudantes relacionaram todos os elementos às definições de maneira correta. Como podemos observar na imagem:

Resposta de um estudante:

ATIVIDADES - OS ELEMENTOS DA NARRATIVA

1) Relacione os elementos da narrativa às suas definições:

- A. personagem
- B. narrador
- C. cenário
- D. tempo
- E. enredo

- (E) É o conjunto de acontecimentos da narração. Dá sequência a uma história, porque em torno dele se desenvolve tudo o que acontece nela.
- (B) É aquele que conta uma história, representa a voz do texto.
- (A) É aquele ser que pratica as ações narradas.
- (D) É o período em que a história se passa, considerando a época, a duração, a ordem da narração.
- (C) É o local onde a narrativa se desenvolve.

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

O bom desempenho dos estudantes na análise desses elementos pode ser atribuído ao fato de que esses aspectos são trabalhados desde o 3º ano do Ensino Fundamental, conforme orientado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como propõe a habilidade

(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço,

personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto. (Brasil, p133, 2018).

Essa continuidade pedagógica contribui para que, ao chegarem ao 9º ano, tenham maior familiaridade e segurança para identificá-los, refletindo em um alto índice de acertos nas atividades propostas.

No debate sobre o período histórico, muitos relacionaram o comportamento de Cunegundes à idealização das mulheres na época medieval. Além disso, notaram a presença de figuras como reis e nobres, e destacaram os papéis distintos atribuídos ao homem e à mulher na sociedade da época. Essa percepção demonstra a compreensão do contexto histórico.

Resposta dos estudantes.

d) Em que período histórico se passa a história? O que você sabe sobre esse período? Tente descrever aspectos culturais e sociais daquela época. Como era a vida das mulheres e dos homens?
 Idade Média de Portugal. Como, pensar que a vida não era fácil, era tempo de monarquia,avia reis, nobres, camponeses e tempo de castelos.

d) Em que período histórico se passa a história? O que você sabe sobre esse período? Tente descrever aspectos culturais e sociais daquela época. Como era a vida das mulheres e dos homens?
 Período medieval. É o tempo em que viviam reis e rainhas. Tinha exércitos de fora e bagagem. A mulher se dedicava a família, enquanto o homem trabalhava fora de casa.

d) Em que período histórico se passa a história? O que você sabe sobre esse período? Tente descrever aspectos culturais e sociais daquela época. Como era a vida das mulheres e dos homens?
 Se passa na era medieval. Tempo conturbado, os homens guardavam a propriedade e as mulheres trabalhavam em outros.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

A aplicação das atividades relacionadas à sequência do texto narrativo com a turma também foi muito produtiva e mostrou resultados bastante positivos. Os alunos participaram de forma ativa, demonstrando que já possuíam um bom entendimento dos elementos narrativos — habilidade que, de fato, é igualmente trabalhada desde o 3º ano do Ensino Fundamental, como orienta a habilidade da BNCC (Brasil, 2018): “(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.” (Brasil, p 135, 2018)

Foi fundamental que os estudantes tenham compreendido a sequência da narrativa porque, ao trabalharmos com minicontos, eles precisam ser capazes de identificar se há narratividade no texto, ou seja, se ele conta uma história completa. A narratividade constitui o enredo, a sequência de ações que indica que há uma trama em desenvolvimento. Segundo Álvares (2012), ela refere-se à capacidade de contar uma história, mesmo em textos muito curtos, ela é a capacidade de sugerir uma narrativa em um espaço mínimo, mesmo quando a trama é apenas implícita, o que requer dos leitores uma leitura literária mais apurada e sensível para captar essas nuances.

Segundo Kaufman (1995), os gêneros narrativos seguem uma estrutura com três momentos claros: início, quando há um estado de equilíbrio; desenvolvimento, quando surge um conflito que desencadeia uma série de episódios; e desfecho, momento em que o conflito é resolvido e o equilíbrio é restaurado. Após as discussões em sala, a grande maioria dos alunos conseguiu identificar esses três momentos no conto lido, demonstrando compreensão da estrutura. Todos identificaram o estado inicial, e obtivemos 100% de respostas corretas, como observamos na imagem a seguir:

Resposta de um dos estudantes

O enredo de uma narrativa fictícia, como são os contos, é composto por uma situação inicial, um ponto de mudança na narrativa e a resolução do conflito da história. Retome o texto e responda:

1) Qual a situação descrita no início do conto?

- A) Uma senhora está andando pela rua em um dia frio e percebe que perdeu uma de suas luvas.
- ☒ B) No reino medieval do rei Franz, durante uma festa, feras selvagens são exibidas na arena do grande castelo.
- C) Um menino está jogando futebol com seus amigos quando percebe que perdeu uma de suas luvas.
- D) Uma garota está em uma loja de roupas escolhendo um par de luvas novas para o inverno.

Fonte: dados da pesquisa, 2024.

No tocante à questão sobre o conflito no conto, houve muitas respostas parcialmente pertinentes, pois 87,5% dos participantes conseguiram identificar corretamente o desafio imposto pela donzela Cunegundes ao cavaleiro Delorges, ou seja, buscar a luva que ela havia jogado na arena entre as feras. Contudo, somente 29,1 % deles também compreenderam que o desafio revelava o caráter cruel da personagem, uma mulher que não se importava com os outros, produzindo uma resposta pertinente. Conforme ilustrado na imagem abaixo:

Resposta de um dos estudantes

2) O conflito é um fato que interrompe o fluxo da situação inicial da narrativa, criando um problema que deverá ser resolvido. No texto lido, ele surge a partir de um desafio que a donzela Cunegundes impôs ao cavaleiro Delorges. Qual foi o desafio? O que isso revela sobre a relação entre homens e mulheres na época? O que isso revela sobre a personalidade de Cunegundes?

Para o cavaleiro buscar sua luva em meio as Feras, que as mulheres esperavam Provavelmente revelar a personalidade de Cunegundes, que ela era cruel.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Nas imagens apresentadas a seguir, observamos que nas respostas parcialmente pertinentes, 62,5% dos alunos identificaram o conflito, mas não conseguiram estabelecer uma relação clara com a personalidade de Cunegundes, apresentando explicações muitas vezes confusas ou sem sentido. Isso demonstra que, embora a maioria tenha compreendido o núcleo do conflito, alguns ainda precisam aprofundar sua análise para captar as nuances das relações e das características das personagens.

Resposta de um dos alunos.

2) O conflito é um fato que interrompe o fluxo da situação inicial da narrativa, criando um problema que deverá ser resolvido. No texto lido, ele surge a partir de um desafio que a donzela Cunegundes impôs ao cavaleiro Delorges. Qual foi o desafio? O que isso revela sobre a relação entre homens e mulheres na época? O que isso revela sobre a personalidade de Cunegundes?

O desafio foi buscar sua luva na arena. Isso revela a personalidade de Cunegundes, que ela era cruel.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Resposta de um dos alunos.

2) O conflito é um fato que interrompe o fluxo da situação inicial da narrativa, criando um problema que deverá ser resolvido. No texto lido, ele surge a partir de um desafio que a donzela Cunegundes impôs ao cavaleiro Delorges. Qual foi o desafio? O que isso revela sobre a relação entre homens e mulheres na época? O que isso revela sobre a personalidade de Cunegundes?

A donzela pediu para o cavaleiro ir buscar a luva na arena, mas ela só queria chamar a atenção do povo.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Ao responderem à questão sobre o desfecho da história e a atitude do cavaleiro Delorges, a maioria dos alunos demonstrou uma compreensão clara sobre o momento decisivo da narrativa. Cerca de 80% dos estudantes identificaram corretamente a atitude de Delorges de aceitar o desafio, resgatar a luva e depois atirá-la no rosto da dama cruel.

No entanto, não conseguiram identificar os valores representados pelo personagem, como a coragem e lealdade, valores associados à conduta de um cavaleiro medieval.

Respostas de um dos estudantes.

4) O desfecho da história, isto é, o que encerra o enredo com a solução dos conflitos que aconteceram ao longo da narrativa é a maneira como o cavaleiro Delorges responde ao desafio. Qual foi sua atitude e que ela revela sobre os valores que ele representa?

ele joga a coroa na cara da donzela rejeitando a sua gratidão

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Assim, no momento de compartilharem as respostas, houve a necessidade de uma discussão mediada pela professora sobre a ironia do desfecho e os ideais simbolizados por Delorges, com alguns alunos apontando que sua reação posterior, ao rejeitar Cunegundes, demonstra uma crítica à manipulação feminina.

Por fim, transformar o conto em um miniconto foi a parte mais desafiadora e, ao mesmo tempo, mais criativa da aula. Como era esperado, eles tiveram dificuldade para sintetizar a narrativa ao retextualizá-la em forma de miniconto, e muitos acabaram produzindo resumos breves do texto original. Essa dificuldade revela o desafio de captar a essência de uma história e traduzir suas nuances em poucas palavras, o que exige não apenas compreensão da narrativa, mas também habilidade de priorizar elementos fundamentais e explorar recursos estilísticos. Apesar disso, a atividade proporcionou um momento de aprendizado significativo, pois permitiu que refletissem sobre a complexidade do processo de retextualização e as exigências de concisão e criatividade na escrita literária.

Resposta de um dos estudantes.

Retextualizando: do Conto ao Miniconto

Agora tenho um desafio para você, estudante! Transforme o conto "A luva" de Tatiana Belinky em um miniconto, mantendo a essência da história. Escreva sua versão abaixo em no máximo 50 palavras.

Na era medieval, existia um cavaleiro que era apaixonado por uma donzela, na corte do castelo que estava cristãos perseguidos, ele deixou cair a sua luva para tentar a amor da donzela, depois que ele levou a luva, ele não gostando a atitude da donzela, ele rejeitou ela, o cavaleiro foi embora para sempre.

Fonte: Dados da pesquisa

Resposta de um dos estudantes

Agora tenho um desafio para você, estudante! Transforme o conto "A luva" de Tatiana Belinky em um miniconto, mantendo a essência da história. Escreva sua versão abaixo em no máximo 50 palavras.

No reino medieval do rei Francisco, em um dia de festa, era a ocasião
de uma competição, o vencedor da dança, o vencedor da dança,
o vencedor da dança, e a sua bela filha, a sua
filha, a sua filha, a sua filha, a sua filha,
ela, a sua filha, a sua filha, a sua filha,

Como que nem quer, a donzela deixou cair, sua a luva no chão
 no meio da festa. Ela falou para o Cavaleiro, para ele buscar
 a luva, para ela.

O Cavaleiro não respondeu nada ele foi até lá no meio da
 festa pegou a luva e retornou para perto da donzela. Só que
 no lugar de devolver a luva para ela, ele atirou-a longe no meio da
 festa. Logo depois terminou com ela e deu um beijo e foi
 embora, nunca mais foi visto.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

A aplicação das atividades demonstrou que os alunos possuem um bom domínio sobre os elementos narrativos e da sequência da narrativa, sendo capazes de identificar enredo, personagens, tempo, narrador e cenário no texto de forma eficiente. No entanto, a maior dificuldade observada foi no aprofundamento da interpretação, especialmente em perceber as nuances do texto literário, como os simbolismos presentes nas ações e nos personagens, e relacioná-los criticamente com a sua realidade. Essa experiência reforça a importância de promover atividades que estimulem a leitura mais reflexiva e a análise dos sentidos implícitos nas narrativas, para que os alunos desenvolvam habilidades interpretativas.

5.3 Oficina 2: Explorando o universo dos minicontos

Comecei a aula recepcionando os alunos com uma breve introdução sobre minicontos, destacando a riqueza desse gênero textual em dizer muito com poucas palavras. Expliquei que o objetivo da **Oficina 2** era apresentar o gênero miniconto em mais profundidade, destacar suas características principais e, especialmente, estimular a capacidade de fazer inferências a partir dos textos selecionados.

Iniciamos as atividades no dia 06 de novembro, levamos 4 aulas para concluí-las e 24 alunos participaram.

Projetei um slide com o texto do miniconto “FUMAÇA” e li em voz alta para a turma, pedindo que prestassem atenção nos detalhes, nos personagens e nas emoções que o texto poderia transmitir. Após a leitura, abri espaço para uma primeira impressão geral: “O que vocês sentiram ao ouvir esse texto? Qual imagem veio à mente de vocês?”. Alguns alunos comentaram que o texto parecia triste, enquanto outros disseram que o título “FUMAÇA” sugeria algo ligado à destruição.

Expliquei que os minicontos não fornecem todas as informações diretamente, mas instigam o leitor a construir significados a partir das pistas presentes no texto. Essa foi uma oportunidade para reforçar a importância das inferências na leitura. Com o miniconto ainda projetado, conduzi a discussão com as perguntas previamente planejadas, incentivando respostas orais.

Contribuições dos alunos durante a discussão:

Quadro 7– Respostas dos alunos para a leitura do miniconto “Fumaça”.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
-----------	-----------

Questão 1. Quem você supõe que seja o sujeito que olha a casa e o ipê florido?	Um aluno sugeriu que o sujeito poderia ser alguém que estava deixando sua casa. Outro aluno, com mais dificuldade, respondeu que não era possível saber, pois não mencionava nenhum nome e faltavam informações no texto.
Questão 2. O que o sujeito faz depois de olhar a casa e o ipê florido?	Vários alunos concordaram que ele estava indo embora.
Questão 3. Qual tipo de relação você pressupõe haver entre o eu que olha e a personagem mencionada como “ela”?	A maioria dos alunos achou que “ela” era uma pessoa muito importante para ele, talvez uma namorada ou esposa. Alguns não tinham ideia de quem seria “ela”. Outros propuseram que poderia ser a mesma pessoa que olha o ipê e a casa.
Questão 4. Que tipo de conflito pode ter acontecido com esses dois personagens?	Os alunos sugeriram hipóteses como traição, desilusão amorosa, separação e até mesmo a morte da “ela”.
Questão 5. Como você interpreta o sentimento do sujeito ao suspender a mala e partir?	Os sentimentos de tristeza, decepção, mágoa e ódio foram os mais mencionados
Questão 6. O que o título “FUMAÇA” pode significar?	Os alunos relacionaram “fumaça” à ideia de algo que desaparece, como o amor entre os personagens. Um grupo mencionou que “fumaça” poderia simbolizar algo que foi destruído, talvez a casa pelo fogo.

Fonte: exercícios aplicados em sala de aula.

Posteriormente, solicitei que as hipóteses levantadas fossem anotadas, como vemos a imagem a seguir:

Respostas de um aluno.

Texto 1:

"FUMAÇA"

Olhou a casa, o ipê florido. Tudo para ela. Suspendeu a mala e foi."

1. Quem você supõe que seja o sujeito que olha a casa e o ipê florido?
Um homem (ex da mulher que mora na casa)
2. O que o sujeito que olha faz depois de olhar a casa e o ipê florido?
Vai embora.
3. Qual tipo de relação você pressupõe haver entre o eu que olha e a personagem mencionada como "ela" no texto?
Tinham um relacionamento amoroso
4. Que tipo de conflito pode ter acontecido com esses dois personagens?
Uma traição
5. Como você interpreta o sentimento do sujeito ao suspender a mala e partir?
De frustração e determinação.
6. O que o título "FUMAÇA" pode significar a partir das relações que você criou entre os personagens?
Que o amor entre esses personagens virou fumaça.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Após as discussões, disse que aquele texto poderia ser contado de uma maneira diferente, utilizando mais detalhes e dando mais informações ao leitor, que precisaria fazer menos inferências e li para eles um exemplo de como seria possível.

Quadro 8— Exemplo de retextualização do miniconto "Fumaça".

Eduardo olhou para a casa, seu olhar estava perdido entre as lembranças e o ipê florido que dominava o quintal. A árvore parecia mais viva do que nunca, contrastando com o vazio que ele sentia por dentro. Tudo aquilo que um dia fora o lar de tantos momentos agora parecia distante, desbotado. O balanço preso no galho mais baixo ainda balançava, empurrado pelo vento leve, como se insistisse em lembrar os tempos que se foram.

Ele suspirou, tentando afastar a dor que crescia no peito. "Tudo para ela", pensou, mais uma vez repetindo aquelas palavras. Toda a casa, cada canto, cada lembrança, cada sonho... havia sido construído por e para ela. Mas agora, ela já

não estava mais ali.

Suspendeu a mala com esforço, não só pelo peso, mas pelo que ela representava. Era o fim de uma era, o começo de outra, incerta e solitária. Fechou o portão sem olhar para trás, temendo que qualquer outro vislumbre o fizesse hesitar.

E foi, deixando para trás não só uma casa, mas um pedaço de si.

Fonte: elaborado pela autora

A mesma estratégia foi utilizada para interpretar o miniconto *"Mas o Rio continua lindo"*, de Antônio Torres. Apresentei o texto em um slide, e as discussões foram realizadas oralmente, com os alunos contribuindo ativamente para a análise. Exploramos o papel do narrador, os possíveis conflitos vivenciados pelo personagem, a simbologia do Corcovado e a relação entre o cenário deslumbrante do Rio de Janeiro e a situação trágica do desempregado. Além disso, refletimos sobre como o contraste entre a frase positiva e a tragédia pessoal reforça uma crítica social e aprofunda o impacto emocional do texto.

Os alunos identificaram com facilidade que quem narrava o miniconto não participava dele e que o personagem estava desempregado, por isso provavelmente estaria enfrentando problemas financeiros e até psicológicos devido aos problemas que enfrentava.

A maior dificuldade dos estudantes durante a atividade foi em relação às perguntas que exigiam conhecimento de mundo, como: "No texto, o personagem decide pular do Corcovado. Você sabe onde fica e como é esse lugar?" e "A história acontece na cidade do Rio de Janeiro. Como ela é conhecida mundialmente?". Muitos alunos não tinham ouvido falar sobre o Corcovado, o Cristo Redentor ou onde eles ficam localizados. Também relacionaram o Rio somente à violência e características negativas que tornam o Rio de Janeiro famoso nos noticiários, como notamos na resposta a seguir:

Respostas de um estudante

3. No texto, o personagem decide pular do Corcovado. Você sabe onde fica e como é esse lugar? Se não conhece, pesquise sobre ele.

Nunca ouvi falar.

4. A história acontece na cidade do Rio de Janeiro. Como ela é mundialmente conhecida?

Ela é conhecida mundialmente pelo mundo da crime.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Essa informação pode explicar a dificuldade de interpretar o mesmo miniconto que estava presente na avaliação diagnóstica. Ângela Kleiman (1995) destaca que a compreensão de um texto não acontece de forma isolada; ela depende do que o leitor já conhece e traz consigo, construído ao longo de sua vida. Esse conhecimento é essencial para interpretar e dar sentido ao que se lê, pois o leitor utiliza informações que já possui para conectar ideias novas apresentadas no texto. Conhecimento do mundo abrange o que o leitor sabe sobre cultura, história, lugares, e experiências de vida. Esse repertório é essencial para interpretar situações, contextos e inferir significados.

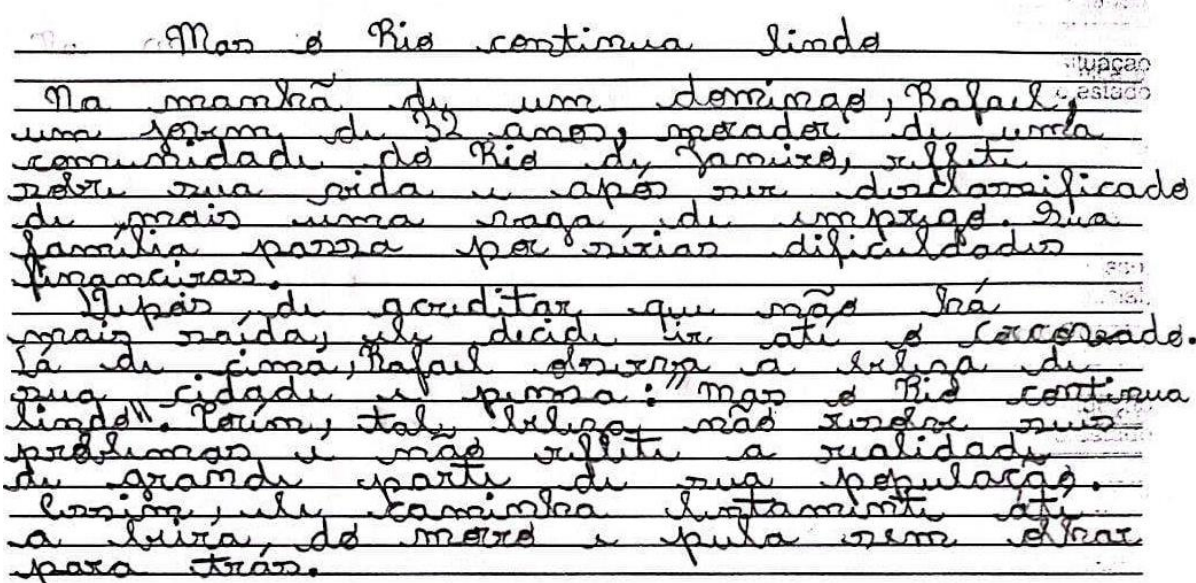
Foi o que faltou para que os estudantes compreendessem que o miniconto faz uma referência direta ao Rio de Janeiro e ao Corcovado, lugares emblemáticos e facilmente identificáveis. Há também intertextualidade presente na frase "Mas o Rio continua lindo", que faz referência à música "Aquele Abraço", de Gilberto Gil, e a idealizada cidade maravilhosa e apenas um dos participantes da aula afirmou conhecer.

Portanto, antes de continuar as atividades, mostrei um slide com imagens do Corcovado e do Cristo Redentor, explicando que ele é um dos pontos turísticos mais famosos do Rio de Janeiro. Pedi que alguns alunos pesquisassem rapidamente no celular mais informações sobre a música de Gilberto Gil e eles compartilharam os dados que encontraram. Isso ajudou a situar o miniconto em um espaço simbólico e possibilitou que os alunos tivessem meios para responder às questões sobre o contraste entre a beleza da cidade e a situação econômica e social vivida por seus moradores.

Depois das atividades de interpretação dos minicontos, foi proposta uma retextualização, com o objetivo de ampliar as narrativas apresentadas. Para isso, realizamos uma produção coletiva: os alunos contribuíram com ideias e sugestões

oralmente, e eu, como professora, registrava as propostas no quadro de maneira organizada. Durante o processo, incentivava reflexões sobre os detalhes da história, personagem e cenários, enriquecendo a narrativa original. Os estudantes acompanharam o desenvolvimento, anotando as novas versões em suas folhas de atividades como podemos ver na imagem a seguir, o que promoveu maior engajamento e compreensão prática do gênero miniconto.

Texto produzido coletivamente.



Man e Rio continua lindo

Na manhã de um domingo, Rafael, um jovem de 32 anos, morador de uma comunidade do Rio de Janeiro, refletiu sobre sua vida e após ser desclassificado de mais uma vaga de emprego. Sua família passa por várias dificuldades financeiras.

Depois de ponderar que não há mais nada, ele decide ir até o litoral. Lá de cima, Rafael observa a beleza da sua cidade e pensa: "Man e Rio continua lindo". Porém, tal beleza não resolve seus problemas e não reflete a realidade de grande parte da população.

Logo, ele caminha lentamente até a praia, do mar e pula sem parar para trás.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

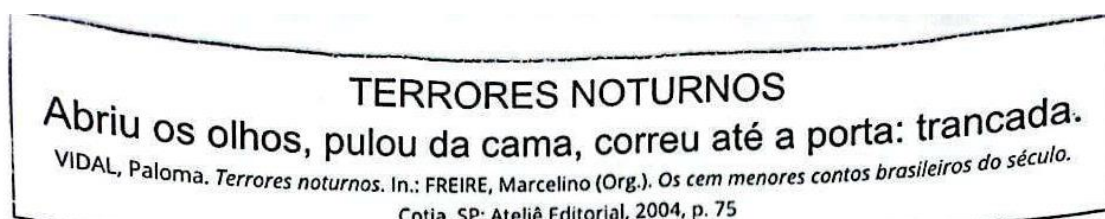
Para encerrar, os alunos foram organizados em duplas, e cada dupla recebeu um miniconto selecionado do livro *"Os cem menores contos brasileiros do século"*, de Marcelino Freire, que foram entregues aos alunos em tiras de papel. Solicitei que cada dupla fizesse a leitura do texto recebido e então naquele, um dos alunos levantou a mão e perguntou: "Que texto?" Com tranquilidade, respondi: "O que acabei de entregar na carteira de vocês." O aluno, então, mostrou o papel e disse: "Esse? Achei que fosse uma frase." Esse episódio gerou risadas entre os colegas e serviu como ponto de partida para uma conversa sobre o que constitui um texto literário.

Esse momento revelou uma concepção limitada de texto literário por parte dos alunos, que, muitas vezes, associam o "literário" a narrativas longas e complexas, como contos tradicionais e romances. A surpresa diante do miniconto, tão curto e aparentemente simples, mostrou a dificuldade de reconhecer que mesmo

textos com poucas palavras podem carregar profundidade, significado e os elementos essenciais de uma narrativa. Essa percepção foi importante para o trabalho desenvolvido na oficina, pois abriu espaço para ampliar a compreensão dos alunos sobre o gênero.

Segundo Spalding (2004), que discute as ideias de Lagmanovich, os traços fundamentais do miniconto vão além de sua brevidade. Se qualquer microtexto fosse classificado dessa forma, isso causaria uma grande confusão conceitual. No entanto, ao selecionar apenas os textos que atendem aos princípios da narratividade — ou seja, aqueles que possuem elementos essenciais de uma história, como enredo, personagens e um conflito ou evento significativo —, seria possível definir melhor o que caracteriza essa espécie literária.

Isto posto, após a leitura do texto, as duplas responderam às perguntas da atividade que tiveram por objetivo incentivar a análise dos elementos e da sequência da narrativa. Essa etapa promoveu a compreensão textual, permitindo que os alunos refletissem sobre as informações explícitas e implícitas presentes no gênero.



Elementos da narrativa

1. Personagens.

Tem um personagem,
e ele estava dormindo

2. Espaço

Em uma casa.

3. Tempo

Aconteceu à noite

4. Narrador

Não participa da história, pois
o verbo "abriu" está na 3ª pessoa.

5. Enredo

Uma pessoa abriu seus olhos de noite, pulou da cama
e foi até a porta, porém estava trancada

Em seguida, foi proposta a ampliação do miniconto: cada dupla reescreveu sua história, transformando-a em uma narrativa mais ampliada, mantendo a essência do texto original. Não foi estabelecido um número mínimo de linhas ou palavras para produção final, mas os alunos foram encorajados a expandir a narrativa tanto quanto conseguissem e explorar a criatividade, respeitando as relações entre os personagens e o conflito apresentado, como mostra a imagem:

De repente, ouvi um barulho, desperto do meu sono, assim abrindo os olhos. Levanto da cama alcançando meu telefone, ligando a lanterna iluminando o restante do quarto.
Com o ouvir novamente o ruído fico assustado um arrepio se espalha pelo meu corpo, logo saio do quarto, corro até a porta da frente, de onde o barulho vem. Verifico a porta, mas está trancada volto para o quarto.
Caminho até a janela, lá vejo dois gatos brigando, sinto um tremendo alívio, antes de voltar para cama tranco a porta.

A atividade proposta aos alunos, de identificar os elementos e a sequência narrativa dos minicontos, foi fundamental para aprofundar a compreensão dos textos. Ao analisar os personagens, narrador, tempo, espaço, os eventos e os possíveis desfechos, os alunos desenvolveram uma visão mais clara sobre as possibilidades interpretativas dos textos. Esse processo preparou o grupo para reescrever os textos de forma ampliada, preservando a essência das narrativas originais e respeitando as interpretações possíveis. Dessa maneira, a atividade não apenas favoreceu a interpretação dos textos, mas também estimulou a criatividade e a habilidade de construção textual dos alunos.

5.4 Oficina 3: Retextualizando contos e minicontos

Na Oficina 3, que aconteceu no dia 21 de novembro e contou com a participação de 21 alunos, o objetivo central foi desenvolver habilidades de síntese e interpretação, explorar diferentes formas de narrativa e incentivar a criatividade na adaptação de histórias. A atividade principal consistiu em retextualizar o conto *A disciplina do amor*, de Lygia Fagundes Telles, transformando-o em minicontos que mantivessem a essência e o impacto emocional do texto original.

As atividades foram antecedidas pela aplicação da Prova Paraná Mais, uma avaliação diagnóstica padronizada promovida pela SEED. A prova tem como finalidade aferir os conhecimentos dos alunos em diversas áreas, oferecendo dados importantes para a intervenção pedagógica e planejamento de estratégias educacionais. Prevista para ocupar três aulas, essa avaliação exigiu intensa concentração dos alunos, que terminaram o processo visivelmente cansados.

Inicialmente, estavam planejadas três aulas para a realização da Oficina 3: Retextualizando contos e minicontos. Na primeira (8ª aula), os alunos fariam a leitura e discussão do conto, identificariam seus elementos principais e sintetizaram a história. Na segunda (9ª aula), seria feita a retextualização, transformando o conto em minicontos. Finalmente, a terceira (10ª aula) seria destinada à apresentação dos minicontos e à reflexão coletiva sobre o trabalho realizado.

Entretanto, devido ao cansaço dos alunos após a prova, ajustei o planejamento e utilizei apenas duas aulas. Para otimizar o tempo, os alunos foram orientados a concluir suas produções como tarefa de casa, e, em vez de uma apresentação em grande grupo, priorizei intervenções mais pontuais e direcionadas durante a aula. Apesar dessas adaptações, a atividade alcançou seus objetivos, promovendo uma experiência significativa de síntese narrativa e exploração criativa.

Durante a primeira parte da oficina, distribuí cópias do conto e organizei os alunos em duplas. Li o texto em voz alta e solicitei que cada dupla acompanhasse atentamente e identificasse os elementos, como personagens, espaço, tempo, narrador e enredo. Durante essa fase, circulava pela sala para acompanhar as discussões e oferecer suporte.

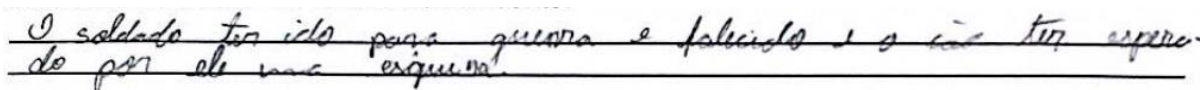
Logo depois, pedi que cada dupla identificasse a sequência narrativa, descrevendo a situação inicial, o conflito, o desenvolvimento, o clímax e o desfecho da história. Esse exercício ajudou os alunos a organizar suas ideias para o momento da produção textual.

Com base nessas análises, os alunos precisavam discutir o que era essencial na história para sua compreensão e não poderia ser retirado da versão como miniconto. O diálogo entre os colegas revelou as reflexões feitas por eles, como a necessidade de manter a figura do cachorro e a temática da espera como núcleo da narrativa. Um aluno destacou: "Sem o cachorro, a história perde o sentido."

Entre os elementos citados pelos alunos estão os personagens (o jovem que foi para guerra e o cachorro), o conflito (o jovem ser convocado para a guerra) e o

desfecho (o cão ter falecido aguardando o retorno de seu tutor), como observamos na resposta a seguir:

Resposta de uma das duplas.



O soldado foi ido para guerra e falecido e o cão tem esperando por ele uma esguerra.

Fonte: dados da pesquisa, 2024.

Então, as duplas foram desafiadas a criar uma versão de até 50 palavras que mantivesse a essência do texto original. Para auxiliá-los, sugeri que se concentrassem apenas nos eventos centrais, deixando de lado descrições e detalhes. Os resultados foram satisfatórios, pois os alunos demonstraram evolução significativa na compreensão das narrativas e, embora as versões produzidas ainda mostrem dificuldade em preservar a força emotiva do texto original, os elementos centrais não foram suprimidos ou modificados, de forma que a ideia central da história foi mantida. Como podemos observar em um dos minicontos produzidos transcritos no quadro a seguir:

Quadro 9 – Respostas dos alunos para a atividade de retextualização do conto “A disciplina do amor” de Lygia Fagundes Telles

Um homem tem um cachorro fiel que o espera todo dia. O homem é convocado para a 2ª Guerra Mundial e acaba não voltando. Todos na vila esquecem dele, menos seu cachorro que o espera até a morte.

Fonte: dados da pesquisa, 2024.

Podemos observar que no exemplo acima temos quase que uma simples descrição dos fatos que ocorrem no conto original e por isso ele não causa efeito no leitor. De acordo com Spalding, (2007) para ser considerado um bom miniconto, é necessário deixar o leitor com uma sensação de mistério e uma necessidade de preencher as lacunas presentes na narrativa. A omissão de detalhes e a sugestão de significados ampliam o impacto do texto e exigem que o leitor preencha essas lacunas a partir de seu conhecimento prévio. A superação dessas dificuldades demandará um trabalho contínuo para desenvolver a capacidade de síntese narrativa e o entendimento das especificidades desse tipo de texto.

Contudo, mesmo com ajustes no cronograma, vivenciamos momentos valiosos de aprendizado e tive a oportunidade de compreender as dificuldades enfrentadas pelos alunos na retextualização, especialmente no equilíbrio entre concisão e manutenção do impacto narrativo.

5.5 Oficina 4: Minicontos nas redes sociais

A “Oficina 4: Minicontos nas Redes Sociais” ocorreu entre os dias 22 e 28 de novembro, teve a duração de 3 aulas e contou com a participação de 20 alunos. Seu principal objetivo foi explorar o potencial das redes sociais como plataforma para a publicação e divulgação de textos literários, promovendo o pensamento crítico sobre o uso dessas ferramentas digitais para fins educativos e culturais.

Ela foi dividida em três etapas: na primeira, houve uma apresentação sobre como as redes sociais podem ser usadas para compartilhar literatura, seguida da leitura de minicontos publicados nessas plataformas e de uma discussão comparativa entre textos publicados em redes sociais versus os impressos. Na segunda etapa, os alunos produziram minicontos autorais, considerando as características do gênero, e trabalharam na edição e design das publicações, tanto em formato digital quanto impresso. Por fim, na terceira etapa, houve a apresentação das produções e a criação de um projeto coletivo, em que os alunos discutiram as interpretações possíveis para os textos criados pelos colegas.

Antes do início da oficina, percebendo o cansaço dos alunos devido ao final do ano, incluí uma dinâmica que não estava prevista no cronograma, inspirada na metodologia “Peer instruction”. A atividade foi aplicada com o objetivo de revisar e consolidar os conhecimentos sobre o gênero, suas características e a compreensão dos elementos que o compõem.

Os alunos precisavam identificar se uma série de afirmações sobre características do miniconto eram verdadeiras ou falsas levantando placas de cores diferentes. A aplicação da atividade envolveu um momento de reflexão com base nos textos que haviam lido até o momento, incentivando a identificação das características como a concisão, a presença de uma história, a escolha cuidadosa das palavras, e o número reduzido de personagens. Os alunos participaram ativamente da atividade e foram incentivados a justificar suas respostas, o que gerou discussões interessantes sobre o formato e as características do miniconto. Por

exemplo, ao responder se é um texto longo, os participantes afirmaram que não, com base no conhecimento adquirido ao ler textos curtos e concisos durante as oficinas. O debate sobre a presença do título também foi produtivo, já que alguns alunos observaram que nem sempre os minicontos possuem títulos, o que ampliou a compreensão sobre a flexibilidade do gênero.

Ao final, a atividade foi bem-sucedida em revisar conceitos importantes, ajudando os alunos a perceber que, por ser um gênero narrativo breve, ele exige que o leitor faça muitas inferências, ou seja, preencha lacunas e busque uma compreensão além do que está explicitamente narrado. Essa atividade serviu como uma revisão lúdica e interativa, preparando os alunos para as etapas seguintes e reengajando-os no processo de aprendizagem, como ilustra a imagem abaixo:

Imagem: Dinâmico - Verdadeiro ou Falso



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Retornando ao planejamento inicial da última oficina, iniciei a discussão sobre minicontos publicados online lendo um texto que explicava como o gênero encontrou na internet um ambiente ideal para circulação e criação, destacando sua adaptação

às redes sociais devido à brevidade e à dinâmica rápida de plataformas como o Instagram, TikTok e o X (antigo Twitter). O texto também abordava como a internet permite a exploração de temas variados, a combinação de texto com imagens e vídeos, e a interação direta entre autores e leitores, democratizando o acesso à literatura

Em seguida, li com os alunos minicontos publicados no Instagram e TikTok, mostrando diferentes formatos de apresentação, como textos acompanhados de imagens, vídeos curtos e efeitos visuais. Após a leitura, propus uma discussão com quatro perguntas:

Quadro 10 – respostas dos alunos para a discussão sobre os minicontos nas redes sociais

Perguntas	Respostas dos alunos
1) Quais elementos dos textos online podem enriquecer a experiência de leitura?	As hashtags e os comentários mostram o que outras pessoas acharam do texto. As cores e os efeitos chamam a atenção e fazem a leitura ser mais fácil.
2) Qual formato é mais duradouro, postagens em redes sociais ou livros impressos, e por quê?	Acho que os livros impressos são mais duradouros porque a gente pode guardar e reler quando quiser. As postagens nas redes sociais são mais legais, mas depois podem sumir, a pessoa pode desativar o perfil. Nas redes sociais a gente também pode salvar os posts.
3) Como a apresentação visual dos minicontos nas redes sociais impacta a experiência de leitura em	Nas internet temos muitas distrações Os textos com imagens e vídeos são

comparação com os textos impressos?	mais chamativos
4) Qual formato os alunos preferem para ler minicontos e por quê?	Prefiro nas redes sociais porque é mais rápido e a gente pode ler em qualquer lugar, até no celular. Gosto mais dos livros porque a gente pode sublinhar, marcar as páginas e anotar as partes que achamos mais legais.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Enquanto alguns alunos defenderam a relevância das redes sociais para tornar os minicontos e outros gêneros textuais mais acessíveis, outros valorizaram a experiência oferecida pelos livros impressos. A atividade proporcionou uma reflexão sobre os formatos narrativos contemporâneos e estimulou os alunos a pensarem sobre como a tecnologia influencia a leitura e escrita literária.

É importante então, retomarmos o texto de Candido (2000), que explica que ao analisarmos uma obra literária, podemos entendê-la em três níveis:

- Fatores sociais: o contexto histórico e cultural em que a obra foi criada, que influencia seu conteúdo e forma;
- Fator individual: o autor, com suas experiências, intenções e visão de mundo, que também moldam a obra;
- O texto em si: o resultado final, que vai além dos fatores sociais e individuais, carregando significados próprios e permitindo múltiplas interpretações.

Em resumo, uma obra é influenciada pelo seu tempo, pelo autor, mas também tem uma identidade única que vai além desses elementos.

Assim, as discussões realizadas durante a primeira etapa, sobre as redes sociais e como podem ser usadas para compartilhar literatura dialoga com os três níveis de compreensão propostos pelo autor (Candido, 2000), uma vez que está relacionada a compreensão que os alunos precisam ter sobre os “fatores sociais” e “individuais” que influenciam a criação e a recepção de uma obra literária.

Quando discutimos o uso das redes sociais para compartilhar literatura, estamos inserindo a obra em um novo contexto social e tecnológico, que reflete o tempo atual e as dinâmicas culturais da era digital. As redes sociais como plataformas de compartilhamento, ampliam o alcance da literatura e modificam a forma como ela é produzida, consumida e interpretada. Isso se conecta ao primeiro nível de compreensão proposto por Candido: os “fatores sociais”, já que as redes sociais são um fenômeno marcante do nosso tempo, influenciando tanto a criação quanto a circulação de textos literários.

Além disso, ao explorar como os autores as utilizam para publicar minicontos, estamos também considerando o “fator individual” mencionado por Candido (2000). Os autores que publicam nessas plataformas trazem consigo suas experiências e intenções, adaptando-se a um meio que exige concisão, criatividade e engajamento com o público. A escolha de publicar em redes sociais reflete uma identidade e um propósito artístico.

Por fim, o “resultado”, ou seja, o texto publicado nas redes sociais, ganha novas camadas de significado ao ser inserido no contexto digital. Ele vai além dos fatores sociais e individuais, adquirindo características específicas desse meio, como a interatividade, a instantaneidade e a possibilidade de viralização. Isso reforça a ideia de que uma obra é mais do que a soma de suas partes, podendo ser reinterpretada e ressignificada de acordo com o meio em que circula.

Na etapa seguinte, os alunos avançaram para a produção, design e publicação de seus minicontos, explorando a integração entre literatura e tecnologia.

Inicialmente, os alunos (em duplas) selecionaram um tema que fosse do interesse deles, que serviu como base para a construção da narrativa. A ideia é que os alunos pudessem explorar sua criatividade. Logo após, planejaram a história que desejavam contar pensando nas características dos minicontos que haviam trabalhado. Ajudei com a revisão dos textos, circulando pela sala, fazendo observações nos textos de cada dupla a fim de garantir que fosse breve, mas impactante. Foi necessário retomar diversas vezes que era preciso se atentar à linguagem, buscando palavras diretas, adequadas ao público das redes sociais, pois a ideia inicial era a publicação do texto no TikTok, em que a leitura precisa ser rápida e envolvente.

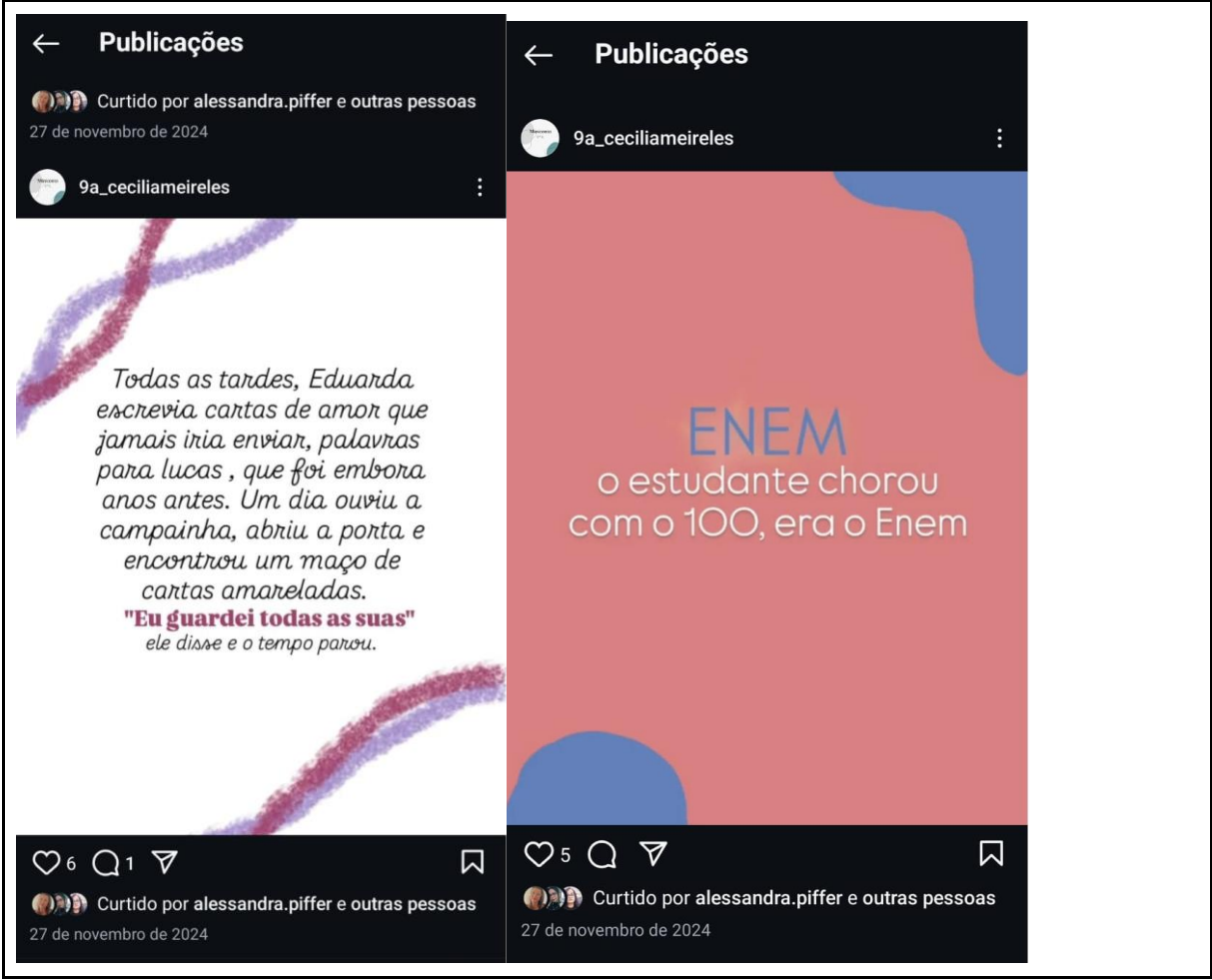
Na sequência, os alunos trabalharam no design de suas postagens utilizando ferramentas como o Canva ou outros editores de imagem, eles combinaram o texto

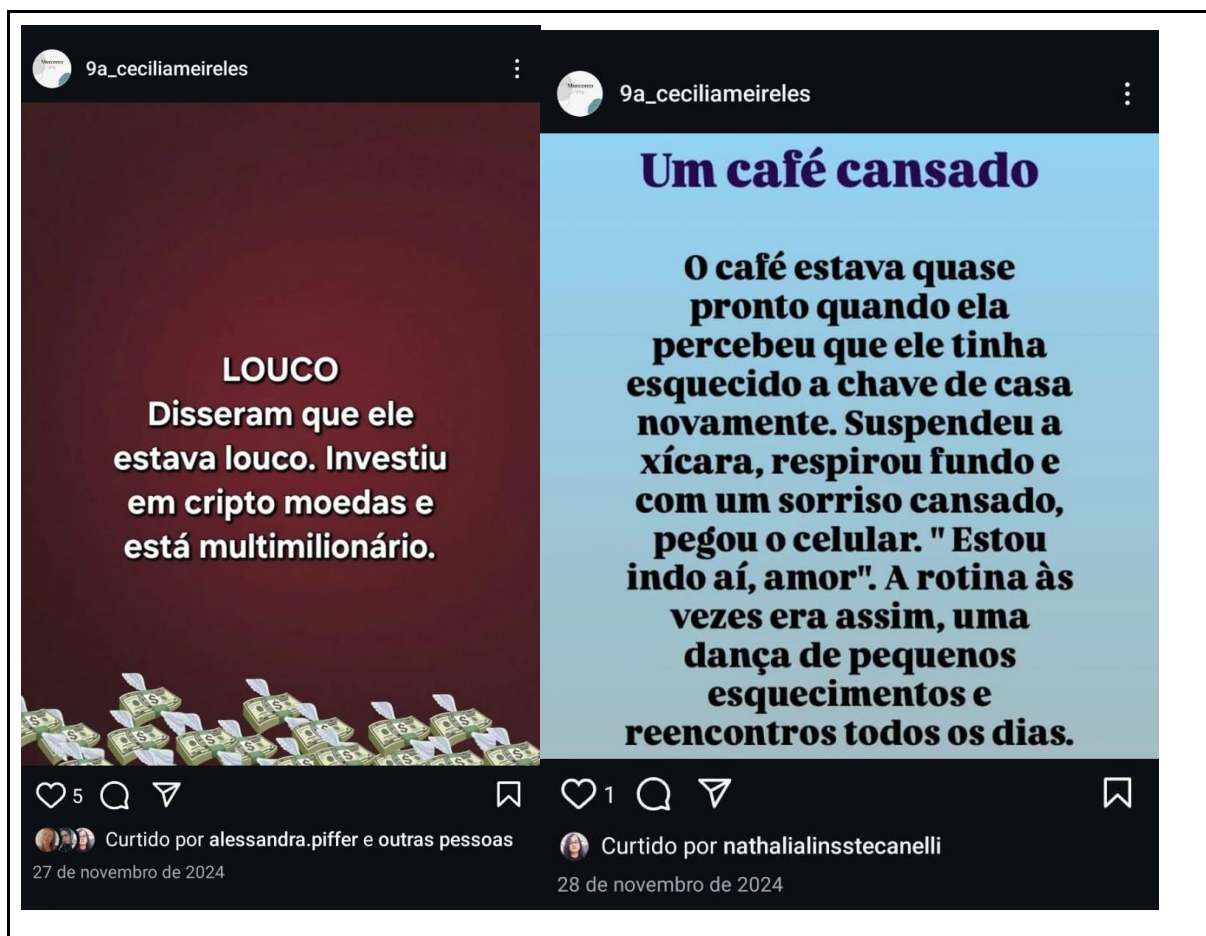
do miniconto com imagens, ilustrações ou fundos que complementassem a narrativa. Foram incentivados a escolher fontes e cores que facilitassem a leitura e chamassem a atenção do público.

Por fim, os alunos publicaram seus minicontos em uma conta criada especificamente para a atividade. Durante a atividade de publicação dos textos, percebi que era necessário adaptar a rede social escolhida inicialmente. O plano era utilizar o TikTok, mas, ao conversar com os alunos, descobri que a maioria não utilizava a plataforma ativamente, limitando-se apenas a consumir vídeos. Apenas uma aluna sabia de fato como criar e publicar conteúdo nessa rede social. Diante disso, optamos por mudar para o Instagram, uma vez que todos os alunos tinham conta e estavam mais familiarizados. Para facilitar o processo, criei um perfil exclusivo para a sala, e uma das alunas se voluntariou para receber os textos com o design pronto e me ajudar a publicá-los. Essa adaptação garantiu que todos pudessem participar ativamente da atividade, tornando a experiência mais inclusiva e próxima da realidade digital dos alunos.

Após a publicação, foram incentivados a interagir com as postagens dos colegas, curtindo, comentando e compartilhando. Essa interação simulou a dinâmica das redes sociais, nas quais o engajamento é fundamental para a visibilidade e o alcance do conteúdo. A Oficina 4 permitiu que os alunos vivenciassem todo o processo de criação literária adaptada ao contexto digital, desde a escrita até a publicação e resultou na produção de 11 minicontos, como os que vemos no quadro a seguir:

Quadro 11 – Respostas dos alunos para a discussão sobre os minicontos nas redes sociais.





Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

A atividade de produção de minicontos tem uma relação direta com as ideias de Hansen (2005) sobre a leitura literária e a interação entre autor, texto e leitor, nas quais ele defende que a leitura literária não é apenas uma decodificação do texto, mas um processo ativo de reconstrução das escolhas estéticas e simbólicas do autor. Dessa forma, ela se torna um diálogo entre o leitor real e o leitor imaginado pelo autor, permitindo uma interpretação mais profunda e significativa da obra.

Na atividade, os alunos escreveram seus minicontos e os adaptaram para o formato das redes sociais, pensando em um público-alvo específico: usuários do TikTok, Instagram e outras plataformas. Eles precisaram considerar como esse público consome conteúdo e ajustar suas produções para se conectarem a ele. Isso envolveu a escolha de temas atrativos, a criação de designs visuais e o uso de hashtags. Ao fazer isso, os alunos exercitaram a capacidade de pensar como o autor, imaginando o leitor ideal e adaptando o texto para ele.

O autor (Hansen, 2005) também enfatiza que a leitura literária exige que o leitor refaça os processos criativos do autor e interaja criativamente com o texto,

respeitando suas convenções e regras. Durante a produção textual, os alunos assumiram o papel de autores, criando seus próprios minicontos. Ao fazer isso, eles tiveram que pensar nas convenções do gênero, nas escolhas linguísticas e temáticas que dariam forma às suas histórias. Essa experiência prática permitiu que entendessem como as decisões criativas influenciam o texto e seu efeito no leitor.

Essa ideia também se manifestou na etapa de publicação e interação nas redes sociais. Ao publicar seus minicontos e receber feedback dos colegas (por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos), os alunos vivenciaram como o leitor pode influenciar e ressignificar o texto. A interação nas redes sociais simulou a dinâmica proposta por Hansen (2005), em que o leitor completa o sentido da obra, trazendo suas próprias interpretações e experiências.

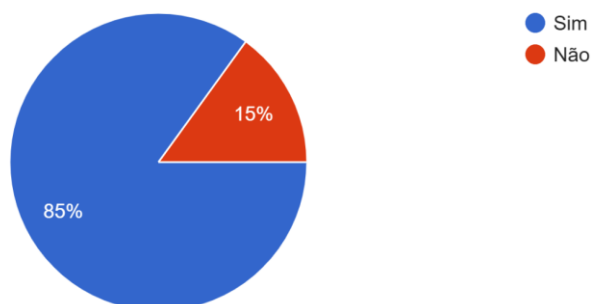
5.5 Avaliação final

A análise da avaliação diagnóstica final teve como objetivo verificar se os alunos desenvolveram a compreensão dos elementos narrativos do miniconto e se a experiência de se colocarem no lugar do autor contribuiu para uma leitura literária mais significativa. A proposta envolveu questões que investigavam a receptividade ao gênero textual, as preferências de leitura (impresso ou digital), o interesse pela produção textual e a facilidade em interpretar esse tipo de narrativa. Além disso, uma questão específica foi dedicada à análise do miniconto "ASSIM", de Luiz Ruffato, para avaliar a capacidade dos alunos de identificar e reconstruir, com suas próprias palavras, a narrativa implícita no texto. Essa etapa permitiu refletir sobre o impacto das atividades no desenvolvimento das competências leitoras.

A análise das respostas dos alunos sobre a leitura de minicontos em sala de aula revela uma predominância de aceitação positiva, com 85% dos estudantes afirmando que gostaram do gênero textual, evidenciando que as características de brevidade e facilidade de leitura são altamente valorizadas. Muitos alunos valorizaram a praticidade de poder terminar a leitura rapidamente, além de mencionarem que os minicontos são divertidos, engajadores e capazes de estimular a imaginação, oferecendo múltiplas perspectivas em poucas palavras. Por outro lado, uma minoria expressou desinteresse, alegando que o gênero não faz parte de suas preferências literárias ou que não se identificaram com ele. No geral, os

minicontos foram bem recebidos pela maioria, principalmente por sua acessibilidade e capacidade de despertar o interesse pela leitura de forma leve e dinâmica, como vemos nas imagens a seguir:

1. A) Depois de ler vários minicontos em sala de aula. Você gostou de ler esse gênero textual?
20 respostas



Entre as justificativas para a resposta acima encontramos:

Quadro 12– Respostas dos alunos para a justificativa da questão 1.

Gostei bastante é bem fácil de ler
É legal pois não é um texto longo.
São gostosos de ler
Porque é curto.
Não gostei não faz meu gosto de minicontos.
Porque é muito interessante e fácil de ler e ser entendido
Não gosto de ler
Porque é um texto curto e atrativo
Achei muito interessante, você pode ter várias perspectiva de um único miniconito
É fácil de ler, algumas vezes engraçado e bem pequeno.
Porque ele é pequeno é possível terminar de ler rápido
Não faz meu tipo

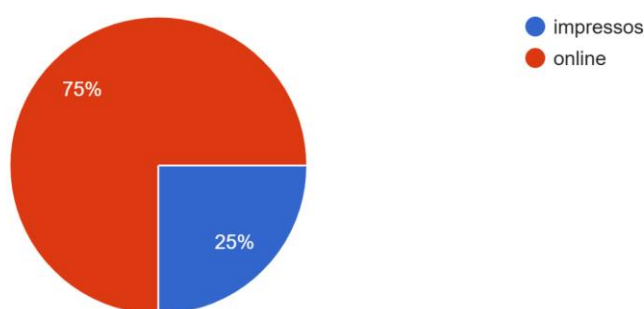
Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Quando foram questionados sobre a preferência entre minicontos impressos ou online, as respostas revelam que a maioria dos alunos (75%) opta pela versão online. As justificativas apontam para a praticidade e a interatividade como os

principais fatores dessa escolha. Muitos participantes destacaram que a leitura online é mais conveniente, possivelmente devido à facilidade de acesso em dispositivos digitais, como celulares e tablets, que fazem parte do seu cotidiano. Além disso, alguns mencionaram que a versão online pode ser mais "divertida" por incorporar elementos multimídia, como músicas e imagens, que enriquecem a experiência de leitura e a tornam mais dinâmica. Por outro lado, uma minoria demonstrou indiferença, afirmando que tanto faz o formato, enquanto outros expressaram apreço por ambas as formas, reconhecendo vantagens em cada uma. No geral, a preferência pelo online reflete uma tendência contemporânea de valorizar a praticidade de recursos tecnológicos. Como ilustra o gráfico:

2. A) Você prefere os minicontos impressos ou online?

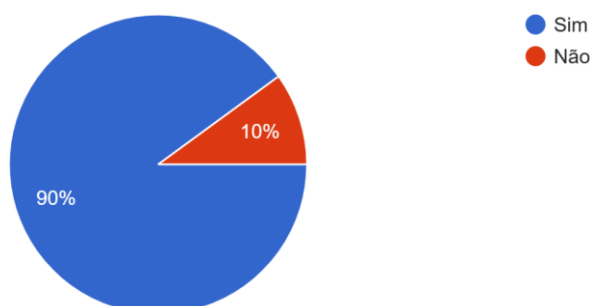
20 respostas



Já a produção de minicontos e a posterior publicação dos textos revela que 90% dos estudantes tiveram uma experiência positiva com a atividade. As justificativas apontam para um sentimento de satisfação e orgulho em ver seus trabalhos publicados, além de destacarem o aspecto criativo e a oportunidade de receber feedback. Muitos alunos valorizaram a chance de expressar suas ideias e demonstrar seu potencial, reforçando a importância de atividades que promovem a autoria e a visibilidade dos estudantes. A possibilidade de revisar e corrigir os textos também foi mencionada como um ponto positivo, indicando que a atividade contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de escrita e autocrítica. Apesar de uma minoria ter expressado desinteresse, classificando a atividade como "chata", a maioria enxergou a produção de minicontos como uma experiência enriquecedora e motivadora, que une criatividade, aprendizado e reconhecimento. Veja nos dados a seguir:

3. A) VOCÊ GOSTOU DE PRODUZIR MINICONTOS E DEPOIS VER SEUS TEXTOS PUBLICADOS ONLINE?

20 respostas



Quadro 13 – Respostas dos alunos para a justificativa da questão 3.

Por que é um meio de mostrar para a escola que os alunos têm potencial

é bem legal ver o que as pessoas acham sobre e é legal criar também

Muito chato.

Foi uma experiência muito boa

Porque é legal

Sim foi muito legal compartilhar texto com as outras pessoas

Já até escrevi alguns no meu tempo livre e mostrei para a professora.

Porque todos vão ver o miniconto feito pelos meus colegas na internet

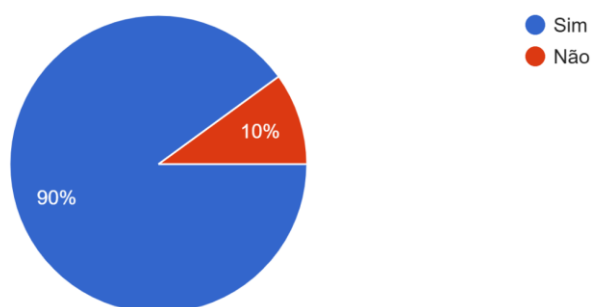
sim, foi muito legal compartilhar o nosso texto com outras pessoas

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

A análise dos resultados da questão 4 revela que 90% dos alunos acreditam que, após as atividades realizadas, será mais fácil compreender textos do mesmo gênero. As justificativas apresentadas, como “porque agora eu sei mais sobre, como criar, como interpretar” e “entendi melhor como criar e interpretar minicontos”, indicam que o processo de estudo não apenas transmitiu conhecimentos sobre as características dos minicontos, mas também desenvolveu habilidades interpretativas e criativas nos estudantes. Esse dado sugere que a abordagem adotada em sala de aula foi eficaz, contribuindo para um maior domínio dos elementos textuais e, consequentemente, fortalecendo a confiança dos alunos para enfrentar desafios similares no futuro.

4. Você acredita que agora será mais fácil compreender os textos do mesmo gênero textual?

20 respostas



A análise das respostas evidencia que os alunos compreenderam, de forma geral, a essência irônica e crítica do miniconto. A narrativa, que contrapõe a promessa de amor eterno com o abandono após a formação da família, foi interpretada pela maioria como uma crítica à irresponsabilidade afetiva do protagonista. Muitos alunos enfatizaram que o personagem, ao prometer amor e gerar filhos, revelou sua falta de compromisso ao desaparecer, deixando a parceira sozinha para enfrentar as consequências. Essa leitura mostra que os estudantes conseguiram identificar não apenas a sequência dos eventos narrados, mas também a tensão e a ambiguidade que tornam o miniconto uma reflexão sobre relações e promessas vazias. Mesmo com variações na forma de expressar suas interpretações, as respostas convergem para a mesma ideia central, demonstrando uma boa capacidade de leitura e análise crítica do texto proposto, como vemos nos exemplos do quadro:

Quadro 14 – Respostas dos alunos para a história presente no miniconto “Assim” de Luiz Ruffato.

Está falando de uma esposa que ele amava deu filhos e sumiu no mundo, e deixou para ela cuidar sozinhas deles

Ela conheceu um cara que jurava amor eterno para ela mas ele só quis aproveitar dela para ter relações, encheu ela de filhos e acabou indo embora, deixando ela sozinha com os filhos.

O homem jurou amor eterno a mulher ele a encheu de filhos e depois ele sumiu no mundo

Fala sobre um homem que promete amor eterno a sua mulher, depois de terem filhos juntos ele a abandona.

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos investigar a relação entre a produção escrita e competência leitora dos alunos, partindo da hipótese de que, ao se colocar como autor de um texto literário, o leitor poderia ter uma compreensão mais ampla e profunda dos textos, já que este teria que, forçosamente, ocupar o lugar do autor. Assim o fazendo, teria a oportunidade de refazer os procedimentos autorais o que poderia levar a uma compreensão mais profunda do gênero e de seu funcionamento. Assim, este autor-leitor se tornaria, por sua vez, um leitor mais experiente e com uma compreensão mais aprofundada do gênero literário trabalhado no processo de escrita.

No decorrer das reflexões realizadas percebemos a responsabilidade do educador no contexto brasileiro, historicamente marcado pela exclusão literária e pela desigualdade no acesso à cultura escrita. A escola, e particularmente o professor da educação básica, assume, assim, uma função social e pedagógica crucial ao criar condições para o letramento literário, oferecendo aos alunos oportunidades concretas de contato, fruição e reflexão sobre textos literários. Esse trabalho vai além da mediação: envolve o enfrentamento de barreiras culturais, o estímulo ao gosto pela leitura e a construção de uma relação sensível e crítica com

a linguagem. Considerando que, para muitos estudantes, a escola é o único espaço de aproximação com obras literárias, a atuação docente se torna um ato político e transformador, fundamental para a formação de leitores autônomos e conscientes.

A metodologia adotada fundamenta-se na pesquisa-ação, uma abordagem de caráter propositivo que parte da prática pedagógica para identificar diagnósticos iniciais e delimitar o problema de pesquisa. O recurso educacional foi composto por quatro oficinas planejadas para o 9º ano, com atividades voltadas ao desenvolvimento do letramento literário por meio do gênero miniconto.

A primeira oficina buscou avaliar a compreensão, interpretação e reconhecimento dos elementos da narrativa, além da habilidade de síntese ao transformar contos em minicontos. A segunda, explorou a leitura, análise e cooperação criativa a partir de minicontos, enquanto a terceira focou na retextualização e adaptação narrativa, explorando síntese e adaptação de histórias. Por fim, a quarta oficina promoveu a produção e publicação de minicontos em redes sociais, estimulando reflexões sobre o uso dessas plataformas para a publicação dos textos.

Como eixo central, todas as atividades foram ancoradas nos preceitos da leitura literária conforme proposto por Candido (1999, 2000), Hansen (2005) e Aguiar (2000), reforçando a importância da análise do texto literário. A avaliação formativa, livre de atribuição de notas, permitiu identificar avanços e dificuldades dos alunos, bem como verificar os impactos dessa abordagem no desenvolvimento de suas competências leitoras e interpretativas.

A pesquisa demonstrou que a escrita literária pode ser uma estratégia eficaz para o desenvolvimento do letramento literário, especificamente, no caso do estudo do gênero literário minicontos. A intervenção didática permitiu que os alunos aprimorassem sua competência leitora e se engajassem no processo de criação literária, promovendo maior interesse e envolvimento com a literatura. Os exercícios aplicados evidenciaram que a concisão e o impacto desse gênero textual facilitam a participação dos estudantes. Além disso, a divulgação das produções em plataformas digitais mostrou-se um fator motivador, proporcionando um contexto mais dinâmico e interativo para o aprendizado. Os resultados sugerem que o uso do miniconto no ensino de literatura pode contribuir para a superação das dificuldades de interpretação de texto frequentemente observadas entre os alunos. A experiência

de produção textual os ajudou a compreender as nuances da linguagem literária e a desenvolver maior autonomia na construção de sentidos.

Embora a pesquisa tenha alcançado importantes resultados, algumas lacunas foram identificadas ao longo do processo. Devido ao período de aplicação das atividades, no final do ano letivo, a atenção e o engajamento dos alunos foram impactados, além de haver registros de faltas em algumas aulas, o que limitou a participação de todos nas etapas propostas.

Outra reflexão relevante é que a avaliação final planejada poderia ter sido dispensada, uma vez que a própria produção e publicação dos minicontos nas redes sociais demonstraram a compreensão dos alunos sobre o gênero textual e o alcance dos objetivos traçados. Essas questões evidenciam a necessidade de um planejamento que considere um período mais propício e ajustável ao calendário escolar, além de uma maior flexibilidade na avaliação dos resultados.

Assim, o Profletras teve um papel fundamental em minha trajetória acadêmica e profissional, proporcionando uma formação teórica integrada à prática, que enriqueceu minha atuação docente. Embora, realizar o mestrado profissional enquanto atuava em sala de aula, conciliando a sobrecarga de trabalho docente, marcada por múltiplas demandas e pouco tempo para planejamento e formação, tornou o percurso de continuidade dos estudos ainda mais árduo e exigiu não apenas organização e disciplina, mas também resiliência diante do cansaço físico e emocional.

A realização dos estudos do programa representou não só uma conquista pessoal, mas também um compromisso ético com a melhoria da prática pedagógica e com a transformação do espaço escolar. A partir das reflexões e atividades propostas ao longo do curso, foi possível aprofundar os conhecimentos sobre literatura e ensino, e desenvolver metodologias aplicáveis ao contexto escolar.

O presente trabalho, ancorado nessa formação, também possui relevante impacto social, ao buscar fomentar o letramento literário por meio do gênero miniconto, promovendo a leitura crítica, a interpretação e a produção de textos literários por estudantes do ensino fundamental. Essa abordagem contribui para a formação de leitores autônomos, capazes de interagir com os textos de forma reflexiva e crítica, além de estimular a valorização da literatura como um importante instrumento cultural e educativo. Dessa forma, este estudo reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam a leitura literária, ou seja, a formação de um

leitor literário não se dará apenas com a leitura do gênero aqui explorado, mas na leitura e estudo de outros gêneros que, somados na vida do estudante, contribuirão para sua formação como leitor e como ser humano.

7 REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Flávio. **As questões da crítica literária**. In: Martins, M. H. Outras leituras. São Paulo: Itaú Cultural/ Senac, 2000.

ÁLVARES, Cristina. **Quatro dimensões do microconto como mutação do conto: brevidade, narratividade, intertextualidade, transficcionalidade**. GUAVIRA LETRAS, n. 15, ago.-dez. 2012. Disponível em: <http://marcacini.com.br/seer/index.php/guavira/article/viewFile/284/256> Acesso em: 10 fev. 2024

BARBOSA, B. T. *Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem*. Revista Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 145-167, mar./ago. 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria dos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BUENO, Matheus Felipe Xavier, 1997-. **Minicontos e minicontos digitais: potencialidades dos gêneros para o desenvolvimento dos letramentos e multiletramentos** / Matheus Felipe Xavier Bueno; Orientadora: Roxane Helena Rodrigues Rojo. – Campinas, SP: Unicamp / Publicações IEL, 2021.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-do-rio-de-janeiro/relacoes-interetnicas/iniciacao-a-literatura-brasileira-antonio-candido/7765665> Acesso em: 18/05/2024

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004, pp. 169-191

CAPAVERDE, Tatiana. **Intersecções possíveis: o miniconto e a série fotográfica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

CULLER, J. **O que é literatura e tem ela importância**. In: CULLER, J. Teoria literária: **uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999, p. 26-47.

CULLER, J. Narrativa. In: CULLER, J. **Teoria literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999, p. 84-94.

FERREIRA, Yvonélio Nery. *O CONTO, DA TRADIÇÃO À CONTEMPORANEIDADE: UM EXEMPLO EM LUIZ VILELA*. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 59, p. 301–319, 2019. DOI: 10.12957/teias.2019.46212. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/46212>. Acesso em: 4 abr. 2025.

FREIRE, Marcelino. (Org.) **Os cem menores contos brasileiros do século**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

HANSEN, J.A. **Reorientações no campo da leitura literária**. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, ALB, São Paulo: Fapesp, 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Divulgados os resultados do Pisa 2022. *Portal Gov.br*, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/acoes-internacionais/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>. Acesso em: 11 ago. 2024.

KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1995.

OLIVEIRA, Jurene Veloso dos Santos; SILVA, Simone Bueno Borges da. [Os gêneros textuais digitais como estratégias pedagógicas no ensino de língua portuguesa na perspectiva dos \(multi\)letramentos e dos multiletramentos](#). *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, n. 3, set./dez. 2020.

PAIVA, Aparecida. **Literatura e leitura literária na formação escolar: caderno do professor** / Aparecida Paiva; Graça Paulino; Marta Passos. Belo Horizonte: Ceale, 2006. 72 p. (Coleção Alfabetização e Letramento). ISBN 85-99372-38-6.

PAULINO, Graça [et al.]. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PAULINO, M. G. R. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista da Faced/UFBA**, Salvador, n.5, p.56, 2001.

PAULINO, Graça. **Saramago na pedagogia: leitura literária e seu uso docente**. In: MARINHO, Marildes. CARVALHO, Gilcinei. *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. **MICROCONTO** - DOSSIÊ. *Carandá*, v. 4, 2011.

SAEB 2001: **novas perspectivas / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**. – Brasília: O Instituto, 2001. Acesso em: 22/01/2025

Santos, J. R. de O., & Yamakawa, I. A. (2017). A leitura e o letramento literário em perspectiva: discutindo abordagens, matizando conceitos. **Revista X**, Curitiba, 12(3), 84-101.

SILVA, Olga Ozaí Da. Miniconto: **uma nova proposta para a literatura juvenil**. 2013. 101f. Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2013.

SOARES, Angélica. **Gêneros textuais**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Literaturas brasileira, portuguesa e luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13816> Acesso em 12/04/2025

SPALDING, Marcelo. Presença do miniconto na literatura brasileira. **Revista Conexão Letras**, v. 7, n. 8, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55443> Acesso em: 12/04/2025.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VIEIRA, Miguel Heitor Braga. **Formas mínimas: minificção e literatura brasileira contemporânea** / Miguel Heitor Braga Vieira. – Londrina, 2012. 168 f.

BRAGA, Miguel Heitor. Origens do miniconto brasileiro contemporâneo. **Revista Língua & Literatura**, v. 17, n. 28, p. 66-80, ago. 2015.

ZAPPONE, M. H. Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Teoria e Prática da Educação**, v. 03, p. 47-62, 2007.

ZAPPONE, M. H. Y. **Formas Ficcioneais Contemporâneas e Educação Literária**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC. 11. "Anais '[s.n.]'". São Paulo, 2008.

ZAPPONE, M. H. Y. **Letramento, leitura literária e escola**. In: 1º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 4º Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, Maringá, Anais... [s.n.], 2009